

MACAU

com os Olímpicos

IV Série Nº 11

Junho, 2008 Trimestral

RUMO A PEQUIM

Tudo sobre a participação lusófona
nos Jogos Olímpicos



Paula Ling

UMA AÇOREANA NO PALÁCIO DO POVO

Filipe Bragança

O CRIADOR DE CARROS

ISSN 0671-004X



9 770871 004001

Director

Victor Chan Chi Ping

Director Executivo

Louie Wong Lok I

Editor Executivo

Fernando Sales Lopes

Propriedade

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau

Endereço

Avenida da Praia Grande, nºs. 762 a 804
Edif. China Plaza, 15º andar, Macau
Tel: +(853) 2833 2886 Fax: +(853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo



Junho, 2008

Produção, Gestão e Distribuição

Delta Edições, Lda.
Tel: +(853)2832 3660 Fax: +(853)2832 3601
e-mail: info@deltapublishing.com.mo

Editor

Luís Ortet

Direção Gráfica

José Manuel Cardoso
Graffiti - Arte & Comunicação

Colaboradores Permanentes

Ina Chiu, Joyce Pina, Marta Curto e Patrícia Lemos

Colaboraram nesta edição

Alexandra Lages, António Falcão (fotografia), António Mil-Homens (fotografia), António Simões, Carmo Correia (fotografia), Gilberto Lopes, José Carlos Matias, Marco Antinossi, Marco Carvalho, Mariana Palavra, Pedro Figueiredo, Ricardo Bordalo, Ricardo Franco (fotografia) e Rui Boavida

Administração, Redacção e Publicidade

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E
Edif. Centro Comercial "First International"
14º andar, Sala 1404
Tel: +(853) 2832 3660 Fax: +(853) 2832 3601
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

Impressão

Tipografia Welfare, Macau

Tiragem

3 000 exemplares
ISSN: 0871-004X

■ ANGOLA: 300,00 AON ■ BRASIL: R \$8,50 ■ CABO VERDE: 350\$00 CVE
■ GUINÉ-BISSAU: 2000,00 XOF ■ MACAU: 30,00 MOP ■ MOÇAMBIQUE:
100.000,00 MZM ■ PORTUGAL: 3,00 ■ S.TOMÉ e PRÍNCIPE: 30.000,00
STD ■ TIMOR-LESTE: US \$3,80 ■ RESTO DO MUNDO: US \$3,80

Quatro dezenas de atletas provenientes de nove países vão realizar em Macau os seus estágios pré-olímpicos. Terão contribuído para essa opção as infra-estruturas hoteleiras e olímpicas de que a Região dispõe.

Macau dá assim o seu contributo entusiástico para a jornada olímpica do próximo mês de Agosto em Pequim, depois de ter feito parte do itinerário do transporte da chama olímpica pelo mundo e pela China.

Sendo esta a edição da revista MACAU que antecede os Jogos de Pequim, não poderíamos deixar de dar o correspondente destaque do evento nas nossas páginas, informando o leitor das expectativas, não só da China mas também dos diversos países de língua portuguesa, um tema que ocupa mais de metade das páginas da edição.

Uma das novas caras na Assembleia Popular Nacional (o Parlamento chinês), que se reuniu em Março no Palácio do Povo, é a advogada de Macau Paula Ling, que cresceu nos Açores, em Portugal, e assim levou para os corredores políticos da capital chinesa o seu passado em língua portuguesa. Apresentamos nas nossas páginas o seu perfil.

Outros temas abordados na MACAU de Junho são a presença no território de falantes da língua portuguesa das mais diversas origens, a criação de pássaros, uma tradição chinesa de Macau que ainda tem os seus cultores, e os dez anos da Escola Portuguesa de Macau, além do noticiário e das secções próprias da revista. ■

Luís Ortet

Rectificação

No trabalho publicado na edição de Março sobre a passagem por Macau da Companhia Nacional de Ballet da China, o texto intitulado "A Dama do Ballet" passava em revista a carreira da directora artística Zhao Ruheng. No entanto, para ilustrá-lo, foi utilizada, erradamente, uma fotografia das relações públicas da companhia, Pearl Chan Po-Chu.

Os artigos assinados expressam as opiniões dos seus autores e não necessariamente as da revista MACAU.

■ Perfil

Uma “açoriana” no Palácio do Povo, 4
Gilberto Lopes

■ Olímpicos 2008

Plataforma para Pequim, 16

José Carlos Matias

Macau presente nos Paralímpicos, 20

José Carlos Matias

Olé! Olé! Momentos Gloriosos, 22

Mariana Palavra

Negociar com os terroristas, 30

Gilberto Lopes

Oportunidade de ouro para os atletas chineses, 32

Rui Boavida

Hora de Vanessa cumprir destino que Fernanda Ribeiro lhe abriu, 36

António Simões

Basquetebol e andebol

as grandes apostas de Angola, 44

Ricardo Bordalo

À espera de Mutola, 48

Pedro Figueiredo

Canarinhos já pensam em 2016, 52

Marco Antinossi

Quando a ambição é apenas participar, 60

Alexandra Lages

Tantos Deuses por onde escolher, 62

António Simões

Metade da população na rua para saudar a tocha olímpica, 68

Gilberto Lopes

■ Tecnologia

Vêm aí os veículos eléctricos, 70

Gilberto Lopes

■ Lusofonia

Português de todas as cores, 78

Marta Curto

■ Ensino

Nota 10, 88

Mariana Palavra

■ Tradições

Pássaros de uma vida, 104

Marta Curto

CAPA



Aproxima-se a festa olímpica, que terá a capital Pequim como palco. Aí se encontrarão os campeões do mundo desportivo e da fraternidade entre os povos. Países de língua portuguesa responderam à chamada.

Macau, que foi uma das etapas do itinerário da tocha olímpica, será igualmente a anfitriã dos estágios pré-olímpicos de nove dos países participantes nos Jogos.

Fotografia da capa: Dado

ENCONTRO DE MUNDOS



Em Março uma deputada chinesa de cabelos brancos estreava-se nos corredores do Poder do Palácio do Povo, em Pequim. Nas suas memórias levava a recordação de uma infância vivida no arquipélago português dos Açores e 30

anos de residência em Macau. Mundos distantes encontram-se numa mesma pessoa.

CARROS PARA TODOS



É português e especialista em *design* de carros. Sejam eles para estarem presentes nos Jogos Olímpicos de Pequim ou nas ruas de cidades chinesas ou dos Estados Unidos da América.

Professor na Universidade de Sun Yat Sen, em Cantão, e no Instituto Inter-Universitário de Macau, Filipe Bragança divide o seu tempo entre o Continente e a Região Administrativa Especial de Macau.

ROSTOS DA LUSOFONIA



Um jogador de futebol nascido em S. Tomé, uma brasileira que trabalha num dos restaurantes de cozinha internacional de Macau e um guineense estudante de Direito na Universidade de Macau – três histórias da presença em Macau de

cidadãos provenientes de diversos países de língua portuguesa.

SECÇÕES

■ NOTICIÁRIO, 76, 84 e 86

■ CARTAZ, 116

■ RETRATO, 124

Macau 2007

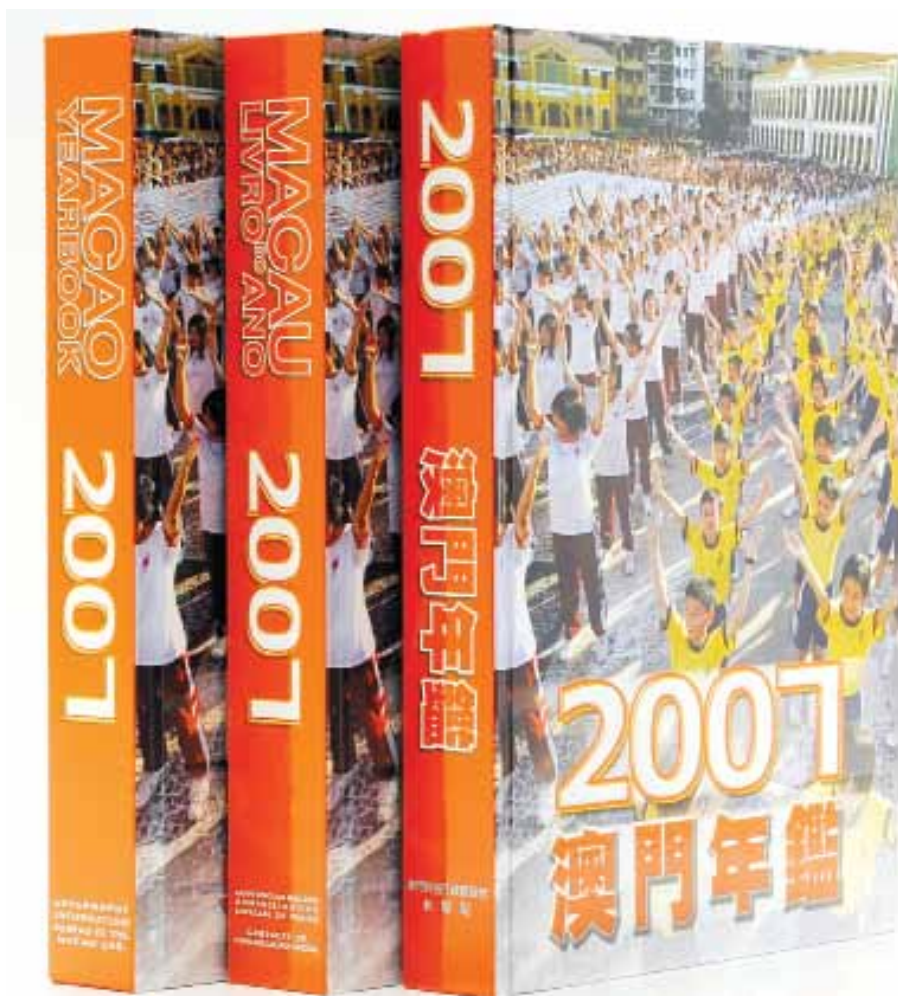
Livro do Ano

MACAU 2007

Livro do Ano é uma publicação anual do Gabinete de Comunicação Social que regista de forma sistematizada o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural da região administrativa especial.

MACAU 2007

Livro do Ano, meio essencial para todos quantos desejam estudar e compreender melhor a realidade da RAEM, publica-se nas versões chinesa, portuguesa e inglesa ao preço de capa de 120 patacas.



As edições chinesa, portuguesa e inglesa podem ser adquiridas em Macau nos seguintes locais: Plaza Cultural, Livraria Seng Kwong, Livraria Portuguesa, Livraria Wan Tat, Elite Bookstore, Livraria Uma, Livraria Universal e, ainda, na loja da Divisão de Filatelia (Sede) e estações dos serviços de correios da Rua do Campo, do Terminal Marítimo, do Aeroporto e da Urbanização Nova Taipa, na Imprensa Oficial (Sede) e Loja da Imprensa Oficial sita na Rua do Campo Edifício Administração Pública; e em Hong Kong na Commercial Press (HK) LTD e Cosmos Books LTD.



Uma “açoriana” no Palácio do Povo

Nasceu em Zhejiang, na China, cresceu nos Açores, mas vive em Macau há mais de 30 anos. Paula Ling é a primeira deputada da Assembleia Popular Nacional, o parlamento chinês, a dominar a língua portuguesa

Poucos dias depois de ter participado, pela primeira vez, no emblemático Palácio do Povo, em plena praça Tiananmen, na reunião anual da Assembleia Popular Nacional, recebe a **MACAU** no seu escritório, situado no 23º andar do *Landmark*, em plena avenida da Amizade. Os novos edifícios do NAPE (Novos Aterros do Porto Exterior) vão cortando a ampla vista que tinha da Taipa, tornando a vida agitada da advogada menos agradável. Os seus cabelos brancos transmitem-lhe uma imagem de serenidade. Fala pausadamente e não foge às questões. De vez em quando, à boa maneira chinesa, recorre a uma imagem para responder.

O primeiro deputado da Assembleia Popular Nacional, o parlamento chinês, a dominar a língua de Camões e Saramago aprendeu a ler e a escrever português nos Açores. Natural de Zhejiang, perto da cosmopolita Xangai, Paula Ling mudou-se ainda criança para a Praia da Vitória, na ilha Terceira.

Pai comerciante nos Açores

Em 1949, a China vivia momentos agitados. O pai deixa Zhejiang e fixa-se em Taiwan. A família, já depois de criada a República Popular da China, acabaria por se reencontrar em Hong Kong, mas mais tarde o antigo oficial da Marinha decidiu dar outro rumo à vida e estabeleceu-se nos Açores como comerciante, onde estava já radicado um cunhado. “Ainda frequentei a escola primária no interior do País e em Hong Kong, mas acabei por fazer a instrução primária em Portugal”, conta.

Só regressaram à terra natal 20 anos depois. Já Deng Xiaoping tinha feito aprovar, no grande cenário do Palácio do Povo, que agora Paula Ling bem conhece, o socialismo de característica chinesas.

Na década de 60 do século passado, a vida era muito pacata na Praia da Vitória. “Havia muito pouca coisa para fazer. As pessoas passavam o tempo entre o trabalho e casa ou os estudos e casa”, nota. “Não tínhamos muitas belezas naturais, mas havia muitas pastagens, vaquinhas, leite fresco, boa carne. Para uma jovem não era uma terra atraente. A sociedade era muito fechada, as raparigas namoravam a partir da janela. Passei a minha infância fechada em casa, o meu pai, que era muito conservador, não gostava que saísse. Não era uma adolescente muito sociável”, diz com um sorriso nos lábios.

Nos Açores conheceu então o magistrado e escritor Rodrigo Leal de Carvalho, que anos mais tarde veio reencontrar em Macau, “era o nosso senhorio, pois os meus pais tinham arrendada uma casa à família dele”.

Na Praia da Vitória não havia na altura liceu, era preciso ir a Angra do Heroísmo fazer os exames. “Estudava em casa, tinha explicações. Foi assim que fiz do primeiro ao quinto anos. O sexto e o sétimo anos já foi em Angra da Heroísmo”, recorda.



Foi pela primeira vez a S. Miguel no passeio de finalistas e só visitou o Faial anos mais tarde, quando era professora na Praia da Vitória. “Não conheço todas as ilhas. Um dia ainda vou conhecê-las”, garante. Gosta de regressar aos Açores de férias, onde já só tem dois primos. O pai viveu os últimos anos da sua vida em Macau, onde se tinha fixado um dos seus três filhos.

Paixão por Macau

No início dos anos 1970 aterra em Lis-



Álbum: Com a família, com alunos da Escola Comercial, nos tempos da Praia da Vitória, à partida para a Holanda para frequentar o curso de fotogrametria, e com os colegas do curso de Direito

boa para frequentar medicina, onde foi colega de Maria Gonçalves, irmã de Manuel Gonçalves, administrador-delegado da Teledifusão de Macau (TDM). “Partir para Lisboa era uma grande festa. A viagem de barco demorava uma semana. Ir de avião era muito complicado, já que não havia ligações directas, mas apenas um voo que vinha dos

Estados Unidos e parava nos Açores”, lembra.

Gostava muito de medicina e queria ser médica, mas depois de ter concluído o primeiro ano a mãe faleceu. “Tive que interromper o curso, pois tinha que cuidar do meu irmão mais novo e do meu pai”.

De regresso ao Açores, assume as funções de subdirectora do ciclo preparatório da Praia da Vitória. “Não havia ainda escola secundária e fui professora durante cinco anos”.

No Verão de 1977 visita pela primeira vez Macau. Para matar saudades do irmão mais velho, que trabalhava na Companhia de Electricidade de Macau (CEM). Durante dois anos dá aulas na Escola Comercial Pedro Nolasco da Silva. “Gostei do território e por cá fiquei”, conta. “A minha cunhada era topógrafa e acabei por optar por essa profissão. Como fiquei em primeiro lugar no curso fui para a Holanda fazer um curso



Festa de finalistas do sétimo ano, nos Açores

“Não gosto da barra. Faço mais trabalho de escritório”

“A situação da mulher está bem defendida em Macau”

de fotogrametria”. Anos mais tarde, ingressou nos Serviços de Estatística e Censos.

“Nunca pensei no curso de Direito”

O futuro de Macau tinha ficado traçado em Abril de 1987 com a assinatura da Declaração-Conjunta, documento rubricado pela China e Portugal sobre o território. A formação de quadros era então uma prioridade do Governo de Macau, que avança com a criação do curso de Direito na então Universidade da Ásia Oriental, hoje Universidade de Macau. “Na altura, o meu chefe nos Serviços de

Estatística e Censos, Daniel Coutinho, incentivou-me a frequentar Direito. Estava a tratar do ficheiro de agentes económicos e precisava de ter alguns conhecimentos de Direito”, recorda. Mulher discreta, de bom senso, ponderada, calma, no dizer de quem a conhece bem, é também muito pragmática. “Nunca na minha vida pensei no curso de Direito. Fiz o sétimo ano de Ciências e para ir para Direito era preciso ser uma pessoa bem falante, redigir muito bem, falar horas e horas. Sempre fui mais ligada às ciências. Mas o chefe mandou-me matricular no curso e fui inscrever-me, apesar de não ter nenhuma inclinação para as leis”, nota hoje



“Quando assistia às aulas dos professores Oliveira Ascensão e Vitalino Canas tinha enormes dificuldades em acompanhar o raciocínio. Estava ali a fazer um grande sacrifício, ao contrário de muitos colegas que estavam a concretizar um sonho”



Com José Chu e o então presidente do Tribunal Superior de Justiça, Farinha Ribeiras (foto em cima, à esquerda). Com os juízes Gil Oliveira e Álvaro Dantas e com Jorge Neto Valente e Vong Hin Fai no Dia do Advogado em 1999

passados vários anos após uma decisão que mudou a sua vida. O primeiro ano em Direito foi um “castigo”. “Quando assistia às aulas dos professores Oliveira Ascensão e Vitalino Canas tinha enormes dificuldades em acompanhar o raciocínio. Estava ali a fazer um grande sacrifício, ao contrário de muitos colegas que estavam a concretizar um sonho”, diz. “Foi graças ao meu chefe, que quase todos os dias ia ao meu gabinete ver se tinha ido para as aulas, que tirei o curso. No segundo ano comecei a perceber as matérias e tudo se tornou mais fácil”. Em 1993 termina o Curso de Direito. É, de resto, uma das primeiras licen-

ciadas pela Faculdade de Direito da Universidade de Macau. Faz o estágio no escritório de Francisco Gonçalves Pereira e Frederico Rato. Cinco anos depois passa a ser sócia daquele que é um dos principais escritórios de advogados de Macau. Logo que concluiu a licenciatura, passou a assistente na Faculdade de Direito. O que aconteceu até Junho do ano passado. “Para continuar a dar aulas tinha que fazer o mestrado e o doutoramento, mas é impossível conciliar isso com o trabalho que tenho”, comenta, deixando evidenciar alguma mágoa por ter deixado as aulas na Universidade de Macau.



“Temos que respeitar a filosofia e o conjunto de valores que estiveram na origem dos actuais códigos”

Viajar e ler

Antiga vogal da direcção da Associação dos Advogados de Macau e ex-presidente do Conselho Superior de Advocacia, Paula Ling reconhece que os advogados, à semelhança do que está a acontecer com a economia da RAEM, vivem dias de bonança. “Quando a economia está má, os advogados não têm tanta actividade. Actualmente, a economia está

pujante e, por isso, os advogados têm muito trabalho”, nota, sublinhando que muitos colegas jovens têm aberto os seus próprios escritórios, o que é um sinal positivo. Macau necessita, de resto, de mais advogados, “o mercado é que dita as regras e o mercado tem dito que precisa de mais profissionais”.

Católica praticante, tem um apurado sentido feminino. “Está sempre disposta a defender as mulheres nas mais diversas situações”, contou à **MACAU** uma das suas amigas. Integra a Associação das Mulheres e a Comissão Consultiva para os Assuntos das Mulheres, criada pelo Chefe do Executivo com o objectivo de promover os direitos e interesses das mulheres e o melhoramento das suas condições de vida.

“A situação da mulher está bem defendida em Macau, em comparação com outros países e territórios da Ásia. A legislação defende os interesses da mulher. A violência doméstica não é uma situação gritante na RAEM”, afirma a propósito da situação da mulher em Macau.

Gosta de viajar e de ler, agora mais em chinês. “O meu português está cada vez mais degradado. Leio muito, de revistas a livros. Com um livro posso ficar vários dias em casa sem sair à rua”, revela. Dos três filhos, apenas a mais nova domina um pouco a segunda língua oficial da RAEM. Mulher frugal, “não dá grande importância aos bens materiais e não gosta de gastar dinheiro”, como reconhece um amigo de longa data. “Temperada pela vida, ajudou o irmão mais novo a crescer e só a sua determinação lhe permitiu chegar onde já chegou”, frisa outro colega.

Evita ir a tribunal defender os clientes. “Não gosto da barra. Faço mais trabalho de escritório”, lembra. “Quando vim para o escritório estagiar disse isso ao Francisco Gonçalves Pereira e fiquei mais sossegada quando ele me respondeu que também não ia a tribunal”. ■

“Não é necessário saber português para ser um bom jurista”



O ensino do Direito deve ser, essencialmente, em chinês, defende Paula Ling. “A maioria da população, os habitantes da RAEM, não percebem que seja necessário saber português para ser um bom jurista”, nota. “Depois da criação da região administrativa especial é difícil encontrar emprego se dominar apenas o português. A maioria sabe chinês e quer prosseguir os seus estudos em chinês”, assevera. “As pessoas dizem que não se deve obrigar os juristas a saber português. Isso ainda não é possível, mas no futuro acredito que seja uma realidade”, frisa.



Depois de reconhecer que os primeiros anos foram muito complexos para a Faculdade de Direito, já que não havia professores qualificados para ensinar em língua chinesa, Paula Ling afirma que “existe agora um quadro de professores com qualificação (muitos fizeram mestrado e doutoramento, em Macau ou no continente)”, embora admita que é necessário continuar a fazer esforços para formar mais docentes. E adianta: “há pouca jurisprudência e doutrina em chinês, mas as leis são agora feitas sobretudo em chinês e, portanto, no futuro a situação vai alterar-se profundamente”. A antiga docente admite que, por enquanto, o domínio do português é fundamental, já que ajuda a conhecer e a interpretar melhor os conceitos, mas a médio prazo tudo vai estar em língua chinesa. “Conhecer as duas línguas é o ideal”, argumenta.

A tendência a médio prazo é ter mais advogados bilingues ou então advogados que dominam apenas o chinês. “Haverá sempre espaço para os portugueses, mas não podemos ignorar que a evolução vai no sentido contrário, isto é, os que não falam chinês vão começar a ter dificuldades em trabalhar em Macau”, assegura.

“Há pouca jurisprudência e doutrina em chinês, mas as leis são agora feitas sobretudo em chinês e, portanto, no futuro a situação vai alterar-se profundamente. As pessoas dizem que não se deve obrigar os juristas a saber português”

Faculdade de Direito “tem que pagar melhor”

Paula Ling alerta para a necessidade de a Faculdade de Direito pagar melhor aos docentes. “Não oferece boas condições para reter os melhores alunos. Não consegue atrair os mais qualificados. Só os que têm amor à profissão, que querem ser úteis à sociedade, aceitam continuar. É um problema complexo, pois não pode haver salários diferentes de faculdade para faculdade, mas a Universidade de Macau tem que encontrar uma saída para esta situação”.

Relativamente à revisão da legislação, defende que se deve mexer nas disposições que já não condizem com as necessidades actuais. “Deve, contudo, alterar-se com cuidado, pois temos que respeitar a filosofia e o conjunto de valores que estiveram na origem dos actuais códigos”.

“Uma perspectiva diferente dos problemas da China”

“A China está a mudar e os dirigentes acham que os representantes do povo têm que vir dos vários sectores da sociedade. Não só empresários, operários ou agricultores, mas também profissionais. Neste mandato, procuraram um melhor equilíbrio, tendo-se isso repercutido também em Macau. Foi por isso que escolheram uma advogada”. Desta forma explica Paula Ling a sua eleição para a Assembleia Popular Nacional.

Em Março, no Palácio do Povo, fez a sua estreia nas novas funções. “Em Macau não nos preocupamos muito com a política interna do País. É impressionante ver mais de dois mil delegados numa única sala”, diz, classificando a

experiência de muito positiva. “Fiquei a conhecer melhor a estrutura política da China e como as coisas realmente funcionam. Discutiram-se os planos para os próximos anos e podiam ser feitas críticas ao que foi proposto pelo Governo”, nota. Quanto à sua participação no parlamento chinês, Paula Ling afirma que os delegados que vivem fora “têm uma perspectiva diferente dos problemas, que poderá contribuir para uma discussão mais aprofundada das questões chinesas”. Na revisão da legislação “a nossa participação pode ser também muito útil”.

Membro da Comissão Preparatória, o órgão que ajudou a preparar o arranque da região administrativa especial, integrou também a comissão de selecção do Chefe do Executivo e faz parte da comissão eleitoral que elege o líder do Governo de Macau. “Durante as reuniões da Comissão Preparatória a principal preocupação era saber como a RAEM ia evoluir, pois naquela altura a economia atravessava uma má situação”, recorda. “Nunca pensei que o desenvolvimento económico pudesse ser tão grande. Muita gente não tem conseguido acompanhar o crescimento, as mudanças têm sido radicais”, acrescenta.





Com os colegas da Assembleia Popular Nacional, Lau Ngai Leong e Lionel Leong (à esquerda) e na sessão anual da ANP, realizada em Março, no Palácio do Povo, em Pequim

Recessão vem aí

O desenvolvimento acarreta dificuldades, admite, elogiando a atitude de Edmund Ho. “O Chefe do Executivo é muito inteligente quando diz que a evolução vai trazer problemas, mas não é por surgirem mais questões que não vamos evoluir. O prioritário é encontrar as melhores soluções”.

O *boom* económico não vai manter-se por muito tempo. “Os bons anos não vão durar eternamente. Temos que estar preparados para enfrentar uma fase negativa, pois em termos económicos há ciclos bons e maus. É preciso criar condições para combater o fim de mar de rosas”, diz, apontando para o que está escrito na Bíblia. “Como no antigo Egipto, em que havia sete anos bons e sete anos maus, também Macau vai ter que viver períodos de recessão”. ■



Fotos: Comité Olímpico de Macau

Plataforma para Pequim

A qualidade das instalações desportivas e das infra-estruturas hoteleiras atraíram os comités olímpicos de nove países para realizar estágios em Macau. Aqui vão estar muitos candidatos a medalhas nos Jogos de Pequim



A selecção portuguesa de natação vai regressar a Macau para o estágio final antes do início do J.O.

A festa dos Jogos Olímpicos começa mais cedo em Macau, quando em meados de Julho começarem a chegar as delegações desportivas de nove comités olímpicos que escolheram a RAEM para realizar os estágios de preparação para as Olimpíadas. Atletas de Portugal, Brasil, Timor-Leste, Cabo Verde, Moçambique, Grã-Bretanha, Kuwait, Argentina e Rússia trazem a Macau, que não pode participar nos Jogos de Pequim por não fazer parte do Comité Olímpico Internacional (COI), o perfume olímpico. Para as autoridades da RAEM a presença no território de mais de 400 participantes nas Olimpíadas é motivo de



orgulho. José Tavares, vice-presidente do Instituto do Desporto (ID), confessa que a adesão “ultrapassou as expectativas”, garantindo que “não há qualquer problema no que diz respeito à capacidade de resposta de Macau”. No entender do Governo, ao acolher estes estágios, “Macau desempenha um papel de ajuda e apoio a Pequim e à China continental, uma vez que sendo uma alternativa, aliviámos a sobrecarga de delegações em algumas cidades chinesas”. Manuel Silvério, vice-presidente do Comité Olímpico de Macau (COM) sublinha que “a presença destas delegações contribui para o engrandecimento e promoção de Macau, na medida em que os representantes dos vários países e territórios têm também uma boa oportunidade para usufruir da oferta turística da RAEM”.

Infra-estruturas de primeiro nível

Depois de ser palco em 2005 dos Jogos da Ásia Oriental (JAO), em 2006 dos Jogos da Lusofonia (JL) e no ano passado dos Jogos Asiáticos em Recinto Coberto (JARC), a RAEM tem já uma estrutura montada para tratar de aspectos logísticos, de transporte e ao nível de instalações desportivas e hoteleiras. Aliás, uma das razões que está na origem da presença de nove comités olímpicos no território tem a ver com “o facto de as infra-estruturas desportivas de Macau, algumas das



quais construídas propositadamente para acolher os eventos multi-desportivos dos últimos anos, estarem de acordo com os mais altos padrões internacionais”, afirma José Tavares. Ou seja, o avultado investimento que foi despendido na construção das infra-estruturas desportivas começa a ter frutos para além dos eventos internacionais que decorreram na RAEM entre 2005 e 2007. Manuel Silvério, líder da organização daquelas três competições, salienta que “valeu a pena fazer esse esforço de construção de equipamentos e melhoria do parque desportivo de Macau”. Prova disso, diz, “é o facto de no território estarem comités olímpicos nacionais com vários atletas candidatos a medalhas nos Jogos de Pequim”.

O contingente britânico

Além da qualidade das instalações, a pequena dimensão do território faz com que “o tempo de deslocação entre os hotéis e os recintos desportivos seja reduzido a cinco ou dez minutos”, assinala o vice-presidente do ID. De resto, “essa foi a principal razão invoca pela delegação britânica para escolher Macau para estagiar”. O Comité Olímpico Britânico traz a representação de maior dimensão, fazem

do deslocar à RAEM atletas de 15 modalidades, numa delegação que inclui mais de 200 pessoas. Quer isto dizer que em Macau podem vir a estar alguns atletas britânicos de atletismo que conquistaram medalhas de ouro nos Jogos Olímpicos de Atenas, em 2004, como é o caso de Kelly Holmes, vencedora das provas de 800m e 1500m ou o quarteto que ganhou a final de 4 x 100 metros.

Da Rússia vem apenas uma modalidade, mas a escolha é de “primeira água”, uma vez que em Macau vão estar as nadadoras que conquistaram as medalhas de ouro nas provas de natação sincronizada, em Atenas. Quase todas as delegações que estagiam na RAEM decidiram trazer as selecções de natação, o que é explicado por José Tavares pelo facto de “a piscina olímpica de Macau ter condições condizentes com os níveis exigidos para as competições de topo a nível mundial”.

A forte presença lusófona

Na preparação para os Jogos Olímpicos, os países lusófonos marcam uma presença significativa no lote de comités olímpicos que vão estar em Macau em Julho e Agosto. Portugal decidiu utilizar a RAEM como local de estágio para modalidades



em recinto coberto, trazendo as selecções de badminton, tiro, trampolins, natação e ténis de mesa. A equipa de natação já conhece bem os cantos à casa, uma vez que em 2007 estagiou em Macau rumo aos Campeonatos do Mundo de Natação que decorreram em Melbourne. Um ano antes tinha preparado na Piscina Olímpica de Macau, na ilha da Taipa, a participação nos Campeonatos do Mundo de Natação em Piscina Curta, realizados em Xangai. O Brasil terá em Macau atletas de duas modalidades: atletismo e natação. À semelhança de Portugal, a natação brasileira também já estagiou na RAEM, na preparação dos Mundiais de Xangai, em 2005. O Brasil apresenta para os Jogos de Pequim um grupo de nadadores com ambições de surpreender e lutar por medalhas, como são os casos de César Filho nos 100 metros e Kaio Almeida, 200 metros mariposa, ambos medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos, realizados em 2007 no Rio de Janeiro. De Moçambique vêm as selecções de

atletismo e natação, ao passo que Cabo Verde escolheu Macau para realizar os estágios das equipas de atletismo, boxe, *taekwondo*, judo e basquetebol. Timor-Leste estará presente com uma pequena delegação de atletismo. A forte componente lusófona “materializa o papel de Macau enquanto plataforma com os países lusófonos”, assinala Manuel Silvério, que também preside à Associação de Comités Olímpicos de Língua Oficial Portuguesa (ACOLOP), cuja sede é na RAEM. Além deste nove comités olímpicos, outros dois acabaram por desistir de estagiar em Macau. Os Estados Unidos da América planeavam trazer algumas modalidades, mas “houve problemas de compatibilidade de calendário”, revelou Manuel Silvério. A África do Sul também manifestou interesse em estagiar em Macau, mas pretendia trazer 18 modalidades, numa altura em que já não era possível acomodar uma delegação tão numerosa. ■

Sonho olímpico vivo

A situação de Macau no contexto do movimento olímpico internacional é *sui generis*. Acolheu os Jogos da Ásia Oriental, em 2005, os Jogos da Lusofonia, em 2006, os Jogos Asiáticos em Recinto Coberto, em 2007, faz parte do Conselho Olímpico da Ásia (COA) e da Associação dos Comités Olímpicos Nacionais, mas não pertence ao Comité Olímpico Internacional (COI). Por isso não é possível à RAEM estar presente nos Jogos Olímpicos realizados no país de que faz parte, ao contrário de Hong Kong que compete nos Jogos Olímpicos desde 1952, em Helsínquia.

Apesar de ter um estatuto político semelhante à região administrativa especial vizinha, Macau nunca conseguiu ver concretizado o sonho de aderir à família olímpica internacional, porque o COI nunca apreciou a candidatura apresentada pelo COM no final dos anos 1980. Pouco depois de Macau ter formalizado o pedido de adesão, as regras mudaram. O COI apenas permite a entrada de países soberanos na organização. Desde então, o “dossier” de Macau tem estado congelado. Sabe-se que o COI não tem abordado a questão da RAEM por causa das implicações que teria a entrada do COM face a outros pedidos pendentes. No entanto, Manuel Silvério salienta que “a razão está com Macau”, ao mesmo tempo que sublinha o contributo da RAEM para o movimento olímpico internacional, como os eventos multi-desportivos que estão sob o chapéu do movimento olímpico internacional e com os estágios para os Jogos de Pequim. “Macau tem mostrado trabalho, capacidade organizadora e autonomia”, garante Manuel Silvério, que também ocupa o cargo de vice-presidente do COA. O sonho por isso continua vivo para que um dia os jovens de Macau possam ter a oportunidade de viver os Jogos Olímpicos. ■



Macau presente nos Paralímpicos

Ao contrário do que acontece nos Jogos Olímpicos, nas Olimpíadas para deficientes, Macau marca presença com uma delegação desportiva de pequena dimensão, mas com vontade de dignificar a RAEM e a causa do desporto paralímpico

Desde os Jogos de Seul (Coreia do Sul), em 1988, que Macau tem tido representações desportivas nos Jogos Paralímpicos, que decorrem normalmente pouco tempo após os Jo-

gos Olímpicos de Verão. Nos Jogos de Atenas, Macau esteve presente com uma atleta que participou nas provas de 100 e 200 metros. Este ano, a RAEM estará representada pelo

menos nas competições de lançamento do disco e do peso em cadeira de rodas através da atleta Kong Sio Ieng, cuja inscrição já foi aceite pelo Comité Paralímpico Internacional (CPI).



Até ao fecho desta edição da **MACAU**, ainda não havia a certeza se seriam aceites as inscrições de quatro atletas para provas de natação. A presença da RAEM entre os 242 países e territórios que participam nos Jogos Paralímpicos de Pequim, entre 6 e 17 de Setembro, é motivo de orgulho para António Fernandes, presidente da Associação Recreativa dos Deficientes de Macau (ARDM). “É algo com grande simbolismo

que funciona como reconhecimento do nosso trabalho”, diz. Em 1988, Macau fez-se representar com uma delegação numerosa que integrava mais de 30 atletas. Essa situação não se veio a repetir porque as regras de admissão das inscrições passaram a ser mais apertadas. “As exigências são cada vez maiores”, assinala o presidente da ARDM. A António Fernandes não lhe passa pela cabeça exigir resultados, uma vez que as condições para a prática de desporto para deficientes em Macau são muito limitadas. “Aqui somos amadores a 200 por cento”, salienta. A ARDM trabalha com 10 treinadores e preparadores físicos que dedicam o seu tempo livre, voluntariamente, a actividades desportivas com cerca de 60 deficientes que praticam várias modalidades, entre as quais natação, “boccia”, ténis com cadeira de rodas, basquetebol em cadeira de rodas e várias especialidades de atletismo. “Todos nós, dirigentes, atletas e treinadores usamos o tempo livre que temos, especialmente aos fins-de-semana e nos feriados, para manter vivo o desporto para deficientes em Macau”, afirma.

Dedicação à causa

Desde meados dos anos 1970 que a sua vida se confunde com as actividades da Associação Recreativa dos Deficientes de Macau. António Fernandes foi alerta-

do para a importância das actividades desportivas e recreativas com deficientes em 1973 quando fez um estágio intensivo em Hong Kong num departamento de fisioterapia, onde eram coordenadas as iniciativas desportivas com deficientes. De regresso a Macau, António Fernandes, que era há vários anos enfermeiro no Centro Hospitalar Conde de São Januário, foi responsável pela criação no hospital público do primeiro departamento de fisioterapia onde se dedicava aos deficientes físicos. Em 1977 foi um dos fundadores da ARDM, associação que dirige e a que se dedica “de corpo e alma” desde então. Aos 70 anos continua a “correr por gosto e dedicação a uma causa”, reconhece com satisfação. ■



António Fernandes, presidente da Associação Recreativa dos Deficientes de Macau: “Somos amadores a 200 por cento”



Olé, Olé! Momentos Gloriosos!

A dobrar a década de 30 do século passado, quando a Tuna Macaense foi criada e actuava em casamentos, baptizados e bailaricos, seria pouco provável adivinhar que, mais de 70 anos depois, o grupo ainda estaria vivo para contar a sua história. Contar e cantar, nomeadamente durante um jantar-conferência do Comité Organizador dos Jogos Olímpicos de Pequim



A ‘Tia Anica de Loulé’ não cumpriu os mínimos olímpicos mas, por convite, vai ser uma das canções participantes de Pequim 2008. De facto, o tema da Tuna Macaense vai fazer parte do repertório a apresentar pelo grupo, no final de Junho, durante um jantar-conferência sobre o maior evento desportivo mundial, promovido, precisamente, pelo Comité Organizador dos Jogos Olímpicos. “O convite verbal chegou ainda no ano passado, através do Instituto de Desporto de Macau. Logo depois de uma actuação, perguntaram-nos se estávamos

dispostos a ir aos Jogos Olímpicos. E nós, logo respondemos: ‘sim senhor, é um prazer!’”, recorda Filomeno Jorge, aliás, Russo como gosta de ser conhecido. Um prazer que chegou de surpresa. “Nunca pensámos nisto. É uma honra representar Macau nos Jogos Olímpicos. Queremos levar a nossa cultura mista, a nossa música diferente, fruto dessa mistura que nem Hong Kong tem”, assegura Pedro Santos, que se divide entre percussão e baixo.

A Tuna Macaense quer levar a cultura aos Jogos mas também uma música nova, criada de propósito para fazer coro ao espírito. “Pensei numa música, cuja tradução é ‘Momentos Gloriosos’, que seria assim: ‘Olé, olé, olé, olé, olé, olé, olé!... *Glory Moments!*’”, canta Russo, o bandolim, voz (em patuá), guitarra e líder da Tuna Macaense.

“Actuação fora de portas, canta a música portuguesa e macaense”. A frase bem pode tornar-se ditado da Tuna, tal o peso da tradição. Com efeito, em Pequim, a banda não vai mudar os hábitos e, por essa razão, vai cantar temas em português e patuá: “‘Macau Sã Assi’, uma canção tradicional portuguesa com a qual ganhámos um concurso de composição de letras do Instituto para os Assuntos Cívicos e Municipais (IACM); ‘Macau’, uma linda música dos *Thunders*; ou ‘Azinha, Panchita’, um tema novo que quer dizer Azinha, faz mais rápido, *faai di!faai di!*”, explica Russo com sorriso largo.

As músicas e letras da Tuna Macaense têm sido afinadas ao longo dos últimos quinze anos, no entanto, são normalmente a banda sonora de um Macau e de um passado mais distantes. “As músicas levam-nos aos anos 50, 60 ou 70, por exemplo, quando ali no D.Maria, havia pessoas que levavam o rebanho para a zona. Também fazem lembrar a feira das velharias na Rua de Nossa Senhora do Amparo, com as coisas espalhadas pelo chão à venda”, conta Pedro Santos que, através da música ‘Macau’ dos *Thunders*, vê imagens da Baía da Praia Grande:

“suave, com os triciclos andar ali à volta a transportar os turistas. És tranquila e bonita, canta a canção. Uma tranquilidade que já não existe”. Por sua vez, Russo imagina estar em San Ma Lou, São Lázaro ou São Lourenço ao som de ‘Macau Sã Assi’.

Mas Macau já não é assim e a Tuna Macaense começou a ensaiar os acordes da mudança. O desenvolvimento do território, os novos hotéis, casinos e aterros dão letra às mais recentes canções escritas em mandarim. Curiosamente, a versão chinesa de ‘Titi Biti Di Lilau’ foi premiada em 2006 pelo Instituto Nacional de Músicos da China e Fundação Macau.

Disco em patuá

O futuro, porém, fala sobretudo em patuá, uma vez que a Tuna está a planejar lançar um disco no próximo ano só com temas na “língua dos nossos antepassados”, como costuma explicar Pedro Santos às plateias de fora. “Não tem sido fácil porque já se perdeu o patuá falado antigamente. Temos composto as músicas apenas com letras escritas por Adé”, lamenta Victor Pereira, o homem da bateria mas também da voz, como quase todos.

O grupo dos oito, com alguns irmãos à mistura, divide-se por viola, baixo, guitarra, bandolim, instrumentos de percussão, de teclas e vozes que cantam em diferentes idiomas. “O mais recente elemento é Arnaldo Gomes que toca baixo, teclados, bateria e canta em tailandês, mandarim, português e mandarim.

Dá para todas as línguas”, brinca Russo. “Desde estudantes que gostamos de música e sentimos que temos que manter a tradição. Se não continuarmos a cantar em patuá, isto acaba, mais cedo ou mais tarde. Temos que continuar”, afirma Victor Pereira, em jeito de promessa, enquanto garante que sente o mesmo prazer de tocar, como nos tempos em que era miúdo. ■





Filomeno Jorge: “Se não continuarmos a cantar em patuá, mais cedo ou mais tarde o dialecto acabará”

Qual é a dança, qual é ela?



Foto: Cambo Correia



É uma única dança portuguesa, com uma música forte, alegre e com impacto, que pode ter entre um minuto e vinte segundos a três minutos. Muito provavelmente, será uma das mais curtas actuações do Grupo de Danças e Cantares de Macau, mas ficará registada como uma das mais simbólicas do seu percurso. Afinal, o grupo vai actuar na pré-cerimónia de abertura dos Jogos Olímpicos. Daí todo o secretismo. Qual é a dança, qual é ela?



Estádio Nacional de Pequim, ou *Ninho de Pássaro*. Dia 8 de Agosto. A hora ainda não está definida, mas será sempre antes da Cerimónia de Abertura dos Jogos Olímpicos de Pequim 2008. É o pré-espectáculo que entretém, “enquanto o público está a entrar e à espera do grande acontecimento, será a zona de entretenimento para poder apaladar o espectáculo que se segue”, explica João Fonseca, presidente da direcção do Grupo de Danças e Cantares de Macau.

“Acho que vai ser o marco histórico para o grupo. É um dos maiores espectáculos do mundo, onde vamos representar Macau e também a cultura portuguesa. Toda esta junção é um momento único. E eu não quero perdê-lo por nada”, afirma cheio de convicção João Mexia, no grupo desde novo, levado pela mãe, Isabel Telo Mexia, uma das fundadoras. Lao Tan, chegou mais tarde ao grupo, lá pelos inícios de 2000. A agora vice-presidente nem duvida de que “é uma boa oportunidade, é uma viagem especial na minha vida. Como sou amadora, nunca imaginei que pudesse de alguma forma participar nos Jogos Olímpicos.”

Ora, ser ou não ser surpresa, eis a questão, explicada por João Fonseca: “A primeira reacção foi de surpresa, mas ao mesmo tempo, não foi uma decisão que não estávamos à espera. Macau é um espaço multicultural, onde não se pode fugir à presença portuguesa, com mais de 400 anos. Ora uma delegação que vai represen-

tar Macau terá que ter uma componente portuguesa, uma componente que dê um cheirinho da comunidade local, onde convivem as duas culturas”. Trocado por miúdos, e ainda nas palavras do presidente do grupo, “não era uma surpresa que sim, nem era uma surpresa que não”. Até porque a própria China tem sido uma das maiores fãs da Lusofonia.

À conquista de Pequim

Tratadas as burocracias, ensaiados a dança e o cantar, de 29 de Julho a 9 de Agosto, 43 elementos do grupo, entre músicos, dançarinos, *cabeçudos* e bombos, partem à conquista de Pequim e de sonhos dos tempos de criança. “Estar nos Jogos Olímpicos é um sonho que todos nós temos. Eu sempre disse: ‘um dia gostaria de estar presente na cerimónia de abertura’. E vou estar, talvez nos bastidores, a ver a partir de um ecrã, mas vamos poder respirar o ambiente de tão grande organização”, congratula-se João Fonseca.

“O momento que vai ficar para sempre”, segundo João Mexia, é um marco olímpico de uma história que deu os primeiros passos e toques em 1991. Nasceu como Grupo de Danças e Cantares do Clube de Macau, mas anos depois, ficou-se pela primeira parte da designação. Desde sempre, o grupo multiplicou-se em actividades, “passou por momentos de fados, momentos mais tradicionais de cantares, tivemos cantares alentejanos, de Trás-os-Montes, Beira Alta. Tentámos cruzar tocata, cantata e as danças”. João Fonseca acrescenta ainda várias fenómenos culturais como as vindimas ou a desfolhada, também representados pelo grupo no passado.

1999 marcou a saída de muitos elementos do grupo, de malas feitas para Portugal. Foram vários cantadores e instrumentistas. Ficaram os instrumentos. “Chegámos a ter quatro ou cinco acordeões, agora temos uma gaita de beijos e uma concertina”, lamenta João Fonseca. Mesmo desfalcados de instrumentistas, o grupo continuou sempre fiel ao princípio

de dançar e cantar tradições do norte ao sul português, sem esquecer Açores e Madeira, viajando depois a Goa, Damão e Diu e, claro, aterrando em Macau, através do tema Bastiana, cantado em patuá. Dos corridinhos algarvios, segue um baile mandado, também da região sul portuguesa, passa depois para a chamarrita dos Açores, vira para o bailinho da Camacha da Madeira, para as saias do Alto Alentejo ou para o fandango do Ribatejo, onde domina o sapateado, e roda para a tranca da Serra da Estrela, que não dispensa os paus. “E tenho que falar no Minho e Trás-os-Montes, senão ficam zangados comigo, e também nas Beiras. E o vira da Nazaré”, enumera João Fonseca alguns dos 120 números de danças e músicas que compõem o repertório actual do Grupo de Danças e Cantares. No grupo, sons e movimentos saem sempre de braço dado com os trajes típicos. E também eles vestem todas as regiões e ilhas portuguesas e as respectivas formas de vida.

O papel do folclore na divulgação da cultura

Após 1999, cursos de dança tradicional portuguesa trouxeram mais elementos chineses, que depois arrastaram amigos e conhecidos.

“Como sou professora de língua portuguesa, aproximei-me do grupo porque queria conhecer melhor a cultura portuguesa e, assim, enriquecer a minha vida profissional. Através do folclore, convivo com portugueses, melhorei muito o meu português e tenho aprendido a cultura e os costumes”, conta com orgulho Lao Tan.

“O que distingue e o que provavelmente os chineses gostam é que a nossa música e dança são diferentes das chinesas e outras que são quantificadas em passos: um, dois, três, quatro... cinco, seis, sete, oito. A nossa dança não é assim, é uma dança de alma, de coração”, garante João Fonseca. Há coreografia e passos a respeitar, é certo, “mas cada um dança de forma pessoal, interpreta à sua maneira.

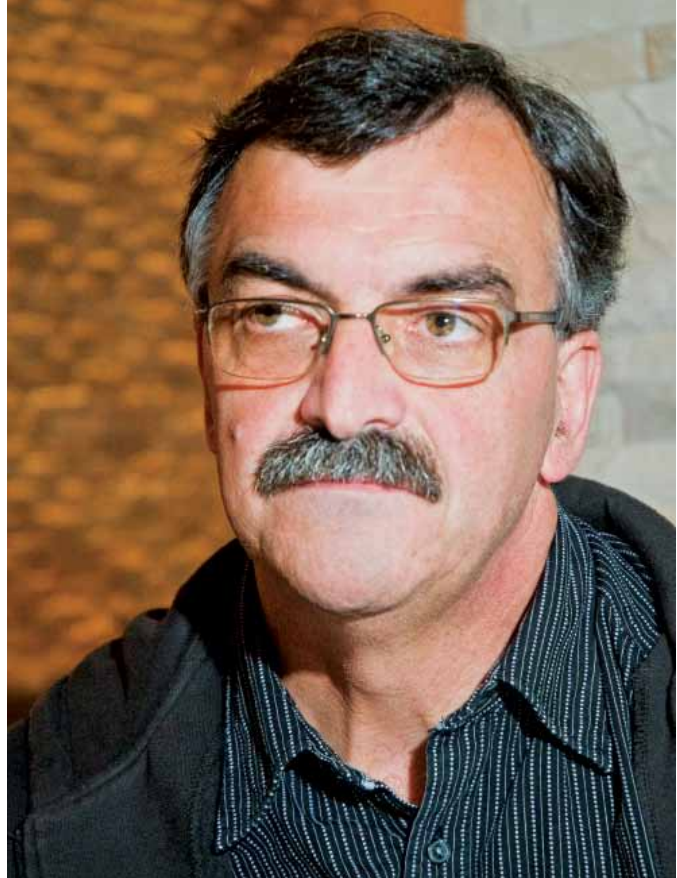
E o folclore português é isso.” E este folclore português dançado pelas gentes de Macau tem já uma história de 17 anos, que também passou por vários países asiáticos e Portugal. E aqui, durante uma dúzia de dias do ano de 2002, o Grupo de Danças e Cantares deixou saudades. Afinal, não é comum ver-se um só grupo a dançar e a vestir o folclore de todas as regiões portuguesas. Mais, e esse mesmo grupo composto por muitos chineses, com a dança tradicional portuguesa no corpo. “Muitos portugueses estavam surpreendidos por ver as danças folclóricas dançadas por outros. Estranhavam, porque não conheciam a realidade de Macau”, aponta João Mexia.

João Fonseca não esquece, por exemplo, o espectáculo do grupo “na aldeia do Seixo, muito típica. Foi uma festa brava, até às tantas, dançámos com as velhinhas e os velhinhos, os novos delirados com as nossas *chinesinhas*. Foi tudo uma simbiose de vinho e de um bom entrecosto e uma boa bifana com pão caseiro, numa festa popular e autêntica, com gente simples. Memorável!”

Tanto, que os velhinhos não os queriam deixar sair de lá, sempre a pedir por mais uma modinha. “Foi uma grande viagem, adorei! Fui também frequentar um curso de Verão e aprendi muito, para além de que os nosso espectáculos permitiram-me conhecer melhor a vida dos portugueses. Nunca sonhei com tanto”, confessa Lao Tan.

Os elementos do grupo escrevem várias páginas de momentos altos, nomeadamente nas paragens asiáticas, como em

Malaca, “recebidos pelas pessoas de coração aberto que choram à nossa partida”, refere João Fonseca. E há também o episódio de terem actuado a 19 de Dezembro de 1999, no sarau cultural que marcou o fim da administração portuguesa de Macau e, dois dias depois, a 21, parti-



João Fonseca: “Macau é um espaço multicultural, onde não se pode fugir à presença portuguesa”

ciparam numa cerimónia já organizada pelas autoridades da RAEM.

Um dos próximos pontos altos já está marcado, é a 8 de Agosto, em Pequim. Quanto à incógnita da actuação, vai manter-se até aos Jogos Olímpicos.

Até lá, aceitam-se apostas. ■

Mariana Palavra

Negociar com os terroristas

**De Helsínquia (1952)
a Atlanta (1996)
chefiou a delegação
de Hong Kong aos
Jogos Olímpicos.
O português
Oliveira Sales não
esquece o massacre
de Munique (1972)
quando os terroristas
palestinos
sequestraram e mataram
atletas israelitas**



Durante onze edições consecutivas dos Jogos Olímpicos, Oliveira Sales chefiou a delegação de Hong Kong. O *senhor desporto*, como carinhosamente é tratado na vizinha região administrativa especial, fez a estreia na grande festa do desporto mundial em 1952 (Helsínquia). “Hong Kong e a Rússia começaram a competir na mesma edição, nos Jogos que decorreram na Finlândia”, recorda.

O antigo presidente do Comité Olímpico de Hong Kong (COHK) mostra-se satisfeito com o trabalho desenvolvido em prol do desporto. “Conseguimos alcançar o nosso principal objectivo ao assinar com o Co-

mité Olímpico Internacional o contrato que garante a participação de Hong Kong nas Olimpíadas como membro independente da China”, realça. “Foi um processo complexo, que obrigou a negociações muito duras com o então presidente do COI, Juan Samaranch”, lembra.

Em Março de 1998, decidiu retirar-se da liderança do Comité Olímpico de Hong Kong. “Chegou a altura de dizer adeus”, confessou na altura. Oliveira Sales deixou muitos milhões nos cofres e lançadas as bases para que Hong Kong tenha presença significativa nas grandes competições internacionais. “Somos um dos comités

“Somos um dos comités mais ricos do Mundo, com uma verba entre os 160 e 180 milhões de dólares de Hong Kong”



mais ricos do Mundo, com uma verba entre os 160 e 180 milhões de dólares de Hong Kong”.

Dez anos depois de deixar o Comité Olímpico, Oliveira Sales fala com grande orgulho dos tempos em que participou no movimento olímpico mundial, onde, de resto, exerceu vários cargos. É vice-presidente, honorário e vitalício, da Federação dos Jogos Asiáticos e do Comité Olímpico da Ásia, foi presidente da Comissão Jurídica da Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais, membro do Comité Internacional para o *Fair Play* e dirigiu durante quatro anos a Federação dos Jogos da

Commonwealth, que engloba 66 países e territórios.

Em Agosto não vai marcar presença em Pequim, “já estive em 11 Jogos e 40 competições internacionais”, mas está convicto de que as Olimpíadas vão ser um êxito. “Pequim enfrenta regularmente *‘tufões’*, mas os chineses sabem fazer tudo muito bem. Têm enorme jeito para ultrapassar as dificuldades que venham a surgir”, garante.

Oliveira Sales não esquece o que se passou nos Jogos de Munique, em 1972. A delegação de Hong Kong estava hospedada no mesmo edifício dos atletas israelitas. “Na Aldeia Olímpica os israelitas estavam hospedados no rés-do-chão e a nossa delegação no primeiro andar. Os atletas uruguaios eram nossos vizinhos, assim como os canadianos”, conta Oliveira Sales, que soube do ataque do comando palestino quando se preparava para tomar o pequeno-almoço no hotel onde os chefes de missão estavam hospedados.

De imediato, procurou um automóvel que o conduzisse à Aldeia Olímpica. “Quando cheguei as autoridades tinham bloqueado a entrada no edifício, mas quando o chefe da polícia alemã virou costas para verificar o que se passava consegui ultrapassar todo o sistema de segurança e negociar com o líder dos terroristas, que dominava muito bem o inglês. Era um jovem engenheiro de 25 anos que foi sempre muito bem educado”. Oliveira Sales consegue entrar no edifício, mas os atletas de Hong Kong tinham fugido para o terraço. “Quando cheguei cá fora, na companhia de dois dirigentes de Hong Kong, havia muitos jornalistas, câmaras de televisão, etc”.

O comendador Oliveira Sales diz que ainda hoje se recorda de como tudo se passou, que o dia 5 de Setembro de 1972 está marcado na sua memória. “Anos mais tarde, numa conferência em Berna, encontrei o chefe da delegação israelita, que me perguntou como é que os árabes não me tinham assassinado”. Durante as quase cinco décadas em que participou no movimento olímpico foi, certamente, uma das experiências mais marcantes que viveu. ■

Oportunidade de **ouro** para os atletas chineses

Em Pequim, a China poderá ultrapassar os Estados Unidos no número de medalhas de ouro conquistadas. A delegação chinesa deverá ter cerca de 600 atletas



Foi um momento que as televisões chinesas repetiram vezes sem fim, no final de Fevereiro, partindo de cada vez o coração de milhões de chineses: Yao Ming, o mais famoso desportista do país e estrela dos Houston Rockets, equipa da Liga norte-americana de basquetebol profissional (NBA), caía ao chão em gritos de dor, pé esquerdo levantado.

O diagnóstico dos médicos foi imediato. Uma fractura de esforço no pé esquerdo vinha tornar real o impensável. Yao, o maior herói do desporto chinês, poderá falhar os Jogos Olímpicos de Pequim. A cara desconsolada do jogador na conferência de imprensa em que anunciou essa possibilidade pela primeira vez dizia tudo, mas não começava sequer a ilustrar a pena dos chineses comuns, já para não falar na apreensão das autoridades desportivas. Yao Ming está ser seguido por um exército de profissionais de saúde, incluindo médicos de medicina tradicional chinesa, para esgotar todas as hipóteses para estar presente nuns Jogos Olímpicos em que a China aposta muito.

Desde logo, o orgulho. Com um sistema desportivo centralizado e dependente do Estado (quer do governo central, quer dos governos locais), que define objectivos, resultados, formas de treino, equipas e selecções, os resultados nos estádios serão sempre vistos pelos chineses como uma avaliação da capacidade do governo.

Toda a organização do desporto de elite chinês tem como objectivo criar uma estrutura para que uma minoria de atletas excepcionais ganhe medalhas de ouro em 2008. A pressão sobre os competidores olímpicos chineses, ainda mais a jogar em casa, será assim a maior de sempre, o que poderá explicar a tristeza de Yao Ming.

Wu Shaozu, ministro dos Desportos entre 1990 e 2000, não poderia ter sido mais claro quando afirmou que o maior objectivo do desporto chinês é o sucesso nos Jogos Olímpicos. “É onde temos que concentrar os nossos recursos. Içar a bandeira nos Jogos Olímpicos é a nossa maior responsabilidade”, disse Wu.



Liqin Wang, Wu Peng e Lin Dan são fortes candidatos à conquista de medalhas de ouro

Dentro dos estádios, a tentativa será de provar no pódio que a China é cada vez mais competitiva, em especial em relação aos Estados Unidos e à Rússia, os termos tradicionais de comparação.

Maior pressão

A China apostou forte nestes Jogos Olímpicos. Um total de 1500 atletas e 55 seleções lutaram por um lugar em Pequim 2008, em 28 modalidades olímpicas. As previsões apontam para que, quando chegar o dia 8 de Agosto, data de arranque dos Jogos, a missão olímpica chinesa seja composta por 550 atletas, ou mesmo 570.

“Temos a noção de que os atletas chineses enfrentam dificuldades maiores do que outras equipas”, admitiu Cui Dalin, vice-ministro chinês do Desporto, numa conferência de imprensa realizada em Março.

“Ao competirem em casa, os atletas terão de suportar uma pressão tremenda dos

seus concidadãos, que têm grandes expectativas”, afirmou Cui, num esforço claro do governo chinês para baixar as expectativas dos entusiastas chineses. “Em comparação com os Estados Unidos e com a Rússia, a China estará ainda no segundo grupo dos países “medalháveis” em Pequim 2008”.

O dilema desportivo da China quanto à conquista de medalhas é que há pouco espaço para os atletas chineses crescerem nos desportos em que o país ganha quase tudo o que há para ganhar.

Tudo indica que a superioridade da China se manterá no ténis de mesa, nos saltos para a água e no halterofilismo, mas foram tantas as medalhas que os atletas chineses trouxeram dos Jogos Olímpicos de Atenas, disputados em 2004, que os números do país no quadro final dos Jogos de 2008 pouco deverão crescer.

Os atletas chineses quase atingiram o ponto de saturação na Grécia, conquistando 70 por cento das medalhas de ouro nas



Yao Ming, o maior herói do desporto chinês, poderá falhar os Jogos Olímpicos de Pequim

modalidades em que a China é mais forte – 17 das 23 possíveis no ténis de mesa, halterofilismo feminino, badminton, saltos para a água e *taekwondo* feminino.

“Naquelas modalidades em que a China poderá mostrar melhores resultados, como o pentatlo moderno, a canoagem, o pugilismo e a vela, temos algumas pontas brilhantes, mas os nossos resultados ainda são instáveis”, considerou Cui Dalin.

32 medalhas de ouro em Atenas

Nos Jogos de Atenas, a China foi o segundo país que mais medalhas de ouro conquistou, 32, contra as 36 dos Estados Unidos. “Basicamente ainda não somos um país forte em termos desportivos, temos de ser práticos e realistas. No atletismo só temos um Liu Xiang [campeão do mundo de 110 metros barreiras] e não tenho grandes esperanças para a natação”, afirmou Cui.

Ainda assim, Wu Peng na natação mascu-

lina, Wu Jingyu no *taekwondo* feminino, Yang Wenjun na canoagem, as ciclistas Ren Chengyuan e Guo Shang ou o campeão do mundo de pentatlo moderno Qian Zhenhua são nomes que podem render ouro à China.

As “Lótus da Neve”, como é conhecida na China a equipa feminina de hóquei em campo, e as arqueiras Zhang Juanjuan e Qian Jialing podem também vir a encher os chineses de orgulho.

É que, apesar de o governo chinês o negar, os Jogos Olímpicos são uma oportunidade de ouro para as autoridades do país brilharem.

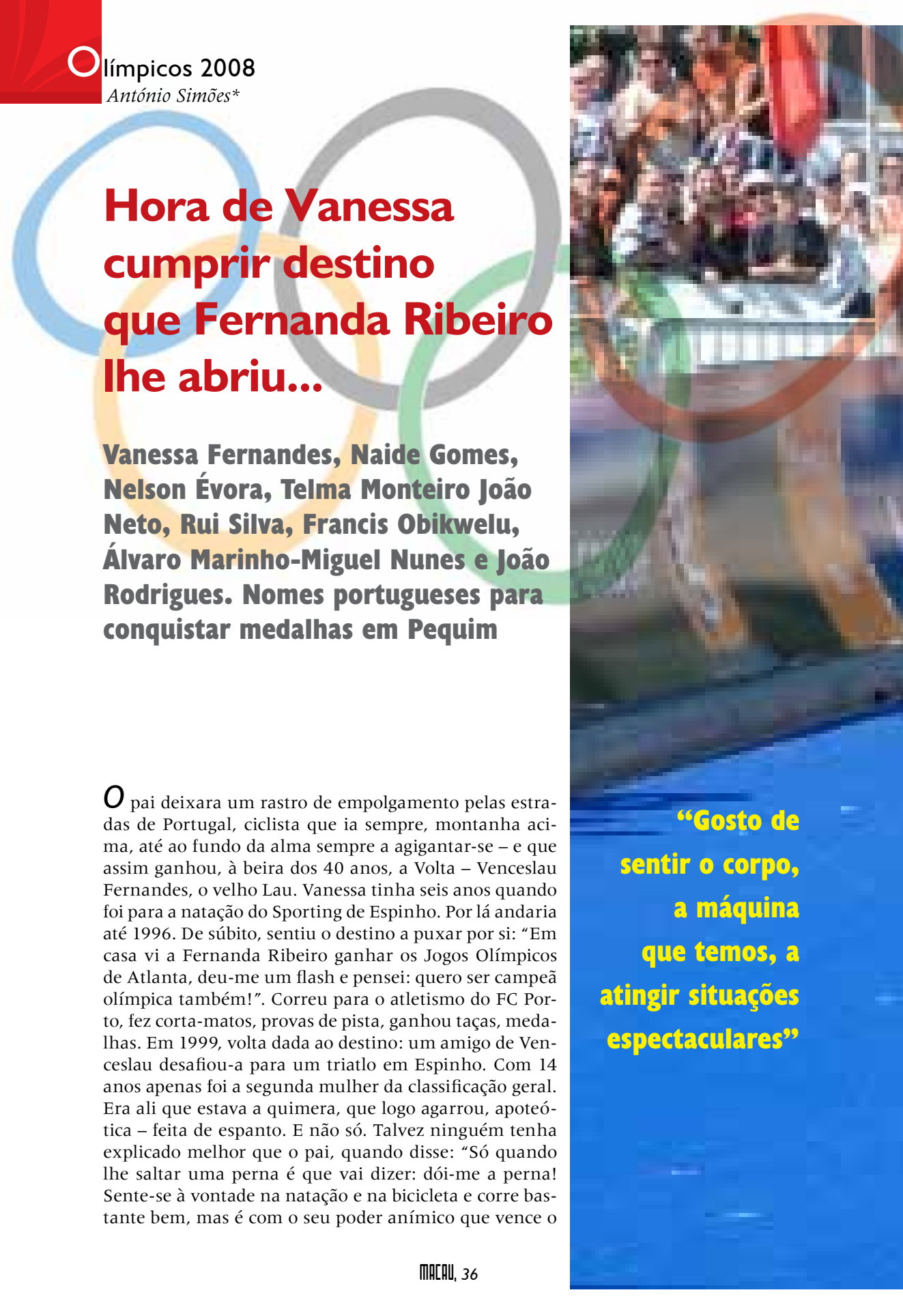
“Está escrito em maiúsculas no nosso contrato – pelo menos uma medalha de ouro, ou somos considerados uns autênticos falhados”, admitiu recentemente Christian Bauer, um dos treinadores da equipa olímpica chinesa de esgrima. ■

Agência Lusa, Pequim

Hora de Vanessa cumprir destino que Fernanda Ribeiro lhe abriu...

**Vanessa Fernandes, Naide Gomes,
Nelson Évora, Telma Monteiro João
Neto, Rui Silva, Francis Obikwelu,
Álvaro Marinho-Miguel Nunes e João
Rodrigues. Nomes portugueses para
conquistar medalhas em Pequim**

O pai deixara um rastro de empolgação pelas estradas de Portugal, ciclista que ia sempre, montanha acima, até ao fundo da alma sempre a agigantar-se – e que assim ganhou, à beira dos 40 anos, a Volta – Venceslau Fernandes, o velho Lau. Vanessa tinha seis anos quando foi para a natação do Sporting de Espinho. Por lá andaria até 1996. De súbito, sentiu o destino a puxar por si: “Em casa vi a Fernanda Ribeiro ganhar os Jogos Olímpicos de Atlanta, deu-me um flash e pensei: quero ser campeã olímpica também!”. Correu para o atletismo do FC Porto, fez corta-matos, provas de pista, ganhou taças, medalhas. Em 1999, volta dada ao destino: um amigo de Venceslau desafiou-a para um triatlo em Espinho. Com 14 anos apenas foi a segunda mulher da classificação geral. Era ali que estava a quimera, que logo agarrou, apoteótica – feita de espanto. E não só. Talvez ninguém tenha explicado melhor que o pai, quando disse: “Só quando lhe saltar uma perna é que vai dizer: dói-me a perna! Sente-se à vontade na natação e na bicicleta e corre bastante bem, mas é com o seu poder anímico que vence o



**“Gosto de
sentir o corpo,
a máquina
que temos, a
atingir situações
espectaculares”**



que vence, como vence, superando todas as fraquezas...” Olha-se ao espelho, revela-se: “No fundo, sou um bocadinho parecida com o meu pai em termos de exigência. Sou perfeccionista. Não gosto de falhar, sou bastante ambiciosa, isso joga a meu favor. Gosto de sentir o corpo, a máquina que temos, a atingir situações espectaculares. Acho que é o sofrer, que, às vezes, torna isso possível, leva-nos a ultrapassar muitas coisas. É preciso ter uma grande paixão por aquilo que se faz. Ter objetivos e ter um espírito que se sobrepõe a tudo quando tudo se torna bastante difícil. Há alturas em que não se está bem e é aí que se revela o verdadeiro campeão...” Claro, foi assim que Vanessa Fernandes se tornou em 2007 a mais deslumbrante desportista portuguesa. Nas 19 competições de duatlo e triatlo em que participou só perdeu a primeira etapa da Taça do Mundo, em Mooloolaba, foi terceira – daí arrancou para o recorde de vitórias na competição, 19, igualando a lendária australiana Emma Carney e para a medalha de ouro no campeonato mundial, em Hamburgo, prata ganhara no ano anterior. Ah! E no Campeonato da Europa de duatlo, que vencera em 2005 e 2006, mais uma medalha de ouro, o tri. Antes de fechar o ano, mais um ponto de exclamação na sua glória: a Associação da Imprensa Estrangeira em Portugal concedeu-lhe o Prémio de Personalidade do Ano, que antes de si consagrara apenas dois outros desportistas: Fernanda Ribeiro e Luís Figo.

Com Pequim cada vez mais ao virar da esquina – é nela que está o sonho mais sublime de Portugal. E nesse dia, se ela descobrir o paraíso que parece estar à sua mercê, como é óbvio, não lhe passará apenas pela cabeça aquilo que habitualmente lhe passa quando cruza a linha de meta e se embrulha na bandeira de Portugal que Cavaco Silva lhe ofereceu: “Ganhei mais uma, ainda bem! Esta já está, correu bem, mas para a próxima pode correr mal, por isso tenho de trabalhar mais, mais ainda...” - e talvez algures por aí uma menina qualquer, sentada diante do televisor, chorando de emoção, murmure: “Quero ser campeã olímpica também”!

Naide, das cabeças cortadas de São Tomé...

Nenhuma dúvida: é em Vanessa Fernandes que estão depositadas as maiores esperanças nacionais – para a conquista do ouro. Mas, claro, há outras. Naide Gomes, por exemplo. Nasceu em São Tomé e Príncipe: Enezenaide do Rosário Veracruz Gomes, a baptizaram. Cresceu a brincar com rapazes: trepando árvores ou cortando cabeças às bonecas que... odiava. “Sabe o que é que eu queria mesmo: ser jogadora de futebol! Era uma maria-rapaz”. Pouco depois dela, nasceu Ludomila, a irmã. A mãe jurou que haveria de fazer delas doutoras. E para isso decidiu tentar Portugal. Naide e Mila ficaram com a avó na ilha. Ernestina empregou-se numa loja e cinco anos depois achou que já tinha dinheiro amealhado para isso – e mandou vir as filhas para junto de si, para Almada. “Encontrei um país completamente diferente, com melhores condições, claro, da primeira vez que fomos à escola achámos tudo estranho, por exemplo os alunos com grande à-vontade, barafustando com professores, sei lá... Mas sentia muito a falta – daquela outra forma de viver de São Tomé, os espaços mais livres, as brincadeiras diferentes, enfim... Comecei a ficar com a lágrima fácil, chorando por tudo e por nada, se tivesse uma negativa então, ninguém imagina. Depois pas-



Naide Gomes, campeã mundial de pista coberta

sou. Era uma aluna média, sempre fui...” Na escola descobriram-lhe um jeito. Para o salto em altura, acharam. “Com 13 anos já tinha 1.78, agora são só mais três centímetros. Um professor de Educação Física chamou-me e disse-me: “Naide, tu tens um dom, sabes saltar, tens jeito e acima de tudo tens um físico que te pode ajudar muito. Não duvides, podes ser famosa!” Eu disse-lhe que, sim, que tentaria...” Andou pelo Clamo, passou pelo Ginásio do Sul, pelo Belenenses, pelo JOMA – e, como é óbvio, Moniz Pereira não poderia resistir ao seu fascínio e levou-a para o Sporting. A caminho do paraíso... Primeiro sinal de glória? Medalha de prata no pentatlo dos Campeonatos da Europa, em Viena-2002. Tornara-se portuque-



decidiu que será só depois dos Jogos Olímpicos, do que ela acredita que possa ser a sublime emoção do pódio, afinal a única coisa que lhe falta, numa carreira fantástica...

Évora, depois de ter vencido Cristiano Ronaldo...

E nas asas do mesmo sonho anda Nelson Évora, que os portugueses votaram Desportista do Ano de 2007 em Portugal, batendo Cristiano Ronaldo, depois de, em Osaka, ter conquistado o título de campeão mundial de triplo-salto, com 17,84 metros, o equivalente a dois carros *Smart* colados um ao outro. “Sê generoso na prosperidade e grato no infortúnio” - é o primeiro de alguns dos princípios do baáismo, religião que data pelo menos de 1844, oriunda da Pérsia e fundada por Bahá `ú`lláh. Os bahá`ís acreditam na Unidade, que a



Nelson Évora, desportista do ano em 2007 em Portugal

sa pouco antes, deixara de ser Enezenaide, passara a Naide... “porque não achava muita piada ao facto de ver que o meu nome não cabia nos *placards* electrónicos dos estádios”. Di-lo e desmancha-se a rir. Em 2004, sagrou-se campeã mundial em Budapeste. E em 2005, campeã europeia em Madrid – e logo depois medalha de bronze nos Mundiais de pista coberta no salto em comprimento. Ainda em 2006, de prata foi a sua primeira medalha ao ar livre, nos Campeonatos da Europa – e já com a coração e a cabeça em Pequim, em Março, pulou para lá da fronteira mágica dos sete metros e sagrou-se campeã mundial de pista coberta. Sim, anda há dois anos com um problema nas costas, precisa de ser operada para o resolver –

“terra é um só país e a humanidade os seus cidadãos”. Ele e João Ganço, o seu treinador, partilham a crença com mais seis milhões de pessoas em todo o mundo. Os pais são de Cabo Verde, ele foi trabalhar como contramestre de navios para a Costa do Marfim, por lá acabou Nelson por nascer. Tinha seis anos quando a família decidiu que o seu futuro seria em... Portugal. Foram viver para Odivelas – no andar de cima morava João Ganço, que fora o primeiro português não africano a passar os dois metros no salto em altura, nos princípios dos anos 1970. Pegou nele e pô-lo a voar... Ainda o desafiaram para jogar futebol no Benfica, Nelson não quis... O seu primeiro pulo para a imortalidade foi quando venceu o comprimento na Jor-



Telma Monteiro, campeã da Europa em 2006 e 2007 e João Neto (foto à direita), primeiro do ranking mundial de menos de 81 quilos

nadas Olímpicas da Juventude Europeia em 2001, a caminho dos 17 anos. Depois veio a confirmação com o bronze nos Europeus de sub-23, mas no triplo salto. Não tem os tiques das grandes figuras públicas e a prova disso foi o facto de ter aceite, sem grandes alaridos, convite de Nuno Gama para desfilar na primeira edição da moda Lisboa/Estoril. Em roupa interior, mas de medalha ao peito encantou a plateia. Este ano entrou para a Escola Superior de Comunicação e Marketing, para o curso de publicidade e marketing, recusando vários convites para ir estudar e treinar para os Estados Unidos. Confessou que não se separaria da família nem por nada e que acreditava que em Portugal tem condições para estudar e se treinar – apesar de continuar à espera que o governo construa uma oficina de treino coberta no Estádio Nacional, que o afaste do perigo de, ao frio e à chuva, poder lesionar-se, perdendo, assim, o sonho...

Telma e Neto, a operação e a surpresa...

Sim, claro – e apesar de o destino lhe ter sido aziago, de a obrigar a uma paragem de quase dois meses para se sujeitar a uma operação de emergência, Portugal ainda tem Telma Monteiro no judo. Judo que não foi amor à primeira

vista. Tinha 12 anos quando a irmã a desafiou para isso, foi mas acabou por sair, preferiu jogar futebol. Era avançada mas... marcava poucos golos. Dois anos depois, farta de estar sentada no banco das suplentes, tentou de novo – e descobriu que afinal lutar era a sua paixão, o seu destino. Campeã da Europa em 2006 e 2007, não revalidou o título em... Lisboa simplesmente porque nessa altura ainda estava de muletas. Mas crê que vai ainda a tempo de conseguir em Pequim – aquilo por que anda a lutar desde Atenas... Pois, se Lisboa não viu o encanto de Telma - descobriu, fulgurante, João Neto. Campeão da Europa, tornou-se, assim, mais uma arma portuguesa. É o primeiro do *ranking* mundial de menos de 81 quilos e avisa que a medalha é difícil, mas não a descarta... “Claro que isso é aposta, mas atenção, o judo é uma lotaria e os adversários de Pequim vão ser todos muito fortes”, foi o que ele disse mal saiu do pódio no Pavilhão Atlântico, emocionado ainda com os acordes de A Portuguesa, tendo a seu lado Cristina Fernandes, a namorada, farmacêutica em Seia. Conheceram-se há seis anos na faculdade de Farmácia – ele ainda tentou levá-la para o judo, mas... “Percebi que não era coisa para mim quando o João me explicava uma técnica que me deixou um hematoma na perna...”



Heróis de Atenas, traídos pelo destino...

Sim, claro, por problemas físicos também têm passado dois medalhados de Atenas. Rui Silva, bronze nos 1500 metros, que apenas voltou a correr a 100 dias dos Jogos, depois de longa paragem, após ter ganhado, auspiciosamente, a medalha de bronze nos Campeonatos da Europa de Corta-Mato, na primeira vez em que disputou competição assim, tão longa e sem o tartan da pista – tem aberto o maior desafio da sua vida: conseguir chegar a Pequim em condições de ser uma vez mais Rui Silva, o terrível terminador... Francis Obikwelu, que em 2004 juntou à prata o recorde europeu de 100 metros, nunca mais mostrou os pés em fogo como então – mas não, não mostra toalha atirada ao tapete, bem pelo contrário, larga aos quatro ventos que vai chegar ao Jogos se calhar ainda mais forte do que há quatro anos...

Francis Obikwelu, medalha de prata nos 100 metros em Atenas



Álvaro Marinho e Miguel Nunes,
sétimos classificados em Atenas



Marinho e Nunes, o perigo do vento fraco...

E mais fortes do que há quatro anos estão visivelmente Álvaro Marinho e Miguel Nunes, na vela, na classe de 470. Em Atenas foram sétimos classificados, em Sydney tinham sido quintos. Juntos andam desde 1997 – e em 2007 arrecadaram a medalha de ouro nos Campeonatos da Europa e já em 2008, deixaram as águas de Melbourne com prata nos Mundiais – sonhando assim muito mais largo para Quingdao, que é onde se vão fazer as regatas olímpicas. Por lá, em prova de preparação já foram terceiros – e perceberam que o vento fraco e as correntes traiçoeiras poderão ser os seus principais obstáculos. Acham, contudo, que o Tejo tem cenário parecido – e por lá se têm treinado, aconchegando o desejo de à terceira ser de vez: “Sim, o primeiro objectivo aponta para os oito primeiros, depois para a medalha, claro... Ou melhor, não

escondemos que melhorar Atenas é meta mas a ambição é ganhar. É para isso que temos trabalhado muito. Sabemos que, com ventos fracos há tripulações muito mais fortes do que nós, mas temos melhorado o nosso desempenho nessas condições, sabemos que vamos chegar à China entre os favoritos e um diploma, que é o prémio entre o quarto e o oitavo lugar, saberá a pouco, já temos dois...”

João Rodrigues, a engenharia e o ego...

Ainda na vela, outro sonhador: João Rodrigues. Aos 36 anos vai para a sua quinta participação olímpica, sendo sexto em Atenas-2004 e sétimo em Atlanta-1996 – abriu 2008 com a medalha de prata nos Campeonatos do Mundo de RS:X que se disputaram na Nova Zelândia. Ah! E ele que, entre Maio de 1997 e Abril de 1999 já ocupara lugar assim na classe Mistral (tendo-se sagrado campeão do Mundo em 1995 e campeão da Europa em 1996 e 1997) – galgou para o topo do *ranking* mundial. Tem 36 anos e a vela entrou-lhe na vida quase como um capricho: “Abria a janela todos os dias e apenas via mar, era aquilo que estava ali a chamar-me e eu... fui. Sim, sei que se fizesse no futebol, no ténis ou no golfe o que faço na vela seria multimilionário. Mas, sinceramente, não é isso que me faz estar no desporto. Claro, era engraçado ganhar uma medalha nos Jogos Olímpicos de Pequim, mas não sei... Era uma forma de agradecer a todas as entidades que há tantos anos me apoiam. Felizmente já tenho algum discernimento para não fazer disso a dependência da minha felicidade, mas, seguramente, vou fazer tudo o que estiver ao meu alcance para trazer a tal... medalha. É, tenho um ego como toda a gente e é isso que também me faz querer ganhar uma medalha. Portanto, uma grande parte de mim vai à procura disso, tenho de admiti-lo... Tenho títulos mundiais e europeus, mas os Jogos Olímpicos são um sonho diferente – e uma medalha aí mais ainda... Foi por isso que trabalhei o que trabalhei...”



João Rodrigues, medalha de prata nos Campeonatos do Mundo RS:X que se disputaram este ano na Nova Zelândia

Sonho que pode chegar a 11?!

... Sim, mas como os Jogos Olímpicos têm também um misticismo especial – pode muito bem acontecer que, de lá, do fundo da caixinha mágica, salte uma surpresa qualquer, que embasbaque o mundo, como embasbacou em Atenas, Sérgio Paulinho, vice-campeão olímpico de ciclismo – que só entrou em prova porque José Azevedo não se quis dar à aventura. Por isso é que Vicente

de Moura, presidente do Comité Olímpico de Portugal, já revelou que espera sair de Pequim com quatro ou cinco medalhas – mas, logo depois, acabou por alargar o campo à quimera, admitindo que até há 11 portugueses que podem sonhar com o pódio, esse sublime espaço onde se toca a eternidade... ■

** Jornalista de "A Bola"*



Basquetebol e andebol as grandes apostas de Angola

**O basquetebol
masculino e o andebol
feminino são as grandes
apostas do Comité
Olímpico de Angola
(COA) para os Jogos
Olímpicos**



Fotos: Comité Olímpico de Macau

Angola tem assegurada a presença de 28 atletas em Pequim, 14 no andebol feminino, 12 no basquetebol masculino, um na canoagem e um no atletismo, mas ainda há a possibilidade de serem integrados mais três, dois na natação e um no tiro, que, não tendo conseguido os mínimos para garantir a presença, podem estar na capital chinesa a convite das respectivas federações internacionais.

Mário Rosa, secretário-geral do Comité Olímpico de Angola (COA), admite que Paulo Silva, no tiro, e João Matias e Ana Romero, na natação, não estão ainda afastados da comitiva angolana, embora “tudo dependa” da observação que os responsáveis internacionais façam do seus respectivos desempenhos nos últimos quatro anos nas competições em que estiveram envolvidos.

Garantida é a “forte” presença nas duas modalidades em que Angola tem dado cartas no mundo e no continente africano: o basquetebol masculino e o andebol feminino, cujas seleções angolanas são as actuais campeãs africanas, triunfos que abriram as portas às duas formações para os jogos na China. Angola já conquistou oito vezes o *Afrobasket* masculino e nove edições da Taça Africana das Nações em andebol feminino.

Angola é o único representante de África no torneio de basquetebol dos Jogos Olímpicos desde Barcelona 1992 e desde Atlanta 1996 que tem também esse “estatuto” no andebol feminino, modalidade em que conseguiu o sétimo lugar no último Mundial.

O país, que nunca ganhou medalhas nesta competição, participou pela primeira vez nos Jogos Olímpicos em 1980, em Moscovo, tendo no edição seguinte aderido ao boicote dos Jogos de 1984, em Los Angeles, regressando às participações em 1988, em Seul.

O sonho das medalhas

O secretário-geral do Comité Olímpico de Angola admite que “sonhar com um lugar entre os três primeiros é apenas isso... um sonho”, mas lembra que “esse sonho pode ser construído em campo”, ressaltando que as equipas “já provaram” serem capazes de “grandes feitos”.

“Os angolanos estão com grandes expectativas tanto no andebol feminino como no basquetebol masculino. Mas só com o decorrer dos jogos poderemos definir os objetivos”, acrescentou.

Mário Rosa não tem dúvidas de que Angola “já impõe respeito” aos seus adversários nestas duas modalidades e de que, por outro lado,

esse respeito imposto às equipas contrárias “também leva a uma maior responsabilidade” de jogadores, equipas técnicas, federações nacionais e do próprio COA.

“Perante os melhores do mundo, o sucesso angolano nos Jogos Olímpicos de Pequim, tanto no basquetebol masculino como no andebol feminino, terá que ser construído num cenário onde a exigência máxima e as falhas mínimas vão ser as ferramentas em campo”, apontou.

“Será uma surpresa chegar ao pódio – feito nunca alcançado –, mas, mesmo tendo a consciência de que é extremamente difícil, pode acontecer para qualquer uma destas duas equipas angolanas”, afirmou.

Com a presença garantida de 28 atletas, o COA “disputa” agora a possibilidade de aumentar a comitiva com o atirador João Silva e com os nadadores João Matias e Ana Romero.

Para já, estes dois últimos estão inscritos provisoriamente para os Jogos Olímpicos de 2008, tendo o secretário-geral da Federação Angolana de Natação, Lino Lourenço, admitido publicamente que a inscrição foi feita na expectativa de que a Federação Internacional de Natação (FINA) notifique os dois nadadores e abra as portas à sua ida aos Jogos.

A indicação dada por ambos nos Mundiais de

piscina curta, realizados em Abril em Inglaterra, permite manter essa esperança. João Matias, que tem uma bolsa olímpica desde 2006, conseguiu um quinto lugar numa das eliminatórias dos 100 metros mariposa e o primeiro numa das séries dos 50 metros livres, sendo recordista nacional. Já Ana Romero conta com a boa marca conseguida nos 100 metros livres, onde foi quarta classificada numa série, batendo o recorde nacional angolano.

O secretário-geral do Comité Olímpico de Angola explicou que, “apesar de não terem conseguido os mínimos olímpicos”, estes nadadores podem beneficiar das disposições existentes que permitem os convites, por parte da FINA, em função das suas prestações mais recentes “e do mecanismo que visa a universalidade dos Jogos”. A participação angolana nos Jogos Olímpicos de Pequim está a ser aguardada com grande expectativa no país, visto que o desporto é uma das áreas em que, com fortes investimentos, Angola procura sobressair na cena mundial, depois de terminada a guerra que assolou o país desde a independência, em 1975, até 2002. O fim da guerra permitiu a Angola apresentar um crescimento económico dos maiores do mundo, alicerçado na produção petrolífera e diamantífera. ■

**Agência Lusa, Luanda.*



澳門與奧運同行
Macau Apoia os Jogos Olímpicos

齊運動 迎奧運

Juntos praticamos Desporto, Acolhemos os Jogos Olímpicos



澳門特別行政區政府
體育發展局
Instituto do Desporto
Macau Sport Development Board

www.sport.gov.mo



À espera de Mutola



A veterana Maria de Lurdes Mutola é a maior esperança de Moçambique na conquista de uma medalha de ouro nos Jogos Olímpicos de Pequim

De acordo com o secretário-geral do Comité Olímpico Nacional (CON), Penalva Pena, tudo depende de Maria Mutola ultrapassar as dificuldades físicas que tem sentido. “Se até Agosto tiver superado as lesões que a têm apoquentado nos últimos tempos e estiver no seu melhor em termos de força anímica não há dúvidas que pode ganhar. É a maior referência mundial nos 800 metros”, sublinhou Penalva Pena. Apesar de fazer em Outubro 36 anos, Maria Mutola pode levar Moçambique a conquistar uma medalha de ouro nas próximas Olimpíadas.

Nos Jogos Olímpicos de 2000, em Sidney, a atleta nascida em Chamanculo (distrito de Maputo, no sul de Moçambique) conquistou a medalha de ouro. Em 1996, em Atlanta, a corredora moçambicana subiu ao pódio para receber a medalha de bronze.

Moçambique tem também assegurada a presença de Kurt Couto, nos 400 metros barreiras, que obteve uma marca abaixo dos 50 segundos necessários nesta especialidade.

Em Outubro de 2007, na primeira edição dos Jogos da Lusofonia, realizada em Macau, Kurt Couto tornou-se o primeiro atleta africano a conquistar uma medalha de ouro, num evento até então dominado por atletas brasileiros e portugueses (nos jogos participaram 760 atletas de Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe, Moçambique, Macau, Brasil, Portugal, Timor-Leste, Índia (Goa) e Sri Lanka).

Ainda no atletismo, Moçambique espera conseguir mais uma vaga, pois a atleta Leonor Piúza, corredora dos 800 metros, precisa de apenas quatro centésimos de segundo para estar presente na prova. Em 2007, Leonor Piúza conquistou a medalha de ouro nos Jogos Africanos de Argel.

A mão de José Craveirinha

Foi com relutância que a então adolescente Maria de Lurdes Mutola, nascida a 27 de Outubro de 1972 em Maputo, aceitou ingressar no mundo do atletismo. A paixão de “Lurdinhas”, a mais nova de dez irmãos da família Mutola, era então outra: o futebol, que jogava com os rapazes do seu bairro pobre de Chamanculo, distrito de Maputo, sul de Moçambique (onde vivia com o pai, um operário dos caminhos-de-ferro e a mãe, empregada doméstica, desde que emigraram de Inhambane na década de 70). A troca pelo atletismo aconteceu aos 15 anos, pela mão do conhecido poeta moçambicano José Craveirinha, cujo filho acabou por se tornar o primeiro treinador de Mutola. No início, “Lurdinhas” chegou a ponderar desistir, concluindo que o atletismo não era o seu desporto. O potencial que já lhe era então reconhecido precipitou os acontecimentos. A atleta chegou a estar na iminência de ingressar no Benfica, mas a transferência acabou por não se concretizar. Em 1991, no âmbito de um programa do Comité Olímpico Internacional, viajou para Oregon, nos Estados Unidos. Seguiram-se anos de altos e baixos em termos desportivos. O momento alto da atleta surgiu nos Jogos Olímpicos de Sydney, em 2000, quando alcançou finalmente a medalha de ouro numa grande competição, batendo as suas duas principais rivais, Stephanie Graf e Kelly Holmes. Foi recebida em apoteose em Maputo. Embaixadora da Juventude das Nações Unidas, desde 2003, Maria de Lurdes Mutola tem procurado atrair mais jovens para o desporto, ajudando-os simultaneamente a alcançar os seus objectivos escolares, sendo este um dos principais designios da sua fundação. ■

Natação com hipótese

O secretário-geral do CON afirmou ainda que o país tem também a possibilidade de colocar dois atletas de natação na competição, por via da obtenção do tempo mínimo exigido.

“Se falhar a qualificação dos atletas ainda com hipóteses de ir a Pequim por via dos mínimos exigidos, há ainda a possibilidade de dois atletas, provavelmente de natação, competirem na prova através das duas vagas que o Comité Olímpico Internacional reserva para os países que não tenham um mínimo de quatro atletas no evento”, observa.

Penalva Pena enfatizou que independentemente do número de atletas que vão estar nos próximos Jogos Olímpicos, Moçambique pretende voltar a figurar no quadro de países com medalhas olímpicas.

Para alcançar esse objectivo, o CON ofereceu bolsas desportivas a Kurt Couto e a três nadadores para viverem e treinar em academias da África do Sul, a maior potência olímpica de África, tendo sido retirada a bolsa a um dos nadadores por ter falhado nos requisitos para a sua continuação na África do Sul.

Quase com 36 anos, Maria Mutola continua a ser a maior referência mundial dos 800 metros

Estágio em Macau

As autoridades desportivas moçambicanas conseguiram da cooperação francesa uma bolsa para a corredora Leonor Piúza, que se encontra agora a treinar e a estudar nas Ilhas Reunião.

“Temos outros atletas em Portugal e na África do Sul, que apesar de se encontrarem nesses países a título particular, fazem parte dos planos de qualificação”, disse ainda o secretário-geral do CON.

Quanto às modalidades colectivas, principalmente futebol e basquetebol, as de maior expressão em Moçambique, nenhuma estará presente em Pequim, pois falharam a qualificação.

A delegação olímpica moçambicana, que será chefiada pelo vice-presidente do CON, António Munguambe, planeia deixar o país 20 dias antes do início da prova, a 8 de Agosto, e agendou um estágio pré-competitivo em Macau. ■

** Agência Lusa, Moçambique*

Canarinhos já pensam em 2016

Os atletas brasileiros vão desembarcar nas Olimpíadas de Pequim animados pelo resultado histórico alcançado nos Jogos Pan-americanos de 2007



No Rio de Janeiro, nos Jogos Pan-americanos de 2007, o Brasil conquistou 157 medalhas (52 de ouro, 40 de prata e 65 de bronze) que garantiram, pela primeira vez, o terceiro lugar, atrás apenas dos Estados Unidos e de Cuba. A delegação que representará o Brasil nos Jogos Olímpicos de Pequim já tem 159 atletas apurados, número que deverá aumentar, já que muitas modalidades desportivas ainda estão em fase de apuramento. “A estimativa é que nos Jogos Olímpicos seja observada a melhoria

qualitativa dos atletas, independentemente do número de medalhas”, indicou o chefe da delegação brasileira em Pequim, Marcus Vinícius Freire. O Brasil já conquistou vagas para disputar 22 modalidades em Pequim, nomeadamente no ciclismo *mountain bike* e auto-estradas, futebol (masculino), ginásticas artística e rítmica, andebol (masculino e feminino), hipismo, judo, boxe, esgrima, levantamento de peso, natação, pentatlo moderno (feminino), remo, salto ornamental (masculino),

taekwondo, tiro com arco, tiro desportivo, vela e voleibol (masculino e feminino).

O Comitê Olímpico Brasileiro (COB) não tem um número de medalhas como meta a ser alcançada em Pequim. A natação, entretanto, está entre as maiores esperanças. A estrela maior, o nadador Thiago Pereira, desembarcará na China, depois de ser o grande vencedor dos Jogos Pan-americanos, com seis medalhas de ouro, uma de prata e uma de bronze. É o recordista de vitórias em uma única edição dos Pan-americanos, ao superar o brasileiro Fernando Scherer e o norte-americano Mark Spitz.

Thiago Pereira, estrela maior do Brasil nas provas de natação, saiu dos Jogos Pan-americanos com seis medalhas de ouro



A selecção de voleibol masculina do Brasil (medalha de ouro em Atenas 2004, campeã mundial em Tóquio 2006 e em Buenos Aires 2002) é outra das apostas para Pequim

Medalha inédita no futebol

A ginástica artística conquistou nove medalhas (quatro de ouro, duas de prata e três de bronze) nos Pan-americanos, e também sonha com medalhas em Pequim, com os ginastas Diego Hypólito e Jade Barbosa. O futebol brasileiro masculino terá mais uma hipótese de alcançar o inédito título de campeão olímpico, sob o comando do seleccionador Dunga, também responsável pela equipa principal. A expectativa sobre o desempenho da equipa masculina, em Pequim, aumentou muito depois que o futebol feminino

conquistou a medalha de ouro, nos Pan-americanos, diante de um público de 60 mil pessoas. Pelo seu desempenho nos Jogos, a brasileira Marta, eleita a melhor jogadora de futebol do mundo pela FIFA, tornou-se a primeira mulher a colocar os pés na calçada da fama do Estádio do Maracanã, o maior do Brasil. Medalha de Ouro em Atenas (2004) e campeã mundial em Tóquio (2006) e Buenos Aires (2002), a selecção de voleibol masculino, sob o comando de Bernardinho, é outra das grandes apostas do Brasil em Pequim. Os destaques no hipismo são o cavaleiro Rodrigo Pessoa,



Rodrigo Pessoa, medalha de prata nos Jogos Pan-americanos, é candidato a ganhar em Pequim

medalha de prata no salto, no Pan-americano, e a equipa de adestramento, que pela primeira vez conquistou uma vaga para os Jogos Olímpicos.

Os atletas Frank Caldeira e Vanderley Cordeiro de Lima são as esperanças de medalhas na maratona, a prova mais tradicional dos jogos. Caldeira foi medalha de ouro nos Pan-americanos e Cordeiro de Lima foi vítima de uma das cenas mais lamentáveis nos Jogos de Atenas. Liderava a prova com 25 segundos de vantagem sobre o segundo classificado, o italiano Stefano Baldini, quando no 36º quilómetro foi atacado por um fanático.

Vanderlei foi derrubado e perdeu alguns segundos preciosos até que fosse socor-

rido por espectadores. Poucos minutos depois, foi ultrapassado por Baldini, que venceu a prova, e pelo americano Mebrahtom Keflezighi, que ficou com a medalha de prata.

Cordeiro de Lima foi o atleta mais aplaudido pelo público ao chegar em terceiro lugar. Apesar do protesto brasileiro, o Comité Olímpico Internacional (COI) manteve o resultado final da maratona e premiou o brasileiro com a medalha Barão Pierre de Coubertin de mérito olímpico, como prémio de consolação. Antes dele, apenas o velejador austríaco Hubert Raudaschl tinha recebido essa honraria ao abandonar as regatas nas Olimpíadas de Seul (1988) para salvar uma pessoa que tinha caído ao mar.



Vanderley Cordeiro de Lima espera conquistar em Pequim o ouro que não conseguiu em Atenas por ter sido atacado por um espectador quando liderava a maratona

16º lugar em Atenas

Representado por 247 atletas (125 homens e 122 mulheres), em 22 diferentes modalidades, o Brasil obteve a melhor participação de sua história em Atenas, ao terminar na 16ª posição dos Jogos Olímpicos, com dez medalhas (cinco de ouro, duas de prata e três de bronze). Quatro anos antes, em Sydney (2000), os brasileiros conquistaram 12 medalhas (seis de prata e seis de bronze), o que

garantiu ao país a 52ª posição.

As autoridades desportivas brasileiras trabalham para que voltem de Pequim com uma participação histórica. Isso porque o Brasil é candidato a ser sede dos Jogos Olímpicos de 2016 e uma boa performance em Pequim contribuiria para a candidatura brasileira. “Uma candidatura a sede dos Jogos Olímpicos não está ligada à *performance* do país candidato, embora o desenvolvimento desportivo seja visto com bons olhos



Carlos Arthur Nuzman, presidente do Comité Olímpico Brasileiro, apresentou em Janeiro, em Lausanne, na Suíça, a candidatura da cidade do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016

pelo Comité Olímpico Internacional”, reconheceu Vinícius Freire.

Sede olímpica em 2016

No início de Janeiro deste ano, o presidente do Comité Olímpico Brasileiro, Carlos Arthur Nuzman, apresentou em Lausanne, na Suíça, a candidatura oficial da cidade do Rio de Janeiro a sede dos Jogos Olímpicos e Paralímpicos de 2016, num investimento estimado em 508 milhões de dólares norte-americanos.

O período proposto para a realização dos Jogos Olímpicos de 2016 é de 5 a 21 de Agosto e dos Paralímpicos de 7 a 18 de Setembro, época do ano em que a cidade do Rio de Janeiro regista temperaturas consideradas ideais para a prática desportiva. O projecto incluiu igualmente a utilização das mesmas instalações onde foram disputados os Jogos Pan-americanos, no ano passado.

“O projecto Rio 2016 é um desdobramento natural do Rio 2007, o que diminuirá a necessidade de novos investimentos em instalações desportivas e baixará os custos do evento. Estamos diante de um projecto grandioso e inovador, que servirá como pólo de desenvolvimento do desporto para milhões de jovens do Brasil e da América do Sul”, disse Arthur Nuzman.

A cidade do Rio de Janeiro foi candidata a ser sede dos Jogos Olímpicos de 2012, mas Londres ganhou a corrida. Em 2016, a “cidade maravilhosa”, como é conhecida, terá que vencer as candidaturas de Doha (Qatar), Chicago (Estados Unidos), Tóquio (Japão), Praga (República Checa), Baku (Azerbaijão) e Madrid (Espanha), apontada como favorita.

Em Junho deste ano, o COI definirá as cidades finalistas que receberão a visita de uma comissão de avaliação da entidade, em Maio e Junho do próximo ano. A vencedora será finalmente anunciada no dia 2 de Outubro de 2009, durante o congresso mundial do COI. ■

* Agência Lusa, Brasil

BNU, o seu Parceiro de Negócio em Macau



Web site: www.bnu.com.mo

O **Banco Nacional Ultramarino** é uma referência para todas aquelas que, ao longo de mais de um século de actividade, nos privilegiaram com a sua preferência.

Orgulhamo-nos da nossa história e do apoio que sempre demos e recebemos da comunidade local.

Hoje, como ontem, acreditamos no futuro e o apoio da Caixa Geral de Depósitos, um dos maiores grupos financeiros europeus, com uma vasta e abrangente rede de balcões em 20 Países da Europa, Ásia, África e Américas, permite ao BNU otimizar o seu conhecimento local com uma profunda experiência internacional e colocar ao seu dispor um conjunto de soluções criativas, dinâmicas e integradas.

Porque estamos determinados a ser bem sucedidos, acreditamos que o BNU é o seu Parceiro de Negócio em Macau.

BNU

Banco Nacional Ultramarino
大西洋銀行



— 1907 —

Quando a ambição é apenas participar

Não sonham com medalhas. Estar presente já é uma conquista. Mais do que subir ao pódio, a missão dos comités olímpicos dos restantes países lusófonos é dar a conhecer o seu país ao mundo

Em Cabo Verde, Guiné-Bissau, São Tomé e Príncipe e Timor-Leste raros são os atletas que conseguem atingir os mínimos necessários para a competição. Muitos são aqueles que vivem o “sonho olímpico” por meio de convites especiais. “Entrar e sair de cabeça erguida” é o objectivo traçado por Cabo Verde para as Olimpíadas de Pequim. Segundo o presidente da comitê nacional, Franklin da Palma, o país lusófono já tem presença assegurada nas modalidades de ginástica rítmica, com Wânia Monteiro, na disciplina de maratona, com Nelson Cruz, e, nos 200 metros, com a velocista Lenira

Santos. Estes atletas vão participar nos jogos graças ao *Wild Card*, (convite especial), autorização concedida pela Solidariedade Olímpica. Quanto aos objectivos para a competição estes não sobem ao nível dos lugares do pódio. “Do ponto de vista do comitê, a maior força neste momento é a participação condigna, porque temos consciência de que o desporto cabo-verdiano não está suficientemente desenvolvido para se apostar em medalhas”, defende Franklin da Palma. É que, no fim de contas, a missão da delegação cabo-verdiana em Pequim é mostrar os talentos do desporto nacional ao mun-

do, chamando, simultaneamente, a atenção do seu próprio Governo. “Queremos reforçar a ideia da importância do desporto para conseguirmos convencer o Governo a reestruturar a sua política desportiva.” Os Jogos Olímpicos de Atlanta, em 1996, marcaram a estreia da Guiné-





Foto: Comité Olímpico de Macau

Nelson Cruz ganhou a maratona dos Jogos da Lusofonia, disputados em Macau em 2006

Bissau nas olimpíadas. A avaliar pela última participação nos Jogos de Atenas, o país da costa ocidental do continente africano pode marcar presença, no próximo Verão, em Pequim, nas modalidades de atletismo e luta livre. O Comité Olímpico de São Tomé e Príncipe pretende

participar com três disciplinas desportivas. Em particular, atletismo, *taekwondo* e canoagem. Contudo, apenas a participação do atletismo está garantida. As olimpíadas de Atenas, em 2004, vão ficar para a história do desporto de Timor-Leste. Foi a primeira vez que o país lusó-

fono participou com uma delegação composta por quatro atletas, nas modalidades de atletismo, halterofilismo e boxe. A estreia timorense nos jogos foi apenas com desportistas que participaram a título individual, há oito anos, na capital australiana: Sidney. ■

Tantos deuses por onde escolher...

**Dayron Robles, Asafa
Powell, Yelena Isinbayeva,
Michael Phelps, Roger
Federer, Justine Henin,
Kaká, Messi, Yang Wei,
Irina Karavaeva, Timo
Boll e Ryoko Tamura.
Nomes que vão,
certamente, brilhar em
Pequim**

Junho, 2008



O cubano Dayron Robles, o principal adversário do chinês Liu Xiang nos 110 metros barreiras, e Asafa Powell um dos candidatos à vitória nos 100 metros

É no atletismo que nascem, normalmente, os mais fantásticos deuses do estádio na história dos Jogos Olímpicos. A tradição vai continuar a ser o que tem sido. E talvez o clímax de Pequim se faça em menos de 12 segundos – no electrizante duelo entre Liu Xiang, recordista mundial dos 110 metros barreiras, e o cubano Dayron Robles, o homem do futuro. Não menos emocionante promete ser a luta nos 100 metros entre o americano Tyson Gay e o jamaicano Asafa Powell. E porque verdadeiramente notícia seria ela não ganhar – estrela maior há-de ser Yelena Isinbayeva, que se treina em Itália e é fã de... Cristiano Ronaldo, no salto à vara, tentando o seu segundo título olímpico, depois de tudo ganhar, de ter sido a primeira mulher a mais de cinco metros.



Amare Stoudamire uma das estrelas do Dream Team

Dream Team quer desforra

Em Atenas, houve escândalo no basquetebol – com a vitória da Argentina. Que com Emanuel Ginobili e Fabrício Oberto (*San António Spurs*), Luís Scola (*Houston Rockets*), Andrés Nocioni (*Chicago Bulls*), Carlos Delfino (*Toronto Raptors*) e Walter Herrmann (*Charlotte Bobcats*) há-de ir de novo de esperança larga a jogo. Os americanos já juraram vingança da desfeita de há quatro anos e por isso apostam de novo num *Dream Team* – com Kobe Bryant (*Los Angeles Lakers*), LeBron James (*Cleveland Cavaliers*), Carmelo Anthony



Brigit Prinz grande figura do futebol feminino alemão



Michael Phelps prepara-se para bater o recorde de medalhas de ouro (7) conquistado por Mark Spitz em 1972

(*Denver Nuggets*), Amare Stoudamire (*Phoenix Suns*), Dwight Howard (*Orlando Magic*) e Jason Kidd (*Dallas Mavericks*). Por fora correrá a Espanha, campeã mundial, com Pau Gasol (*Los Angeles Lakers*), José Manuel Calderón e Jorge Garbajosa (*Toronto Raptors*) – de olho sempre no papel de outsider que a Rússia, actual campeã da Europa, comandada por Andrei Kirilenko (*Utah Jazz*), pode ter. Nas mulheres, apesar da Austrália de Penélope Taylor se ter sagrado campeã mundial de 2006, no Brasil, as americanas mantêm o maior quinhão na bolsa de apostas juntando duas faiscantes estrelas Sylvia Fowles e Lauren Jackson a Lisa Leslie que sonha com a quarta medalha de ouro consecutiva, pois esteve nas vitórias de Atlanta, Sydney e Atenas.

Phelps em novo ataque

Incontornável, na natação há-de haver, magnético, o efeito Michael Phelps. Há quatro anos não conseguiu igualar a proeza das sete medalhas de ouro de Mark Spitz em Munique (1972), saiu da Grécia com seis de ouro (100 e 200 metros mariposa, 200 e 400 metros estilos,

4x200 metros livres e 4x100 metros estilos) e com duas de bronze (200 metros livres e 4x100 metros livres) vai insistir no desafio. E com isso o mais certo é ofuscar o brilho de gente como os seus compatriotas Ryan Lochte (é bom que decore este nome...), Randall Bal, Kate Ziegler e Natalie Coughlin, dos australianos Eamon Sullivan, Grant Hackett e Libby Lenton, do sul africano Roland Schoeman, dos franceses Alain Bernard e Laure Manaudou...

De Federer a Sharapova...

E, durante largos anos, porque os Jogos viviam o romantismo e a hipocrisia do amadorismo geneticamente puro, os grandes nomes do ténis nunca rimaram com os grandes nomes do olimpismo. Só sucedeu a partir de 1988 – quando Steffi Graf ganhou a medalha de ouro em Seul. André Agassi fez o mesmo em Atlanta – e em Sydney (2000) Venus Williams venceu a prova individual e a de pares com a sua irmã Serena. Em Atenas, se no sector feminino Justine Henin impôs a lei da mais forte, no masculino houve campeão... accidental, o chileno Nicolás Massú

– que em pares, com Fernando Gonzalez, também venceu, para que o espanto fosse maior ainda. Desta vez, baixa é a probabilidade de acontecer semelhante coisa – porque Roger Federer, a decepção de há quatro anos, já avisou que não vai cometer o erro de então, não se vai hospedar na Aldeia Olímpica, pois todo o tempo que por lá passou foi tempo sem grande descanso, com toda a gente pedindo-lhe autógrafos, querendo tirar fotografias consigo – e reafirmou que só pensa numa coisa, na medalha de ouro. E como nisso

pensam também em quantíssima ilusão Rafael Nadal, o espanhol que é sobrinho de Nadal, defesa do Barcelona nos anos 80 e 90, e Novak Djokovic, o sérvio que conquistou o seu primeiro grande torneio no Estoril Open e que é adepto do... Benfica, imagina-se como a emoção há-de estar. Sim, Henin quer tornar-se a primeira bicampeã – e Maria Sharapova não quer passar por Pequim deslumbrando só pela sua beleza. E por tudo isso – o ténis terá impacto e frenesim como nunca antes teve na história olímpica.



Roger Federer não quer repetir o fracasso de Atenas



Messi é a nova estrela do futebol argentino

**Brasil com Kaká,
Argentina com Messi**

Ah! E desta vez, mesmo com o futebol em versão sub-23 – tudo aponta para que haja nos Jogos alguns daqueles nomes que tudo agitam. Por exemplo, o Brasil que, apesar de já ter usado Bebeto e Romário nunca foi... campeão olímpico, o melhor que conseguiu foi prata em Los Angeles e em Seul, quer que seja, enfim, a hora de ganhar o único título que lhe falta e Dunga, o seleccionador, até já revelou que vai levar Kaká como um dos não-sub 23. A Argentina que em Atenas ganhou a medalha de ouro contando com... Lucho Gonzalez – parece que vai apostar em Riquelme. E tudo aponta para que não prescindia de Messi e de Agüero, colega de Simão Sabrosa e grande revelação no Atlético Madrid. No feminino, talvez se reedite a final do Mundial, entre Alemanha e Brasil – e mais do que luta entre as duas melhores equipas da actualidade, empolgante deve ser a luta entre a alemã Birgit Prinz e a brasileira Marta para se saber quem é mesmo a melhor jogadora de futebol do Planeta.



A brasileira Marta vai tentar confirmar-se como a melhor futebolista do Mundo

Na ginástica, Yang Wei com ou sem erro...

Sempre altamente mediática, a ginástica artística – por onde não se passam deslumbrantes fenómenos: as americanas Shawn Johnson e Anastasia Liukin, o chinês Yang Wei, o alemão Fabian Hambüchen, o brasileiro Diego Hypólito (isso se recuperar totalmente do ataque de dengue que o atirou para a cama de um hospital, uma semana depois de ter regressado aos treinos, após operação cirúrgica de urgência...) e Paul Hamm. Lembra-se? Sim, Hamm foi o americano que em



Yang Wei é a vedeta da ginástica artística chinesa



Liu Xiang recordista mundial dos 110 metros barreiras



A russa Vera Sessina estrela da ginástica rítmica

Atenas ganhou medalha de ouro porque os juízes se “esqueceram” de contabilizar um décimo da nota de partida do coreano Tae-Young Yang, que por isso ficou com o bronze. Farta foi a polêmica – mas o resultado não sofreu alteração. Após os Jogos, Hamm decidiu reformar-se. Há menos de um ano sentiu saudades da competição – voltou e... conseguiu apurar-se para os Jogos. E acha que pode contrariar a ideia de que o título já está entregue: “Não, não é loucura pensar que não posso derrotar Yang Wei, mas sei que isso só acontecerá se ele cometer algum erro...” Na ginástica rítmica, grande é a expectativa em torno da batalha em que a ucraniana Anna Bessonova e a russa Vera Sessina e nos trampolins Irina Karavaeva pode fazer em Pequim o que fez em Atenas: esmagar toda a concorrência.

As novas águas do brasileiro

... E porque os Jogos são na China, o tênis de mesa há-de ter protagonismo como nunca antes. Com Wang Liqin, campeão de pares em Sydney e bronze individual em Atenas, buscando o seu primeiro título. Para isso terá de se desenvencilhar do seu compatriota Wang Hao, vice-campeão em título e nº 1 do *ranking* mundial – e de *outsider* chamado Timo Boll, o alemão que é campeão da Europa e o único capaz de afrontar o poder chinês que se estenderá, decerto, às senhoras,



onde emocionante será a luta entre Guo Yue, campeã mundial 2007 e Zhang Yining, nº 1 do *ranking* e campeã olímpica individual e de pares em Atenas-2004. O brasileiro Robert Scheidt, campeão em Atlanta (1996) e em Atenas (2004) e vice-campeão em Sydney (2000), mudou da classe *Laser* para a classe *Star* – e com Bruno Prada como companheiro vai chegar a Pequim como campeão mundial e candidatíssimo a fazer ainda mais história na vela. E o mesmo poderá acontecer com o britânico Ben Ainslie, campeão olímpico de *Laser* em 2000 e de *Finn* em 2004 – além de incontestável vitória no Campeonato do Mundo de *Finn* de 2008.

Ryoko Tamura na eternidade do judo

No judo, Atenas criou um mito: Ryoko Tamura. Com 1,46 metros de altura chegou lá já casada com um dos heróicos campeões de sumo do Japão: Tani. Em menos de 48 quilos, ganhara medalhas de prata em Barcelona (1992) e Atlanta (1996) e ouro em Sydney (2000). Ouro ganhou de novo competindo já como Ryoko Tani. Campeã mundial em 2007, tudo aponta para que continue a alargar a saga, arrecadando quinta medalha. Ah! E quinta medalha pode levar também a cubana Driulis González, campeã mundial 2007 na classe de menos 63 quilos, depois do ouro em Atlanta (1996), da prata em Sydney (2000) e do bronze em Barcelona (1992) e Atenas (2004). ■



A japonesa Ryoko Tamura vai lutar por nova medalha de ouro



Metade da população na rua para saudar tocha olímpica

Mais de 250 mil pessoas associaram-se à passagem da tocha olímpica por Macau. A 3 de Maio, mais de metade da população de Macau veio em peso para a rua saudar o símbolo dos Jogos Olímpicos. Além dos residentes, muitos chineses deslocaram-se à região administrativa especial para assistir à passagem da tocha, assim como centenas de turistas. A organização afirma que mais de 250 mil pessoas participaram na festa da recepção da

tocha olímpica.

“Assistimos a um evento inédito, histórico, que demonstrou a grande abertura e o espírito olímpico de Macau”, frisou Manuel Silvério.

Durante mais de três horas, 120 pessoas transportam o facho olímpico pelas ruas de Macau. Ao longo do percurso, que passou por zonas históricas de Macau, como as Ruínas de S. Paulo, ou pelos novos casinos os populares com bandeiras



da China e da RAEM, mas também de Portugal, de Angola, do Brasil ou até de Timor-Leste saudaram a passagem da tocha num ambiente de enorme festa.

A tocha acabaria por não passar por algumas zonas, como o Leal Senado e a parte central da Taipa, uma vez que o programa estava atrasado mais de meia hora.

O Chefe do Executivo recordou que Macau “é local de encontro das culturas chinesa e ocidental”, sublinhando que o dia 3 de

Macau “ficará na história de Macau”. Para Edmund Ho, “os Jogos Olímpicos contam com o apoio e esperanças do Governo e dos residentes de Macau. Desejamos, do fundo do coração, que o povo chinês e os povos do mundo se empenhem no espírito olímpico, que os atletas e povos do mundo possam aproveitar e apreciar, em conjunto, este grande evento desportivo cultural caracterizado pelo conhecimento mútuo e intercâmbio harmonioso”. ■



Tecnologia

Gilberto Lopes (texto) e António Mil-Homens (fotos)



Vêm aí os veículos eléctricos



O carro urbano desenhado por Filipe Bragança vai ser vendido nos EUA

O primeiro veículo eléctrico, desenhado em Macau, deve começar a circular nas ruas da região administrativa especial em Outubro. Nos Jogos Olímpicos de Pequim vai circular um outro carro eléctrico concebido pelo *designer* português Filipe Bragança, que concebeu ainda um riquexó eléctrico

Os Estados Unidos da América vão receber, até ao final do ano, as primeiras encomendas do carro de cidade, desenhado por Filipe Bragança. É um carro eléctrico, para quatro pessoas, que vai também circular em Macau, já que algumas empresas e instituições da região administrativa especial manifestaram interesse em adquirir o EMUV (*Electric Mobility Urban Vehicle*).

No gabinete de trabalho no Instituto Inter-Universitário, na RAEM, o *designer* revelou os últimos pormenores dos vários projectos de carros eléctricos que está a desenvolver. “O chamado carro de cidade (2+2) está numa fase muito evoluída. Já temos uma encomenda de 300 veículos para os Estados Unidos. Os primeiros vão ser enviados até ao final do ano. Em Outubro, devemos ter já alguns a circular em Macau”, revela Filipe Bragança. “Nos próximos meses espero obter das autoridades locais a respectiva homologação. Um veículo já está em Hong Kong para testes”, adianta.

Com uma autonomia de 160 quilómetros a uma velocidade constante de 90 quilómetros por hora, pode alcançar os 100 quilómetros por hora em apenas 13 segundos. O EMUV tem quatro versões diferentes: *van*, *pic-up*, *crossover* e *coupe/sports*. É um carro “com zero emissões de poluição”.

O docente do Instituto Inter-Universitário está também a desenvolver um outro veículo eléctrico para transportar menos de dez pessoas. “Já temos clientes e estamos em negociações para começar a construir o primeiro protótipo. Já conversei com em-



É provável que até ao Verão os riquexós comecem a circular no Venetian

presas e instituições locais que manifestaram interesse em adquiri-lo”, conta. Filipe Bragança adianta que empresas ligadas ao sector do jogo “estão interessados num veículo destinado aos clientes VIP, para sete pessoas no máximo”. Nos próximos meses deverá ser criado um consórcio para produzir e distribuir o veículo.

Para os norte-americanos do Venetian, o *automobile designer* português acaba de desenvolver um riquexó eléctrico. “Vai ter um pequeno motor eléctrico para ajudar o condutor do tradicional veículo de Macau”. É provável que até ao Verão os novos riquexós comecem a circular no complexo do Venetian.

Carro eléctrico nos Jogos Olímpicos

O primeiro automóvel eléctrico desenvolvido na China, o ECUV (*Electric Commuter Urban Vehicle*) 2610, vai começar a ser

comercializado em 2009. “Desde Maio do ano passado foram feitos mais de três mil quilómetros de testes. Não foram detectados problemas. O veículo e o conceito funcionam muito bem”, revela. “Um dia fomos apanhados pela polícia, que ficou surpreendida por ver na estrada um carro tão rápido e silencioso. Como ainda não está homologado fomos à esquadra explicar que se trata do protótipo de um carro eléctrico, que está em testes”, conta, com um sorriso nos lábios.

Os primeiros carros, a chamada pré-série, estão a ser produzidos em Zhuhai. “Estamos a fazer as afinações finais de todos os componentes, para depois entrar na produção do carro”, adianta. Os ensaios finais vão ser feitos em Pequim, durante os Jogos Olímpicos, onde o ECUV (*Electric Commuter Urban Vehicule*) 2610 vai circular. “As olimpíadas são uma ocasião perfeita para ver e



testar o comportamento do carro em cidade”, assegura Filipe Bragança. O peso do automóvel é, por enquanto, o principal problema, já que o *automobile designer* português pretende que o ECUV 2610 pese menos de mil quilos.

“Tem menos de 50 por cento de componentes de que um veículo a motor térmico. Apostei na transferência



**“É o primeiro a nível mundial
desenhado para uma família.
Vai criar um novo mercado, uma
nova maneira de viver”**

de tecnologia da Europa para a China, mas foi tudo criado de raiz. Hoje, utiliza baterias, mas amanhã pode recorrer a energias alternativas”, nota.

Com autonomia para 250 quilómetros e capacidade para transportar cinco passageiros foi pensado para ser o futuro táxi de Cantão. A capital da província de Guangdong,

com mais de dez milhões de pessoas, situada a 130 quilómetros de Macau, tem actualmente em circulação mais de 50 mil táxis. O projecto é financiado pelo governo da província de Guangdong, que pretende utilizá-lo como táxi.

“Quando a China entrou para a Organização Mundial do Comércio, em 2002, fui convidado por

uma empresa de Hong Kong, que tem investimentos na área da educação em Cantão, para ministrar um seminário naquela cidade chinesa. Na sequência desses contactos, membros do governo de Guangdong mostraram-me um projecto que estava a ser desenvolvido há dez anos, mas o carro nem sequer andava”.



O EMUV tem uma autonomia de 160 km a uma velocidade constante de 90 km/h

Nos últimos quatro anos, desenhou o ECUV 2610, que está limitado electronicamente a uma velocidade de 130 quilómetros por hora. Tem uma autonomia de 400 quilómetros a uma velocidade constante de 96 quilómetros por hora ou 250 quilómetros a velocidades variáveis. O motor pode atingir os 185 quilómetros por hora. Pode alcançar os 100 quilómetros por hora em apenas nove segundos e meio e pesa, sem passageiros, mil quilos, “menos 300-400 quilos que um carro normal”. Tem o tamanho de um Volkswagen Golf. “É o primeiro a nível mundial desenhado para uma família. Vai criar um novo mercado, uma nova maneira de viver”, nota Filipe Bragança, que destaca o conforto e a eficácia, “a distância entre os eixos é semelhante a de um Mercedes Classe S. As portas abrem em borboleta, de modo a facilitar a entrada dos passageiros no táxi”.

O ECUV 2610 é amigo do ambiente, já que é o primeiro carro “com zero emissões de poluição”. A tecnologia utilizada para a sua construção é

também pouco poluente, uma vez que foram seguidos os padrões mais avançados de segurança da indústria automóvel.

O futuro táxi de Cantão vai ter uma carroçaria da família dos plásticos - *rotomolding* -, o que significa que os moldes são produzidos por um processo de rotação. “A carroçaria será moldada na cor desejada e não será pintada na linha de montagem”.

A autonomia das baterias não tem permitido a afirmação dos carros eléctricos no mundo automóvel. Filipe Bragança está convicto de que em 2009, quando o carro começar a ser produzido em série, a tecnologia vai possibilitar “um desempenho mais eficaz e maior durabilidade, já que nos próximos tempos vamos assistir a grande evolução tecnológica”. As baterias utilizadas no ECUV 2610 têm já uma “vida” entre os quatro e cinco anos e uma autonomia entre os 260 e 400 quilómetros. As baterias podem ser carregadas pelo sistema tradicional (carregamento entre cinco a sete horas) ou pelo método de indução que permite carregar

totalmente as baterias em escassos minutos, “vamos utilizar uma espécie de pacote, que numa estação de serviço pode ser substituído em escassos cinco minutos. Sempre que se trava e não se acelera há recuperação de energia, o que é também muito importante para o tempo de vida das baterias. O tejadilho dispõe de painéis solares que vão alimentar todo o sistema de iluminação do veículo”.

Os responsáveis pelo projecto procuram também uma fábrica na China que assegure a produção de motores eléctricos. “A tecnologia é europeia, mas o objectivo é fazer tudo na China. Ainda não conseguimos encontrar quem faça os motores com as mesmas especificidades que a fábrica da Suíça, que produziu os primeiros motores”, observa. “Se for possível encontrar investidores que paguem os motores fabricados na Suíça podemos avançar para a produção do carro quase de imediato. Sem investidores vai ser mais complexo”. O objectivo é colocar no mercado um automóvel barato, entre as 120 e 150 mil patacas. ■

Coimbra, Suíça, Macau



Professor na Universidade de Sun Yat Sen, em Cantão, e no Instituto Inter-Universitário, em Macau, Felipe Bragança cruza quase todos os dias a fronteira de Macau com o continente chinês. Com orgulho mostra o “Foreign Experts Certificate”. Não o utiliza na fronteira, mas facilita-lhe a vida nas viagens entre Macau e Cantão.

Entretanto, as autoridades já lhe atribuíram um visto vitalício, “as entradas e saídas no continente são, por enquanto, o único handicap, pois em dias de grande movimento chego a esperar uma hora na fronteira”. Hoje passa, de resto, mais tempo do outro lado das Portas do Cerco do que em Macau, já que o modo de viver na região administrativa especial é cada vez mais frenético.

“O meu objectivo sempre foi o interior do País. Estar mais perto do local onde se fabricam os produtos permite acompanhar todo o processo e ser mais eficaz. É mais fácil ter uma acção directa sobre o desenvolvimento do produto para que tenha boa qualidade”, nota.

Natural de Coimbra, trabalhou na Suíça para marcas como a BMW, Honda e Alfa Romeo e integrou uma das equipas que desenhou o Swatch. Trabalhou com importantes nomes da indústria automóvel como Franco Sbarro, Luigi Colani, Walter da Silva ou Giugaro. “Qualquer designer tem sempre a meta de fazer um carro de sonho. O veículo movido a energia eléctrica vai ser o carro do futuro”, assevera. ■

Características do EMUV

Tem uma distância entre eixos de 2,30 metros, um comprimento de 2,90 metros, largura de 1,50 metros e altura de 1,50 metros.

Capacidade: 2+2 passageiros. A bateria, com capacidade de 120 volts, tem uma autonomia de 130 quilómetros, mas pode chegar aos 170 km.

Capacidade do motor: 4,8 kw

Velocidade máxima: 90 km/hora

Autonomia: 160 km

Peso (vazio): 700 kg

Aceleração: 0-100 km (13 segundos)

Características do ECUV 2610

Chassis de alumínio. Tem uma distância entre eixos de 2,82 metros, um comprimento de 4,2 metros, largura de 1,8 metros e altura de 1,45 metros.

Capacidade: cinco passageiros. A bateria, com capacidade de 310 volts, tem uma autonomia de 250 quilómetros, mas pode chegar aos 400 quilómetros.

Velocidade de 130 km/hora, mas pode atingir os 185 km/hora. Controlado electronicamente

Capacidade do motor: 45 kw

Peso (vazio): 1000 kg

Aceleração: 0-100 km (9,5 segundos)

0-60 km (4,8 segundos)

Inaugurado Instituto Confúcio em Lisboa

A Universidade de Lisboa conta desde o mês passado com um novo instituto, destinado a promover o ensino da língua e da cultura chinesas. Trata-se do Instituto Confúcio, o segundo em Portugal, depois do criado na Universidade do Minho, em 2005. O organismo foi lançado e patrocinado pelo governo chinês em 2004, e já está presente em mais de 30 países. A China tenciona abrir institutos idênticos em Angola e Brasil, os seus principais parceiros económicos no mundo lusófono.



A escola de futebol para lusófonos

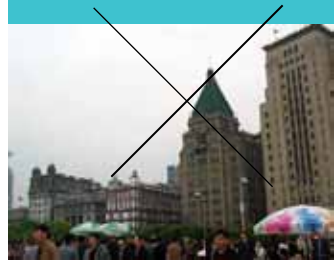
O Brasil fundou a primeira escola internacional de futebol para países de língua oficial portuguesa. Trata-se de uma iniciativa do Governo brasileiro que pretende tornar jovens lusófonos em agentes multiplicadores do conhecimento.

A primeira actividade é o Curso de Aperfeiçoamento de Técnicos de Futebol da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa e conta com 40 alunos de sete dos oito países da CPLP. A segunda etapa do projecto, com início previsto para o segundo semestre deste ano, vai visar a formação de atletas, já a pensar no Mundial de 2014.



Brasil representado em Cantão

O Brasil vai instalar um consulado-geral em Cantão para apoiar os brasileiros que moram na região e ajudar empresas interessadas em operar no sul da China. Ainda não há data definida para a abertura do consulado, mas as autoridades querem que aconteça ainda este ano. De acordo com o chefe da representação do ministério brasileiro das Relações Exteriores em São Paulo, o objectivo principal é oferecer assistência consular aos seus nacionais que vivem no sul da China. Segundo as estimativas, cerca de três mil brasileiros vivem em Donguan, na província de Guangdong, 800 em Pequim e 1500 em Xangai.



Fórum da cooperação com países lusófonos tem novo representante

Zhao Chuang é o novo secretário-geral do secretariado permanente do Fórum para a Cooperação Económica e Comercial entre a China e os Países de Língua Portuguesa. O conselheiro comercial do departamento de Cooperação Internacional do Ministério do Comércio da China substituiu no cargo Wang Chengan.

Além de Zhao Chuang, integram ainda o secretariado permanente Manuel Amante da Rosa, ministro plenipotenciário de Cabo-Verde que representará os países de língua portuguesa; Lok Kit Sim, chefe do gabinete do secretário para a Economia e Finanças do Governo de Macau, e um outro representante do Ministério do Comércio da China.





China: exemplo para África

A “receita chinesa” contra a pobreza, que permitiu elevar nos últimos 25 anos o nível de vida no país, pode funcionar para os países africanos, se derem prioridade à agricultura e fortalecerem as suas instituições estatais. A conclusão é do investigador Martin Ravallion, no estudo “Existem lições para África do sucesso da China contra a pobreza?”, patrocinado pelo Banco Mundial. Entre 1981 e 2004, cerca de 500 milhões de chineses terão saído da pobreza, enquanto que no mesmo período mais 130 milhões de africanos viviam com menos de um dólar por dia.



Escolas portuguesas e chinesas geminadas

Os colégios Nossa Senhora do Rosário, no Porto, e Luso-Internacional, de Braga, vão geminar-se com a Escola Primária de Pequim, instituição que vai receber, durante duas semanas, dez crianças portuguesas para aprenderem mandarim.

A iniciativa, designada “Escola Amizade”, partiu da escola chinesa no âmbito dos Jogos Olímpicos 2008, que começam a 8 de Agosto.



China constrói estádios em países lusófonos

A China está envolvida em projectos de construção de grandes infra-estruturas desportivas em Angola, Moçambique e Cabo Verde, todas a inaugurar até 2010.

O Estádio Nacional de Moçambique vai ter capacidade para 40 mil pessoas e deverá estar concluído a tempo do mundial de futebol na África do Sul, por forma a acolher os estágios das selecções participantes. Em Cabo Verde, o Estádio Nacional, com capacidade para 20 mil pessoas, será dotado de uma pista de atletismo. Já em Angola o novo estádio será o principal palco da Taça das Nações Africanas 2010.




Investimento chinês em Angola cresce 252 por cento

Entre 2006 e 2007, os investimentos de empresas chinesas em Angola passaram de 11 milhões de dólares americanos para 37 milhões de dólares, correspondendo a um aumento de 252 por cento.

Os dados, revelados pelo presidente da Agência Nacional Para o Investimento Privado (ANIP), Carlos Fernandes, mostram que o número de empresas privadas chinesas, em Angola, cresceu 93 por cento no último ano.

Actualmente há já 31 companhias chinesas com investimentos neste país africano.

Português de todas as cores em Macau



Com o português como língua oficial Macau atrai gente de todos os países onde se fale a língua. Vêm à procura de melhores oportunidades de emprego e encontram-nas. Só dos países africanos de língua oficial portuguesa estima-se que sejam várias centenas de residentes.

Pelé tinha 19 anos quando lhe falaram em Macau. Tinham-lhe dado o nome aos oito anos por jogar bem, como o Rei. Podia ter sido um segundo Pelé se não fosse Macau. Podia ter sido um segundo Pelé se não fosse o gosto pelo mundo da noite. Ou se a vida não desse as voltas que sempre dá. Hoje, fala no passado como algo que

não regressa, mas que o enche de orgulho ao mesmo tempo. “Dava um livro”, diz ele. E dava. A começar pelas ruas da Damaia, em Lisboa, onde cresceu como gente e como jogador. Onde aprendeu crioulo de Cabo Verde e comeu kalulu com peixe de São Tomé. Saudades dessa África tem, que a outra, a verdadeira, nunca conhe-



“Já viajei pelo mundo inteiro, joguei em quatro continentes, mas a África nunca fui”

ceu. “Já viajei pelo mundo inteiro, joguei em quatro continentes, mas a África nunca fui”. Sente-se português, mas diz ser de São Tomé e, se tivesse de escolher um país africano, era Cabo Verde.

Pelé nasceu com o nome de José Martins, em São Tomé, mas aos dois anos foi com os pais procurar melhor vida em Portugal.

Aos seis anos foi descoberto por um *manager*, enquanto jogava à bola nas ruas da Damaia, com outros meninos que já não eram africanos, mas tinham demasiado ritmo no corpo para serem portugueses. Nasceu cedo o sonho de vir a ser grande, chutar a bola por esse mundo fora e aos 13 anos Pelé largava a escola. Os pais não

queriam, mas adolescente sabe sempre mais que os adultos, não aceita lições.

Aos 15 anos assinou pelo Sporting, depois de jogar em clubes mais pequenos. Mas Alvalade era outro campeonato. A vida estava ganha, tinha o futuro pela frente e o sonho realizado. Foi a sua primeira desilusão.

Meandros contratuais deixaram-no no banco o ano inteiro. E depois não houve renovação de contrato.

Dois anos depois veio a segunda desilusão, o início do fim. “Fui o melhor goleador júnior do campeonato português, com 64 golos marcados pelo Famalicão. Era natural que pensasse que iria ser convocado para a selecção de sub-21 do campeonato do mundo, que ia acontecer três meses depois, na Austrália”. Não foi. “Quem não ia ao campeonato tinha de cumprir o serviço militar, que era de um ano e seis meses. Não tive escolha”. Quando lhe falaram em jogar futebol em Macau disseram-lhe também que, do então território sob administração portuguesa, poderia saltar para outros países e jogar a nível internacional. Pelé estava desiludido. O Sporting já ia longe, a selecção de sub-21 longe ia. Aos 19 anos, a vida parecia perdida. “O meu pai disse-me para completar o serviço militar, que os meus sonhos se iriam realizar. Mas eu não podia esperar”. Pelé inventou uma desculpa para sair do quartel e nunca mais voltou. Era um desertor, mas não pensava no futuro, que naquela idade até a respiração parece engolir a vida. Jogou no Negro Rublo, em Macau, pela selecção do território, na Liga dos Campeões Asiáticos, e depois assinou contratos no Brunei, na Austrália e em Goa.

Mas Portugal. Portugal já lhe dava comichão de tanta saudade, de tanta vontade que tinha de voltar ao futebol português. E o Sporting que não lhe saía da cabeça. Arranjou um contrato para o Imortal de Albufeira.

Ficou lá cinco dias até ser preso por deserção do serviço militar. Oito meses no quartel de Beja.

Era o fim.

“Acho que foi aí que eu entendi que o tempo tinha passado. Nunca seria um Pelé”. A sua carreira não terminou, mas José Martins passou a jogar só pelo prazer. Encarou a realidade.

Acabou por voltar ao sítio onde fora feliz e hoje não quer outra coisa: Macau.

Treina a equipa de futebol da Casa de Portugal, joga na equipa do Futebol Clube do Porto, do território, e é *personal trainer* no spa do *resort-hotel* MGM Grand. Com três filhas, estando duas na escola luso-chinesa “para aprender chinês”, tem a vida feita e um futuro pela frente. Portugal nem lhe passa mais pela cabeça e, neste momento, mais vontade tem de trazer a família, um dos irmãos quer vir, já que amigos em Macau tem mais que muitos.

Pelé tem o à-vontade e a descontração são-tomenses. É homem de confiança e sorriso fácil. Faz amigos com facilidade e foi o que valeu quando começou a gerir bares em Macau. “Macau dá muitas oportunidades a quem quer trabalhar, fazer alguma coisa nova e a noite cá era toda igual, só davam *house*. Eu metia música africana, salsa, R&B e vinha muita gente às festas”. Embora Pelé não lhes dê o nome de festas africanas, a verdade é que a comunidade dos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa, que Pelé diz serem cerca de 700 pessoas, aparece em peso nessas noites de ritmos quentes. “Acho que me poderia ter tornado um craque no futebol se não gostasse tanto da noite. Mas agora já tenho 35 anos. O futebol profissional já vai longe e hoje só tenho a noite”. Um dos seus sonhos é ter o seu próprio bar dançante, onde, à noite, os corpos suem na dança e, de dia, o espaço se transforme na sede da Associação de Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa. “Só existem associações de cada país, mas era preciso unirmo-nos, termos uma associação de todos!”. Trinta e cinco anos é idade grande para o futebol, mas, para o comum dos mortais, ainda é juventude.

No centro comercial do maior casino do mundo

Thaís Pinheiro da Silva tem 25 anos, mas o ar senhoril e o lápis negro que lhe emoldura os olhos cor de mel dão-lhe um ar mais velho, de mulher consciente, madura. Nascida em São Paulo, no Brasil, e com o curso de hotelaria feito no Estoril, em Portugal, já tem os dois sotaques dissolvidos na linguagem própria de quem já é do mundo. Chegou há sete meses a Macau com o marido, que trabalha num restaurante do *resort-hotel MGM Grand*, sem trabalho garantido, nem perspectivas. “Mas ter estudado numa universidade da Europa e ter trabalhado em hotéis e restaurantes internacionalmente conhecidos ajudou muito. Em duas semanas arranjei emprego”.

São sete da tarde e o restaurante brasileiro Fogo Samba, no *Venetian resort-hotel*, ainda está a meio gás. Thaís aproveitou para ver se está tudo em ordem, dar as últimas instruções aos empregados de mesa, fazer os acertos finais antes da enchente da noite. A seu cargo tem 60 empregados de mesa e 20 na cozinha e logística. Tudo o que sabe aprendeu no Estoril e nos locais onde trabalhou durante o curso, o *Vila Vitta* no Algarve, o *Hotel da Penha Longa* e o *Hard Rock Café* em Lisboa, onde conheceu o marido. Foram seis anos em Portugal, que já a fazem ter saudades do cozido à portuguesa e dos petiscos alentejanos que o sogro fazia. Saudades que não chegam a nostalgia, que Macau também lhe sabe bem. “Eu gosto muito de estar cá. Acho que as pessoas são simpáticas e, embora a cultura seja incomparavelmente diferente da nossa, penso que os chineses de Macau sabem respeitar a cultura dos outros. Para além disso, os salários são muito melhores”.

Com uma folga semanal, Thaís admite que também trabalha mais do que alguma vez trabalhou, mas compensa. Em Macau, consegue ter um nível de vida, e uma capacidade financeira para

Para Thaís Pinheiro da Silva “os chineses de Macau sabem respeitar a cultura dos outros”

viajar e conhecer a Ásia, que nunca teve. E tem oportunidades de trabalho que nunca foram capazes de lhe dar. “A hotelaria em Macau é diferente da hotelaria de Portugal. Aqui há muito dinheiro e por isso se pensam e prevêem os detalhes que fazem os ambientes inesquecíveis. É por causa dessa capacidade financeira que eu tenho muita autonomia. Durante o meu turno sou eu que tomo as decisões, não tenho de estar sempre a perguntar ao meu superior se está certo ou errado”.


Thaís também admite que Macau é ideal para jovens. Explica que como há pouca mão-de-obra qualificada que fale inglês, a procura de estrangeiros licenciados é grande.

Para a brasileira, Macau não é um paraíso. Mas é sítio que trata bem os que chegam para trabalhar. Thaís não prevê o futuro. Por enquanto está aqui. E aqui há muitas oportunidades para crescer. “Quando eu cheguei não havia nada ali no Cotai, onde está a funcionar o *Venetian*. Em sete meses já há um monte de hotéis a serem construídos!”.

O *Cotai Strip* é uma zona de aterros, entre as ilhas da Taipa e de Coloane, que alberga uma das novas zonas do jogo de Macau.

Direito em Macau, advocacia na Guiné

O direito estava-lhe no sangue. Tanto o pai como a mãe, ambos guineenses, estudaram direito em Coimbra e Taylor Barreto Gomes sempre pensou em cursar direito ou ser jogador de futebol. A bola desapareceu-lhe da cabeça à medida que a sapiência da idade adulta foi chegando. Ficaram as leis. Com 23 anos, Taylor estuda na Universidade de Macau com uma bolsa da Fundação Macau. Vivendo em Coimbra, o pai, que trabalha na empresa importadora de castanha de caju da Guiné do avô de Taylor, preferia que ele se licenciasse na Europa. Foi a mãe, coordenadora da plataforma das Organizações Não Governamentais em Bissau, que lhe falou em Macau, que o curso de direito baseava-se no de Coim-



“Tinha uma ideia completamente diferente de Macau. Achei que fosse pequenino, colonial, cheio de cultura”

bra e era dado em português. “Eu tinha uma ideia completamente diferente de Macau. Achei que fosse pequenino, colonial, cheio de cultura”.

Não se pode dizer que Taylor esteja desiludido. Mas também não pensa exercer advocacia por aqui. “Macau é um sítio cheio de luxos, mas alienado. Cada vez mais se sente a falta de cultura. A maioria dos jovens estuda gestão para ir depois trabalhar nos casinos. Parece que só o dinheiro interessa aqui, não se pensa na vida social”. Ainda assim, Taylor admite que esta é uma experiência que o faz crescer e aos 23 anos só pensa em fazer algo pelo seu país, Guiné-Bissau. Estando no terceiro



ano do curso, ainda lhe faltam dois para completar os cinco, mais os dois do estágio na Associação dos Advogados. “O curso é bom, e a bolsa que recebo dá-me para viver. Mas quero exercer lá, no meu país, onde qualquer gesto sabe a muito”.

Taylor nasceu em Coimbra no seio de uma família guineense que se tinha estabelecido naquela cidade portuguesa. Quando era mais novo dizia-se português, mas o tempo foi-lhe mostrando outra realidade. Todos os anos o avô, que não queria que os netos esquecessem o crioulo, mandava todos para Bissau. Taylor passava as férias do Verão e do Natal com os primos na Guiné e “isso fez-me muito bem. Se hoje entendo

qual é o meu lugar no mundo, foi graças a essas férias que lá passava todos os anos”. Portugal não deixa de ser o seu país, mas sente-se guineense. Talvez por saber que é lá que fará vida, talvez por ter família que sempre teve importância política na Guiné. O seu avô materno foi um dos ministros de Nino Vieira, e foi assassinado durante umas das férias de Taylor em Bissau. A mãe também tem ligações políticas e Taylor admite que poderá enveredar por esse caminho. Para Taylor, Macau é um ponto de passagem, que lhe dá estudos e maturidade, mas só um ponto de passagem até à Guiné. De onde veio, para onde vai. ■

Subsídio para todos os residentes

O Governo de Macau vai atribuir mais de dois mil milhões de patacas aos residentes de Macau. O anúncio foi feito por Edmund Ho na Assembleia Legislativa e visa atenuar os efeitos da inflação nos orçamentos das famílias locais. O subsídio único vai contemplar os residentes permanentes e não permanentes de Macau (527 mil). Os que residem actualmente no exterior, incluindo os que estudam fora de Macau (67.000) têm também direito ao subsídio.

“A grande maioria da população teve a sua qualidade de vida melhorada nos últimos anos”, disse Edmundo Ho, que, no entanto, reconheceu que “algumas medidas não foram suficientes”.

Para distribuir melhor a riqueza acumulada por Macau nos últimos anos (os saldos ultrapassam os 50 mil milhões de patacas), o Governo avançou com um subsídio de 5000 patacas para os residentes permanentes e de 3000 para os residentes não permanentes.

O Governo anunciou também a criação de subsídios de residência às famílias que aguardam por atribuição de habitação social. Neste momento, há 6400 famílias nessa situação. Para os agregados familiares compostos por uma ou duas pessoas (à espera de um T1) o montante será de 750 patacas por mês. As famílias que se candidataram a um T2 vão receber 1100 patacas. O subsídio terá a duração de um ano e cessará uma vez adquirido um imóvel ou atribuída uma habitação social.

O secretário para os Transportes e Obras Públicas anunciou ainda a construção de habitação pública em Coloane. Em Seac Pai Van vai ser reservada uma área total de 42.300 metros quadrados para a construção da habitação social. O Governo pretende construir 19.000 unidades de habitação pública até 2012.

Edmund Ho avançou ainda com a isenção das taxas de inspecção sanitária referentes a produtos alimentares frescos importados. O Governo está também a equacionar a possibilidade de utilizar armazéns existentes no Parque Industrial Transfronteiriço Macau-Zhuhai para armazenar arroz. O secretário para a Economia e Finanças, Francis Tam, disse que a criação de reservas de arroz pode ajudar a estabilizar os preços em períodos de crise.

A pataca, por seu turno, vai manter-se indexada ao dólar de Hong Kong para garantir a estabilidade do sistema finan-

ceiro, defendeu Edmund Ho. O Governo também não vai levantar a suspensão das medidas de fixação de residência por investimento.

Para garantir emprego aos residentes, o Governo vai obrigar os empreiteiros a contratar apenas mão-de-obra local para as obras públicas inferiores a dez milhões de patacas.

Apoio aos idosos

O Chefe do Executivo revelou ainda aos deputados que não vai autorizar mais casinos, além dos que já estão em apreciação, e que não vai haver salas de jogos nos novos aterros que o Governo pretende construir em Macau e na Taipa. As salas de *slot machines* devem ficar também afastadas dos bairros habitacionais. O número de concessão de jogo vai também manter-se, o que representa que nos próximos anos Macau terá os actuais seis operadores (**Sociedade de Jogos de Macau**, *Galaxy Casino*, *Wynn Resorts (Macau)*, *Venetian Macau*, *Melco-PBL Jogos (Macau)*, *MGM Grand Paradise*). As concessionárias não podem participar em empresas de utilidade pública, assegurou Edmund Ho.

Por outro lado, o Executivo de Macau vai despende 814 milhões de patacas em medidas extraordinárias de apoios financeiros à população mais necessitada. Desta forma o Governo tentar aliviar os efeitos da inflação. Os subsídios têm a duração de um ano, período em que o Executivo comparticipará em 150 patacas as despesas de consumo de energia eléctrica. Ao mesmo tempo, o Governo concede um subsídio complementar para os empregados a tempo inteiro com salários baixos.

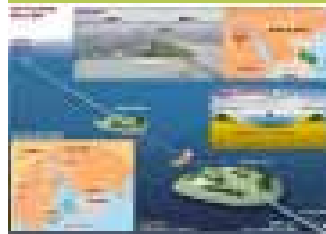
O Governo estima gastar 350 milhões de patacas com cerca de 16 mil residentes locais, com mais de 40 anos de idade e com um rendimento médio mensal inferior a quatro mil patacas. ■

Ponte no Delta custa 42 mil milhões

A construção da nova ponte sobre o Delta do Rio das Pérolas, que ligará Hong Kong, Macau e Zhuhai, vai custar 42 mil milhões de renminbis.

O construtor precisará de 36 anos e meio para recuperar o investimento através da cobrança de portagens.

As estimativas foram avançadas pelo governador de Guangdong no decorrer da Assembleia Popular Nacional que decorreu em Pequim, no passado mês de Março.



Novo presidente do Instituto do Desporto

Alex Vong tomou posse como presidente do Instituto do Desporto depois de nos últimos cinco anos ter ocupado o cargo, embora com o estatuto de presidente substituto. José Tavares assumiu o cargo de vice-presidente.

A nova equipa garante que vai continuar as políticas até aqui delineadas, tendo como prioridade o desenvolvimento da prática desportiva em Macau. Alex Vong substituiu Manuel Silvério que abandonou a função pública ao fim de mais de trinta anos. Na hora da despedida, Manuel Silvério fez um balanço positivo dos anos que liderou o desporto da RAEM. Sobre o projecto que mais o marcou, elegeu a organização da 4ª Edição dos Jogos da Ásia Oriental.



Macau na Expo de Xangai em 2010

Macau vai estar presente na Exposição Mundial de Xangai e o Governo criou um gabinete preparatório da participação da região administrativa especial no evento.

O gabinete criado pelo Chefe do Executivo, Edmund Ho, irá funcionar durante três anos.

A Exposição Mundial de Xangai vai decorrer entre 1 de Maio e 31 de Outubro de 2010.



Macau revê leis eleitorais

O Governo apresentou uma proposta de revisão de leis eleitorais, que embora não se traduzindo em qualquer alteração profunda nas metodologias, pretende pugnar pela transparência dos processos e garantir a realização de eleições justas e sem casos de corrupção.

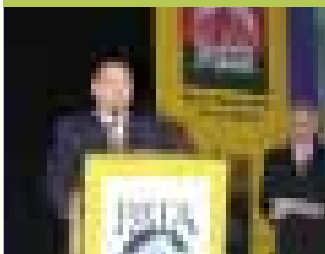
O Chefe do Executivo continuará a ser eleito por uma comissão eleitoral composta por 300 elementos representativos da sociedade, enquanto a Assembleia Legislativa manterá os 29 deputados, dos quais 12 eleitos pela população, dez eleitos indirectamente pelas associações e sete nomeados pelo Chefe do Executivo.





Quinze anos da Lei Básica

Edmund Ho considera que a Lei Básica reflecte por completo a política de “um país, dois sistemas”, cujo conteúdo deve ser compreendido. O Chefe do Executivo falava num seminário no âmbito do 15º aniversário da promulgação da Lei Básica, considerando que desde o estabelecimento da RAEM, “a sociedade em geral se encontra em desenvolvimento contínuo”. Edmund Ho frisou que “é necessário dar importância, compreender e reflectir no sentido original do legislador, para que o princípio “um país, dois sistemas” possa ser concretizado correctamente”.



Macau acolhe reunião da PATA

A reunião geral da Associação de Turismo da Ásia Pacífico (PATA) vai decorrer em Macau no próximo ano. A decisão foi tomada durante a 57ª Reunião Geral Anual da PATA em Colombo, no Sri Lanka, onde esteve presente uma delegação da RAEM. Fundada em 1951, a PATA tem vindo a dedicar-se à promoção de actividades turísticas nas diversas regiões da Ásia/Pacífico. Os membros desta associação incluem os representantes de 100 instituições turísticas governamentais nacionais e locais, organismos turísticos regionais, 55 companhias aéreas e marítimas e centenas de agências de viagens.



Suspensas novas licenças para casinos

Edmundo Ho anunciou que não serão concedidas mais licenças para a abertura de casinos em Macau e fica proibido o aumento do número de mesas de jogo e de “slot machines”. O Chefe do Executivo afirmou que os projectos já aprovados ou em fase de análise vão manter-se.

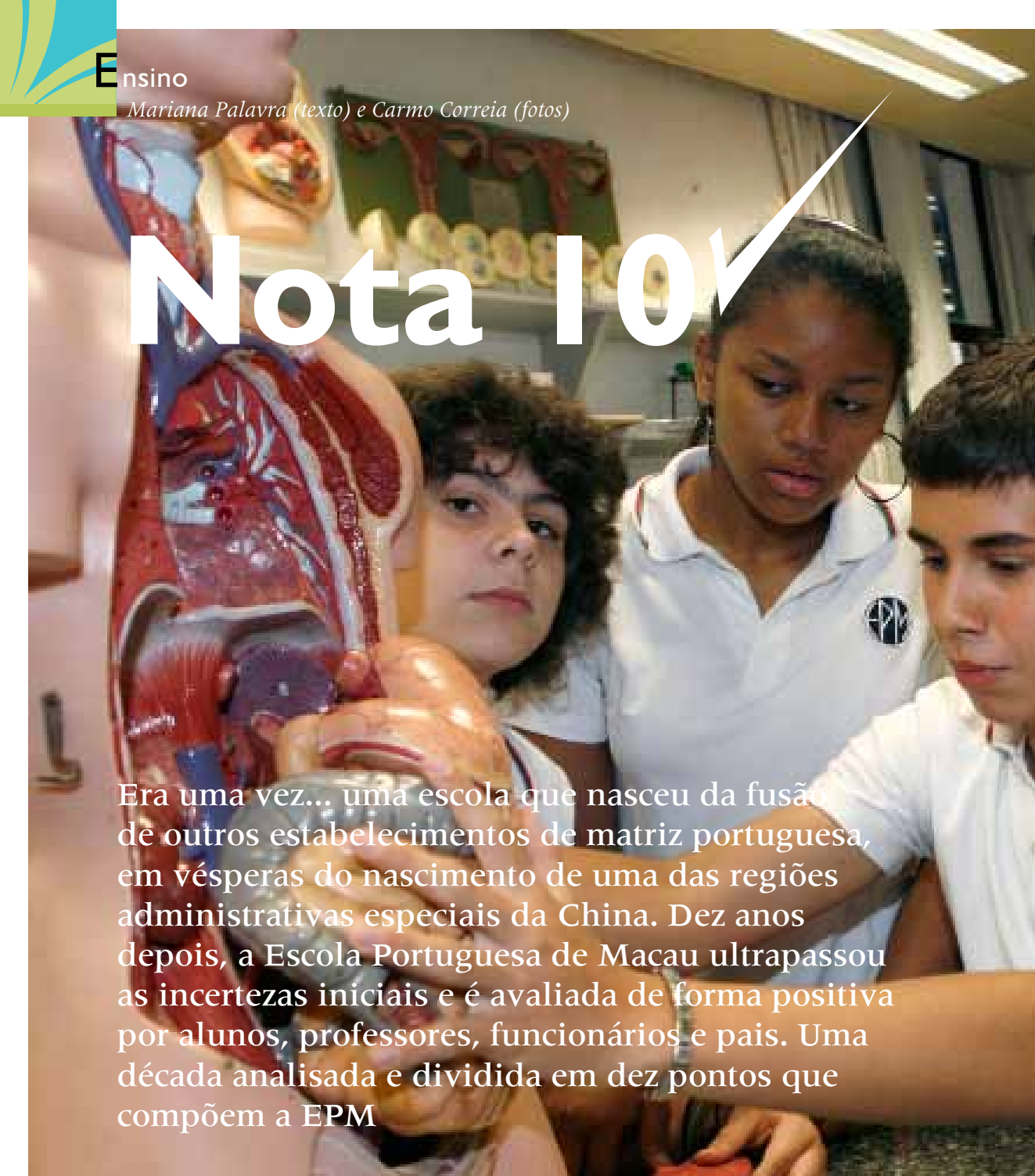
Edmund Ho deixou ainda a garantia que os novos aterros a construir (e que aguardam ainda a aprovação de Pequim) “não serão utilizados para novos casinos”. Para o governante “é necessário mais controlo sobre o sector de forma a aumentar a segurança permanente da economia de Macau”.



MNE chinês como novo comissário

O Governo Central chinês nomeou Lu Shumin como novo comissário da representação em Macau do Ministério dos Negócios Estrangeiros. Lu Shumin vai substituir no cargo Wan Yongxiang que dirige a delegação local do ministério desde 2002. Lu Shumin nasceu em Xian em 1950 e esteve colocado entre 2005 e Abril deste ano como embaixador chinês no Canadá, tendo também já ocupado cargos semelhantes em países como a Indonésia, Austrália e Estados Unidos.

Nota 10 ✓



Era uma vez... uma escola que nasceu da fusão de outros estabelecimentos de matriz portuguesa, em vésperas do nascimento de uma das regiões administrativas especiais da China. Dez anos depois, a Escola Portuguesa de Macau ultrapassou as incertezas iniciais e é avaliada de forma positiva por alunos, professores, funcionários e pais. Uma década analisada e dividida em dez pontos que compõem a EPM

1. Top mundial

Está em quinto lugar na Ásia e em 17º no mundo, no que respeita aos conhecimentos de Ciência. À frente, portanto, da 37ª posição de Portugal. Esta

classificação de Macau refere-se ao PISA, ou seja, ao Programa para a Avaliação Internacional de alunos da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico). Neste programa trienal, são

testados os conhecimentos dos jovens de 15 anos de diferentes partes do mundo. A ciência foi a principal disciplina a ser avaliada na edição de 2006 do PISA, que também incluiu testes à leitura e à matemática.



“São questões que puxam pela parte do raciocínio, compreensão científica. De facto, é importante que o aluno compreenda o que está a ser ensinado”. Maria Edith Silva, presidente da direcção da Escola Portu-

guesa, sabe do que fala, já que a EPM foi uma das participantes por Macau, tendo contribuído, em 2006, com todos os seus alunos de 15 anos. Precisamente 45. Juntas, todas as escolas da RAEM estiveram repre-

sentadas por 4560 alunos. Os resultados finais aprovam com distinção o território, quer na Ásia, quer no mundo, num total de 57 países ou territórios. No grupo de escolas de Macau, a Portuguesa está

A Escola Portuguesa aposta nas novas tecnologias e orgulha-se de ter quadros interactivos em quase todas as salas de aula

num lugar invejado. Nas três áreas avaliadas está acima da média local e é uma das 13 melhores do território. Aliás, no grupo das escolas internacionais, no qual foi inserida, a Escola Portuguesa é uma das duas primeiras. “É gratificante observar isto. Os resultados são bastante bons, estamos satisfeitos, mas há sempre algumas coisas que temos que melhorar. Normalmente, é muito difícil fazermos uma avaliação. Só com os resultados externos é possível fazer comparações com outras

escolas, mesmo de Macau, já que temos um currículo diferente”, explica Edith Silva.


Quando o currículo é igual, a Escola Portuguesa também sai em vantagem nas comparações. “Ao longo da última década, os exames nacionais têm mostrado que estamos acima da média nacional portuguesa. Apesar de estarmos tão longe, apesar das épocas de exames não serem tão favoráveis a Macau...” O que obriga a tentar incluir no currículo algumas matérias locais;

o que obriga, por vezes, a realizar exames nacionais à meia-noite.

Apesar dos apesares, “temos tido resultados muito bons, é um indicativo para nós”, remata a presidente da direcção.

2. Mais de 500

Começaram por ser 1120 mas, nos três primeiros anos, o número de alunos reduziu entre 20 a 30 por cento. Uma saída já esperada, reflexo das mudanças do território, na altura a estreitar-se como região ad-



ministrativa especial.

Nos últimos anos, tem existido uma certa estabilidade, com decréscimos anuais na ordem dos cinco a seis por cento. Cinco-dois-zero são os numerais que, juntos, compõem o número de alunos em 2007/2008. Ana Trigo faz parte deste grupo pela última vez. Está a terminar o 12º ano e decidida a estudar Direito no ensino superior. Deve ser “canja”, tendo em conta todos os prémios e menções que tem ganho nos últimos anos como melhor aluna

de quase tudo.

Este ano lectivo ainda não terminou, mas já há muito que faz saudades. “É difícil. Cada vez que há um dos eventos anuais da escola, como o dia do mandarim, do inglês, ou de declamação de poesia, penso sempre: ‘é o último, para o ano já não terei isto’”, lamenta Ana Trigo. Numa corrida contra o tempo, neste último ano, Ana deu tréguas a algumas das muitas actividades a que se dedicava nos tempos livres, como o clube de jornalismo ou a pintura em porcelana, de

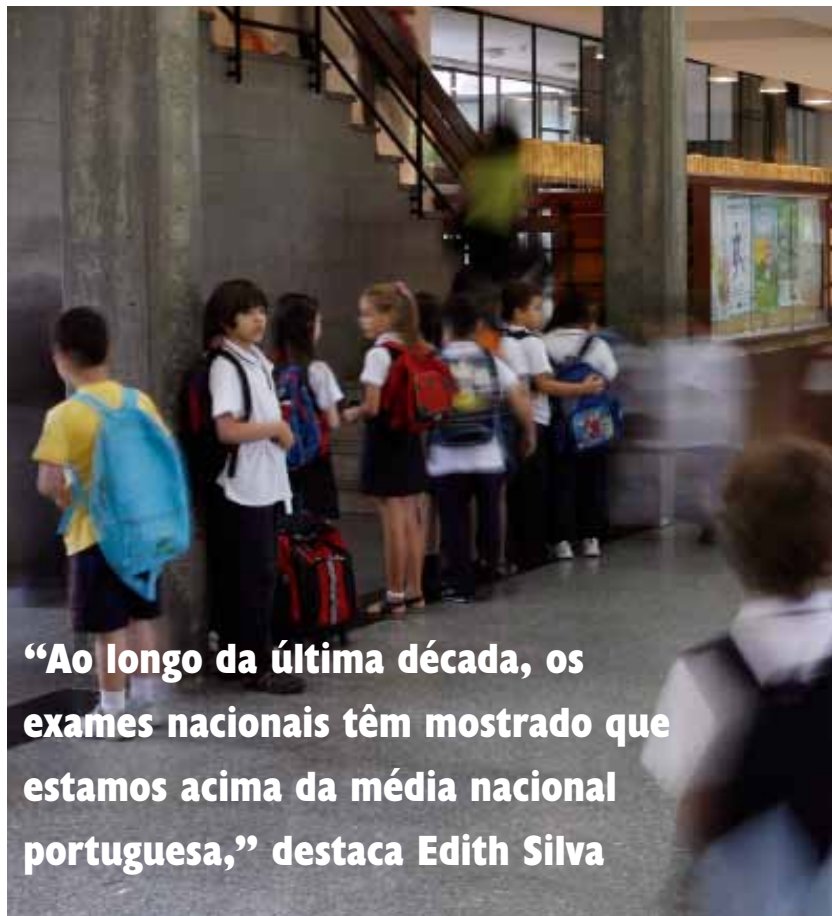
forma a passar mais tempo com os amigos, antes da separação. Assim, passou a frequentar “apenas” os escuteiros, as aulas de guitarra, as aulas de canto e as reuniões da comissão de finalistas.

Dez anos depois, Ana Trigo não esquece o que pensou ao estrear a Escola Portuguesa. “Eu estava na quarta classe, tinha vindo do antigo liceu e lembrome desta escola estar mais próxima, era mais rápido chegar todos os dias. Estranhos eram também os uniformes, já que antes

só tínhamos uma bata. Lembro-me do polo e do vestido e de pensar: ‘o que é isto?’, lembra Ana ao mesmo tempo que reconhece que ambas as coisas lhe agradam. Como quase tudo, aliás.

Tiago Terra não tem tantas recordações antigas da escola. Pudera, não só é mais novo, como chegou há apenas quatro anos ao território. Mas, o efeito Escola Portuguesa foi imediato. Começou a escrever, mais do que alguma vez tinha feito. “Macau deu-me logo muita inspiração porque é uma terra muito diferente de Portugal. A escola também tem influenciado a escrita. Aqui aprendemos muito e gosto da diversidade dos alunos, somos de diferentes cantos do mundo”, orgulha-se. Na realidade, convivem na escola, para além da portuguesa, outras quinze nacionalidades que representam 20 por cento dos alunos, sobretudo de países de língua oficial portuguesa.

Quatro anos depois, Tiago Terra nos 14 e a frequentar o oitavo ano, já vai no terceiro livro. As personagens principais têm bastante de familiar. A principal chama-se Tiago, “supostamente sou eu”. A acompanhar as aventuras está sempre Professor X, um cientista inspirado no professor Pedro Xavier, que tenta salvar o mundo através de uma fórmula. Três histórias, diferentes cenários. Portugal, Badajoz, Amazónia e Egipto foram



os locais dos três primeiros livros. Macau poderá ser o próximo. Durante o próximo Verão, Tiago Terra vai começar a escrever a nova aventura e deixa no ar a possibilidade de levar para a sua história alguns colegas e professores da Escola Portuguesa.

Nessa altura, Ana Trigo já se terá despedido da EPM. Impossível será esquecer. “A escola é como uma família, conhecemo-nos todos, mesmo os pequeninos. No meio dos casinos e tantos turistas, é como se fosse uma pequena ilha, rodeada destas modernices todas”, afirma, enquanto se recorda daquelas tardes em que não tinha nada para fazer em casa e ia até à escola para estar com os

amigos. Definitivamente, Ana só pode ser fã.

3. Memórias frescas

Amizade, amor, respeito e dinamismo. Sem hesitações, João Caetano classifica com estas quatro palavras a escola que o acompanhou até ao 12º ano. As memórias ainda estão frescas, afinal, foi só em 2007 que concluiu o 12º ano e partiu para a Universidade de Chichester, Inglaterra, onde estuda música. “Um dos momento mais fortes foi a homenagem que me fizeram em Junho do ano passado. Vai ficar para sempre a despedida dos colegas e dos professores”, lembra João, aluno revelação do passado ano lectivo. É o



João Caetano com Edith Silva e a antiga vice-presidente da direcção, Maria Farinha Simões

tal amor e respeito de que fala. Quanto à amizade e ao dinamismo, lembram, por exemplo, a viagem de finalistas, “o momento alto da vida escolar, sempre na Tailândia, como manda a tradição”.

António Conceição, ou melhor, Kiko, já saiu da EPM há cinco anos. Tem, por isso, lembranças ainda dos tempos em que imaginar o Grand Lisboa era coisa de adivinho. “No primeiro ano, estranhei a localização da nova escola, com aqueles casinos, o *DD* e o *Pacapio* logo ali. Uma das imagens que tenho é do tempo que passávamos no Campo dos Operários, que escapava a tudo isso. Íamos durante os intervalos, antes ou depois das aulas.

Era também um sítio para muitos experimentarem os cigarros”, lembra com um sorriso.

Kiko está a terminar o curso de som e imagem, com especialização em Cinema e Televisão. Quando começou, foi inevitável não fazer comparações. “A preparação na Escola Portuguesa é deveras diferente do que muitas escolas de Portugal. Para além do papel pedagógico, havia uma ligação especial entre os alunos e certos professores. Eles davam-nos um abanão para fazermos algo para além dos trabalhos, para termos outros tipos de recompensas”, explica Kiko, da mesma forma que acrescenta que

as escolas de Portugal nem sempre sabem como motivar e integrar os alunos na vida escolar.

João Caetano não podia estar mais de acordo: “a EPM é um exemplo para as comunidades portuguesas no mundo. A escola está empenhada no aproveitamento dos alunos, ajuda-nos a olhar para a vida de maneira diferente e no sucesso que procuramos para o futuro”. Apaixonado pela música como pelos professores, João não esquece o carinho que “eles nos dão ao longo do ano que é uma grande recompensa para nós e faz com que nos dediquemos mais à escola e a divulguemos em Macau”. E em maté-

ria de divulgação, João Caetano realça o papel da EPM na comunidade, nomeadamente quando participa, através dos seus grupos, na Festa da Lusofonia ou nas actividades do antigo Leal Senado, actual IACM.

“Na minha escola, junta-se tudo no mesmo pote, portugueses, macaenses e chineses. Espero que hoje a escola continue a ser um guia para a junção destas diferentes realidades de Macau, um espaço de convivência que incentive e mostre o quão diverso o pequeno Macau é”, assinala António Conceição, aliás, Kiko.

4. Mestres para ficar

Tem fama de ser estável, o corpo docente. Os dados confirmam também o proveito. De facto, são muitos os professores que acompanham este projecto educativo desde o início. Segundo a presidente da direcção, isto faz parte do sucesso. “Um corpo docente estável, que dê continuidade aos projectos. Temos tido muita sorte. Os nossos professores são muito especiais porque têm que conhecer os nossos alunos, numa escola que é multicultural. Eu presto homenagem aos professores da Escola Portuguesa, que têm dado o seu melhor”, elogia Edith Silva que ainda dá nota dez à disponibilidade e à dedicação dos professores, nomeadamente nas actividades de fins-



Tiago Terra vai escrever mais um livro e Ana Trigo está de saída da EPM



de-semana e férias. Pedro Lobo é um desses professores que estreou a escola e, como muitos outros, sente-se todos os dias em casa. “Somos uma grande família, conhecemo-nos muito bem. Isto não pára, são 24 horas a rolar, às vezes aos fins-de-semana também temos actividades da escola. Não é um local de trabalho como os outros. Passo 12 horas por dia na escola, mais do que em casa”. E não se queixa Pedro Lobo, professor de informática.

Uma família, segundo Pedro Lobo. Uma relação de “pais e filhos” refere Cristina Street, professora de português desde 1999. Os professores não precisam de combinar entre si para traduzirem a escola de forma semelhante. “A escola faz parte de nós, é inerente à forma de estar. Lá passamos o dia todo, dentro de ‘quatro paredes’ com alunos, professores e funcionários. Convivemos juntos

muito tempo, somos pais, irmãos, amigos e confidentes”, realça Cristina.

Tamanha ligação familiar reflecte-se no relacionamento entre professores e alunos. “Há alunos que têm os nossos números de telefone, o que seria impensável em Portugal. Fora da escola, cruzamo-nos com eles frequentemente, na rua, no cinema, no supermercado”. Para Cristina Street, é assim que vai crescendo a tal relação próxima e de preocupação, como entre pais e filhos. Pedro Lobo concorda e acrescenta: “Há uma cumplicidade até fora da escola. Por exemplo, se estivermos num café sentamo-nos juntos e os alunos brincam connosco”.

Uma década passada, a primeira responsável da Escola Portuguesa reconhece que houve momentos melhores e piores, mas dá uma nota positiva ao balanço dos dez e declara “missão cumprida, aquilo que pro-



Pedro Lobo, Cristina Street e Marina Pacheco: A Escola Portuguesa de Macau é como uma autêntica família

meti, uma escola de prestígio e de qualidade, está feito. Eu falo com emoção dos dez anos da escola porque, muito provavelmente, fui a primeira pessoa a ser contratada. Eu, no dia 1 de Maio de 1998, comecei a trabalhar para a escola. Era preciso preparar tudo para iniciar a 1 de Setembro e eu assumi este encargo de montar a escola. É com carinho que falo, é uma emoção olhando para a história. Nunca esperei ficar aqui até hoje”, confessa Edith Silva, que recorda as sombras da incerteza que pairavam sobre o estabelecimento nos primeiros anos de existência.

5. Apoio à educação

Somando os administrativos e auxiliares, são 24 os funcionários da escola. Tal como o corpo docente, primam pela estabilidade. Por tradição, só saem por vontade própria mas, ultimamente, esse desejo tem-se

manifestado algumas vezes. De facto, a instituição não está imune às transformações do mercado de trabalho local e nem sempre consegue segurar os funcionários auxiliares.

Dez anos depois, do grupo de profissionais que inaugurou o ano lectivo 98/99, ainda estão na Escola Portuguesa 33 pessoas, entre membros da direcção, professores, pessoal administrativo e auxiliar. Marina Pacheco faz parte do grupo pioneiro. “Um de Setembro de 1998, não se esquece. Na verdade, não foi uma grande mudança para mim porque eu antes trabalhava no liceu. Não só continuei a trabalhar na secretaria como conhecia muitos dos que vieram trabalhar para aqui, assim como os alunos. Parecia o liceu antigo, não mudou muito, até os professores eram quase todos do Liceu e da Escola Comercial”, relembra Marina Pacheco, chefe de secretaria da

Escola Portuguesa. Gosta. “Dez anos depois, se quero ficar? E porque não?”

Rosa Fernandes também gosta “do ambiente, de estar com as crianças, passo o dia com elas e estou mais perto das minhas filhas que também estudam aqui. É giro vermos misturados os miúdos de todas as idades. Olhamos para os mais pequeninos e vemos o futuro, vemos uma vida”. Foi há seis anos que a secretária da direcção começou a trabalhar no estabelecimento de ensino, acabadinha de regressar de Portugal. “A adaptação foi fácil. Sabe porquê? Eu já era secretária antes e, além disso, tinha sido aluna da Escola Comercial que funcionava neste mesmo local e onde o meu pai também tinha trabalhado. Esta não era uma escola estranha até porque ainda encontrei professores que me tinham dado aulas como Pedro Xavier e Maria Farinha Simões”, refere com alegria na voz.



A ministra da Educação de Portugal elogiou a qualidade das instalações quando viu a EPM

6. Edifício crescente

Durante a visita oficial a Macau colocou a primeira pedra da segunda ala da Escola Portuguesa. António Guterres, na altura primeiro-ministro português, deu assim início simbólico às novas instalações, a 18 de Abril de 1998. A escola, porém, assume o 10 de Junho (Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas) como data oficial de nascimento. As aulas chegariam a 1 de Setembro de 1998, apenas no edifício da antiga Escola Comercial Pedro Nolasco da Silva, dado que a nova ala foi concluída em 1999, onde foram instalados o ensino secundário e os laboratórios.

Centenas de alunos a usar as instalações deixam muitas marcas. Não é de estranhar, por isso, que ao lon-

go da década, a EPM tenha feito contínuos melhoramentos nos edifícios, no ginásio e no campo, com uma “mãozinha” do governo da RAEM. A Direcção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ) de Macau dá subsídios aos projectos do escola, à aquisição de material didáctico e às obras.

Por ser inovadora, a sala de informática é passagem quase obrigatória para as visitas, que ainda poderão conhecer o novo laboratório de línguas ou a sala toda equipada pela DSEJ, onde funcionam os três cursos de ensino técnico-profissional.

Segundo a presidente da direcção, a inovação está ainda “nos quadros interactivos, montados em quase todas as salas de aula, coisa que poucas escolas devem ter”. Não

basta o equipamento, é preciso usá-lo, por isso, há formação para os professores, que abrange também o uso do computador portátil que foi atribuído a cada um deles, mais uma vez, através da DSEJ.

Talvez por ser a mais recente e muito assediada pelos alunos, a meninados-olhos da escola é a sala de leitura Infante D. Henrique, aberta no final de Janeiro de 2008, no arranque das comemorações do 10º aniversário.

Por tudo isto, Edith Silva nem hesita, “temos algum orgulho nas nossas instalações que são boas, em qualquer parte do mundo. Não somos nós que dizemos, são as pessoas de fora que nos visitam, inclusivamente a ministra da Educação portuguesa Maria de Lurdes Rodrigues, o secretário de Estado, Jorge Pedreira, ou o



A EPM mantém em funcionamento vários clubes, como os de futebol, kendo, ginástica e xadrez

próprio primeiro-ministro português, José Sócrates”.

7. Extracurriculares

Usando a expressão de um aluno, “há tudo e mais alguma coisa”, relativamente às actividades extracurriculares. Ainda bem que os estudantes reconhecem, já que é a pensar neles que elas existem. As actividades, só no ano passado, foram mais de 200. “São eventos desportivos,

culturais e visitas de estudo. Uma escola tem que ter actividades extra, não é só estudar, nem só dar aulas”, defende Edith Silva.

No campo das letras, o espaço é ocupado pelo ‘Tempus & Modus’, o jornal da escola feito por alunos e professores do Clube do Jornalismo. A publicação trimestral, regista as infindáveis actividades da escola, nomeadamente os torneios de futebol, basquetebol, voleibol, por vezes

realizados para todo o universo escolar da RAEM. Os campeonatos ou concursos escolares são promovidos pela DSEJ ou por associações privadas e a Escola Portuguesa tenta estar em todos. Como na dança e na declamação. “O objectivo não é o troféu, é sobretudo o convívio com os alunos das outras escolas. A Escola Portuguesa não é uma ilha, não queremos ser um gueto, nós somos uma escola particular como outra

qualquer da RAEM”, faz questão de lembrar a presidente do estabelecimento, cujos alunos podem ganhar a oportunidade de estudar mandarim na China, inglês na Austrália e até português em Portugal, em cursos de Verão. Com tantas culturas a viver numa escola só, ao longo do ano, alunos e professores têm um calendário diversificado a festejar. Há dias de mandarim, inglês, francês, filosofia, declamação de poesia ou música. Existem ainda as festividades religiosas, no mínimo a duplicar. “Actividades não faltam nesta casa. Tudo o que é festa nesta terra, quer seja chinesa,

quer seja portuguesa e até de outras culturas como o *Halloween*, e o Carnaval”, afirma Edith Silva. A presidente reconhece que tanta festa é igualmente uma forma do estabelecimento se mostrar à terra. “Em dez anos, a escola marcou presença no território. Somos visíveis, as pessoas sabem o que nós somos”. São visíveis, por exemplo, através do teatro, das tecnologias, da ginástica, da banda, do grupo de percussão ou através do vídeo, como aliás é exemplo o mais recente trabalho

desenvolvido por alunos do sétimo ano. “Macau Só Vídeo”, um filme sobre o património de Macau. Nota de destaque também para o CD e o filme realizados



Os alunos do 7º ano fizeram recentemente um documentário sobre os locais de Macau incluídos na Lista do Património da Humanidade. Em cima, capa do vídeo *Tesouro Esquecido*, também realizado por alunos da EPM

pelos alunos, sob a direcção de Fabrizio Croce.

8. Pais e filhos

Já existia mesmo antes do nascimento da Escola Portuguesa. Começou por ser a Associação dos Pais dos Alunos do Complexo Escolar, que funcionava no edifício do actual Instituto Politécnico. Com o nascimento EPM, a associação teve que dar a volta aos nomes. Passou a representar as escolas com ensino em língua veicular portuguesa, mais tarde adoptou o nome actual, mas só em 2005 se concretizou a mudança no papel. No entanto, as preocupações relativas à Escola Portuguesa têm também uma década. “Em 1999, com a incerteza do futuro e com a saída de muitos portugueses, fizemos um movimento para a continuidade da Escola Portuguesa. Lançámos um *website* e enviámos um *fax* ao presidente da República Portuguesa no qual apelávamos à manutenção do estabelecimento, independentemente do número de alunos e professores que cá ficassem”, recorda Oliveira Paulo, actual presidente da Associação dos Pais e Encarregados de Educação dos Alunos da Escola Portuguesa. Apesar da preocupação, ficaram mais do que os esperados, para alívio de todos.

Pai de três filhas, Oliveira Paulo acompanha a associação desde meados da década de 90. Conhece,



Rosa Fernando: é giro ver-mos misturados os miúdos de todas as idades

por isso de cor, as dores de cabeça dos pais, inclusivamente no tempo dos seus antecessores, Gabriela César e Fernando Gomes.

O corrente ano marca também o fim do segundo e último mandato de Oliveira Paulo à frente da associação. O princípio do próximo ano lectivo coincide com as eleições. Das três, já só uma das filhas de Oliveira Paulo estuda na Escola Portuguesa.

9. Nuvens cinzentas

Currículo, instalações e financiamento. As três disci-

plinas com menor aproveitamento durante a última década. Logo à nascença, em 1998, era incerto o futuro da Escola Portuguesa, devido à transferência de administração e ao regresso de muitos portugueses ao país de origem. Prova superada, mas, cerca de cinco anos passados, surgiu um novo quebra-cabeças, ligado ao projecto educativo e à introdução do cantonense ou mandarim. A solução chegou logo no ano lectivo de 2005/2006, com a introdução do inglês e do mandarim desde o primeiro ano de escolaridade.



A primeira pedra do vizinho *Grand Lisboa* fez soar de novo o alarme. A mudança de instalações foi equacionada e resultou num acordo entre o Ministério da Educação de Portugal e Stanley Ho, anunciado logo nos primeiros dias de 2005. Cerca de 280 milhões de patacas foi quanto o magnata do jogo estava disposto a dar para a saída do estabelecimento de ensino da Avenida Infante D. Henrique. “Perante o facto

consumado, fizemos várias reivindicações para o novo edifício. Pedimos aquilo que já tínhamos usufruído no antigo complexo escolar: piscina, ginásio, campos desportivos e laboratórios”, explica Oliveira Paulo, presidente da Associação de Pais dos Alunos da Escola Portuguesa.

Em 2006, foi apresentado o projecto do arquitecto Vicente Bravo para a futura Escola Portuguesa que teria morada na Taipa

e também daria tecto ao Jardim de Infância D. José da Costa Nunes. Todos de acordo, menos os moradores da área, convictos, desde o tempo da administração portuguesa, de que seriam vizinhos de um jardim.

Primeiro Taipa, depois Macau, na zona da Barra e no antigo Hotel Estoril. Nada disso, porém, chegou a passar de hipótese. “As soluções seguintes eram minimalistas, não satisfa-



tórias. As actuais instalações são de qualidade. Se fosse para mudar, só para melhor". Essa tem sido, de resto a promessa de vários responsáveis pelo projecto, como Roberto Carneiro, presidente da Fundação Escola Portuguesa (FEPM), Sales Marques administrador da FEPM, Moitinho de Almeida, cônsul-geral de Portugal na RAEM e Maria de Lurdes Rodrigues, a ministra da Educação de Portugal.

Aqui há unanimidade: mudar, só para melhor. Se vai haver mudança e quando são questões a que ninguém sabe, por agora, responder.

A internacionalização do ensino foi também matéria avaliada, tendo sido encomendado um estudo a Ruben Cabral, reitor do Instituto Inter-Universitário de Macau. Para os pais, internacionalizar não passa apenas pela língua, abrange igualmente o res-

tante currículo, como defende Oliveira Paulo. "Isso iria abrir a escola a outras comunidades para além da portuguesa, o que poderia assegurar a viabilidade financeira da instituição. A escola é de qualidade, mas nós queremos uma de excelência." E já agora com mais alunos, de diferentes proveniências, e currículos mais adaptados à realidade local. Para agradar aos que querem ficar e aos que vão.



A comunidade escolar aguarda agora os novos desenvolvimentos quanto às declarações de Carlos Monjardino, que em Fevereiro de 2008, afirmou querer “racionalizar mais” o apoio da Fundação Oriente ao funcionamento da Escola Portuguesa.

10. Festa rija

Para celebrar os 10 anos, a Escola Portuguesa não pensou pequeno. O grande auditório do Centro Cultural foi o local escolhido para o sarau cultural do dia 7 de Junho, a maior das celebrações agendadas. Mais de mil lugares na plateia que tornaram bem maiores o desafio e o risco do espectáculo. De tal forma que, um mês e meio antes, os professores envolvidos na coordenação pouco ou mal dormiam. “A ideia era recuperar os momentos inesquecíveis

que se passaram na Escola Portuguesa desde o seu primeiro ano até agora. Momentos passados pincelados com actuações novas”, clarifica Cristina Street, professora de português e um dos elementos do grupo de coordenação do evento. Do passado foi recuperado, por exemplo, um excerto de uma peça de teatro escrita por uma antiga aluna. Num espectáculo feito à imagem de gente grande, com mais de duas horas de duração e ensaios rigorosos, participam cerca de 300 alunos. Dividem-se entre coreografias, pequenas dramatizações ou canções e outras interpretações musicais. Incluídos também no programa da festa estão os vencedores do concurso de poesia deste ano.

Os momentos, do passado e do presente, são trilingues, dado que, para além da portuguesa e da

inglesa, também se fala e canta a língua chinesa. Os alunos ensaiaram canções e poemas em mandarim, assim como coreografias ao som de músicas escritas na língua de Confúcio.

O aniversário não se esgota no sarau cultural, uma vez que o programa das festas oficialmente iniciou-se a 1 de Janeiro e só termina a 31 de Dezembro, sob o lema “Ao Sabor das Memórias – 10 anos de vivências na Escola Portuguesa de Macau”. Assim, 9 de Junho é dia de rever a história através de uma exposição, sobretudo fotográfica, e de um livro comemorativo da data.

Inauguração e lançamento feitos em simultâneo, também na presença dos administradores da Fundação da Escola Portuguesa, para que a memória não caia no esquecimento.

João Caetano já não faz parte do grupo de alunos da Escola Portuguesa. Pelo menos oficialmente.

O agora estudante do ensino superior não perde uma e, por isso, regressa a tempo para fazer parte do sarau cultural de 7 de Junho. “A escola perguntou se queria estar no espectáculo e respondi que sim, pois também queria participar. Estou disposto a fazer tudo, sobretudo a actuar com a banda e o grupo de percussão”, remata com o entusiasmo habitual de quem se orgulha de ter passado pela Escola Portuguesa de Macau. ■



第十三屆澳門國際貿易投資展覽會
13th FEIRA INTERNACIONAL DE MACAO
13th MACAO INTERNATIONAL TRADE & INVESTMENT FAIR

13
An Efficient Business Platform to Leverage on the Advantages of Regional Co-operation

發揮區域合作優勢
把握澳門發展商機



地點：金光大道™ (澳門威尼斯人) 會展中心
Venue: The Cotai Strip™ Convention & Exhibition Center at The Venetian® Macao

23-26/10/2008
Tel: (853) 2882 8711
www.mif.com.mo



澳門貿易投資促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macao
Macao Trade and Investment Promotes Institute

協辦機構 / Co-organizers / Co-organisers





Pássaros de uma vida

Em 2006 Macau lançava um aviso de combate à gripe das aves. As restrições levaram a tradição chinesa de criar pássaros a fechar-se numa sala alugada, em que as conversas lembram o passado radioso, quando a paixão de uma vida não era sinónimo de morte

O barulho é ensurdecedor. São pássaros. Às dez da manhã não estarão mais de 20 na sala alugada pela Associação Amantes dos Pássaros. Os outros, os que vieram às cinco da manhã pela mão dos donos, para o convívio matinal, já partiram. Mas o barulho ainda é ensurdecedor. Sobretudo quando se desafiam no canto. Começa um, seguem os outros, cada vez mais alto, cada vez mais agudos. Uns poucos homens, donos orgulhosos das

suas aves, comem sopa de fitas ou falam entre si. Numa das paredes vazias de decoração, está o placar do campeonato dos pássaros de luta, os dominicos e os rouxinóis chineses. Mas os *silver circle*, mais pequenos e só servindo para o canto, também marcam presença.

O grupo, constituído exclusivamente por homens, estará ali até às 13 horas. Aí, as gaiolas serão cobertas por um pano, para que a confusão das ruas de Macau não



cause traumas, e começará o caminho de retorno a casa. Os pássaros tomarão então o banho diário, numa gaiola separada, onde uma pequena tigela com água espera que chapinhem sozinhos. O mesmo ritual, todos os dias.

Não são pássaros que ali estão. Não são gaiolas de bambu que os prendem. São companhia. São palácios. Os animais vivem dez anos, doze anos, acabam por tornar-se parte da família. E, no entanto,

não têm nome. São animais de estimação, mas não se fala com eles como se falaria com um cão. Um pássaro é um pássaro. Existe pela beleza das suas penas e pelas melodias que lhe saem do corpo. Gastam-se poupanças para possuir o que canta melhor, o que luta melhor. Gastam-se fortunas para comprar a gaiola mais preciosa, feita com o bambu mais antigo, pelo mestre mais conhecido. E até os comedouros, autênticas obras de

arte, são feitos com a porcelana mais delicada.

Mas mais do que tudo, o dinheiro é gasto para entrar naquela sala alugada pela Associação Amantes dos Pássaros. Gaiola bonita na mão, todas as manhãs, com os melhores pássaros, os bonitos, os afinados. Pelo convívio com os amigos, para falar no tempo em que as casas de chá se enchiam de aves, e em que, no Verão, a rua 5 de Outubro e a rua da Barra eram invadidas por pássaros e grilos. Para criticar o presente ao qual a tradição tem de se adaptar.

As consequências da gripe das aves

Em 1999, existiam cerca de 300 residentes de Macau com pássaros. Hoje não deverão ser mais de 200 e mesmo assim só 50 pagam as quotas da associação que aluga a única sala de Macau, onde os anos não parecem passar. Os sócios vão dos 25 aos 70, explica Hui, de 54 anos de vida e 30 de aves, acrescentando que também os jovens se interessam por este desporto. Tradição não é só de velhos, não tem de morrer com eles.

É uma prática chinesa, cantonense, tal como as touradas em Portugal, e devia ser preservada. Em Hong Kong até existe a rua dos pássaros, em Macau temos de alugar uma sala para nos encontrarmos, lamenta Hui.

Em 2006, o Gabinete de Comunicação Social publicava um anúncio. Face ao aparecimento de um caso confirmado de gripe das aves, de alta patogenicidade, num ser humano, na província de Guangdong, bem como à evolução epidemiológica da gripe das aves no mundo, a Equipa Coordenadora sobre a Pandemia de Gripe reuniu-se no dia 6 de Março, efectuando uma avaliação da nova situação e coordenando as diversas medidas de prevenção. O Instituto dos Assuntos Cívicos e Municipais e os Serviços de Saúde encerravam as zonas de movimentação das aves migratórias e as zonas de observação das aves dos jardins, proibiam a entrada com

aves nos jardins e a criação por qualquer particular, em Macau, de aves domésticas e outras aves de livre circulação ou criadas em lugares ou água abertos. Era uma questão de saúde pública. Antes de qualquer tradição, estava a vida. Maldita hora em que se ouviu falar na gripe das aves.


De luta e amor

Antes, nós íamos para as casas de chá e toda a gente levava os seus pássaros. Faz-lhes bem estarem juntos, com outros pássaros ao lado. Ficam felizes e, quando ficam felizes, cantam melhor. Hui fala com nostalgia. Talvez o passado volte, se o futuro trouxer uma vacina. Mas não é com grande esperança que Hui fala. Explica que a paixão lhe apareceu aos 20 e poucos anos quando via amigos passearem-se com as suas gaiolas de bambu bem cuidadas, pássaros coloridos assobiando lá dentro. Ninguém na família seguia a tradição chinesa, mas Hui apaixonou-se. É muito confortável ouvi-los cantar e é uma excitação ver os grandes a lutar, conta Hui, de olhos virados para dois dominicos que se prepararam para o desafio.



Hui, criador de pássaros há mais de trinta anos

**Em 1999, existiam
cerca de 300 residentes
de Macau com pássaros.
Hoje não deverão ser
mais de 200**



**Eram milhares de
gaiolas que os criadores
penduravam em árvores ou
colocavam sobre bancos e
mesas do jardim. Hoje, o
cenário é bem diferente**



A tradição

Criar pássaros não é uma tradição recente. Segundo o livro de Leonel Barros, *Tradições Populares de Macau*, é prática comum na China há milhares de anos. Foi banido durante o período maoísta, mas após a morte de Mao Zedong regressou à vida dos chineses.

Em Macau, o parque de Kuanyan, na zona velha da cidade, enchia-se de pássaros logo ao nascer do dia. Eram milhares de gaiolas que os criadores penduravam em árvores ou colocavam sobre bancos e mesas do jardim. A partir dos anos 30, também o Jardim de Camões se tornou um local procurado pelos criadores.

As casas de chá parecem autênticas lojas de passarinhos, pois 90 por cento dos fregueses não dispensam a companhia das suas gaiolas. Por vezes, o chilrear das aves é quase ensurdecedor, mas a situação tem o seu quê de encantador pela beleza de tão peculiar cenário e carinho demonstrado pelas aves, descrevia Leonel Barros, mais conhecido como Neco. As casas de chá na rua dos Mercadores e a rua 5 de Outubro eram as mais visitadas, logo de madrugada.

Por sua vez, as lutas de pássaros aconteciam durante três ou quatro dias por ano, entre Março e Maio, num edifício antigo da rua 5 de Outubro, transformado em casa de pasto. Entre as cinco e as seis da manhã, os apostadores reuniam-se para dar início às lutas. Estes pássaros exigiam cuidados mais especiais e os idosos conheciam-nos bem. Aconselhavam os criadores novatos a darem às suas aves escarvelhos para tornar o bico mais forte e levarem-nas aos jardins para que, felizes, cantassem mais, treinando assim o fôlego e a resistência. ■



Loja de pó

A loja de aves de estimação Va Yun está vazia. Umhas poucas gaiolas modernas pairam, penduradas no tecto, à espera dos clientes que já não vêm. Sin tem 54 anos e herdou o negócio do pai. Sin Kun é que era o mestre. Montava as gaiolas, tinha pássaros de todas as cores e feitios, orgulho no negócio. Sin Kun morreu em 1999. Não viu a sua loja vazia, não viu os efeitos da

gripe da aves.

A loja está vazia. Sin diz que só não fecha o negócio em memória do pai, mas também por não pagar renda. Se a prestação existisse, nem as saudades do pai a faziam ter as portas abertas. Sin Kun começara por vender flores numa tendinha, mesmo ao lado da rua dos Mercadores. Com as flores passou a vender pássaros. Até que se ficou

pelo negócio das aves e saiu da rua para a loja Va Yun. Em 1998 a loja era tão conhecida e tão bonita que serviu de exemplo para a Exposição Mundial de 98, em Lisboa. No pavilhão dedicado a Macau estava uma réplica da Loja Va Yun. □Era a mais antiga e a maior, explica Sin, com orgulho nostálgico. Vinham turistas estrangeiros comprar gaiolas, as crianças apareciam regularmente para



ver os pássaros exóticos que chegavam de Hong Kong, entravam por aquela porta clientes habituais que só ali compravam as aves e os gafanhotos. Hoje, a loja está vazia.

É difícil dizer se isto da gripe das aves é um exagero ou não. O problema em Macau é que a densidade populacional é muito grande, a propagação do vírus seria fácil. Mas os pássaros que aqui estão não têm nada

a ver com isso, se estivessem doentes morriam em dois ou três dias, explica Sin. E não morrem.

Uns poucos periquitos ainda esperam pelas crianças que sempre aparecem com os pais bem convencidos. Os pequenos pássaros soltos nos rituais religiosos chineses também ainda ali andam. Esses ainda saem, até que a fé lhes valha. Compram-se aos 10, aos 20,

mas cada um custa 12 patacas. Nem dá para o gasto.

As gaiolas ainda estão penduradas pelo tecto, fazendo vagamente lembrar a bonita fotografia tirada à réplica na Expo'98. Mas mais pó do que cuidados as enchem. Sin não tem filhos e os irmãos pouco levam o legado paterno a sério. A Loja Va Yun há de morrer com Sin, filha de Sin Kun. ■

O dominico é um dos pássaros de luta mais usados. É do tamanho de um melro, às manchas brancas e pretas. Quando fica zangado, empina-se, de penas levantadas para se fazer maior. Hui interrompe a conversa. As duas gaiolas estão agora uma ao lado da outra. Os respectivos donos e demais curiosos juntam-se à volta do ringue improvisado. Abrem-se as portinholas. Um dos dominicos salta para a gaiola do outro, ferra o bico, prende o adversário com as garras. O segundo tenta defender-se, mostrar que também tem truques. Mas já vai tarde. Perde a dignidade e a coragem ali, na sua própria gaiola. O dono do vencedor aparta os dois, leva o dominico ainda inchado para a sua própria gaiola. E o outro lá fica, vencido.

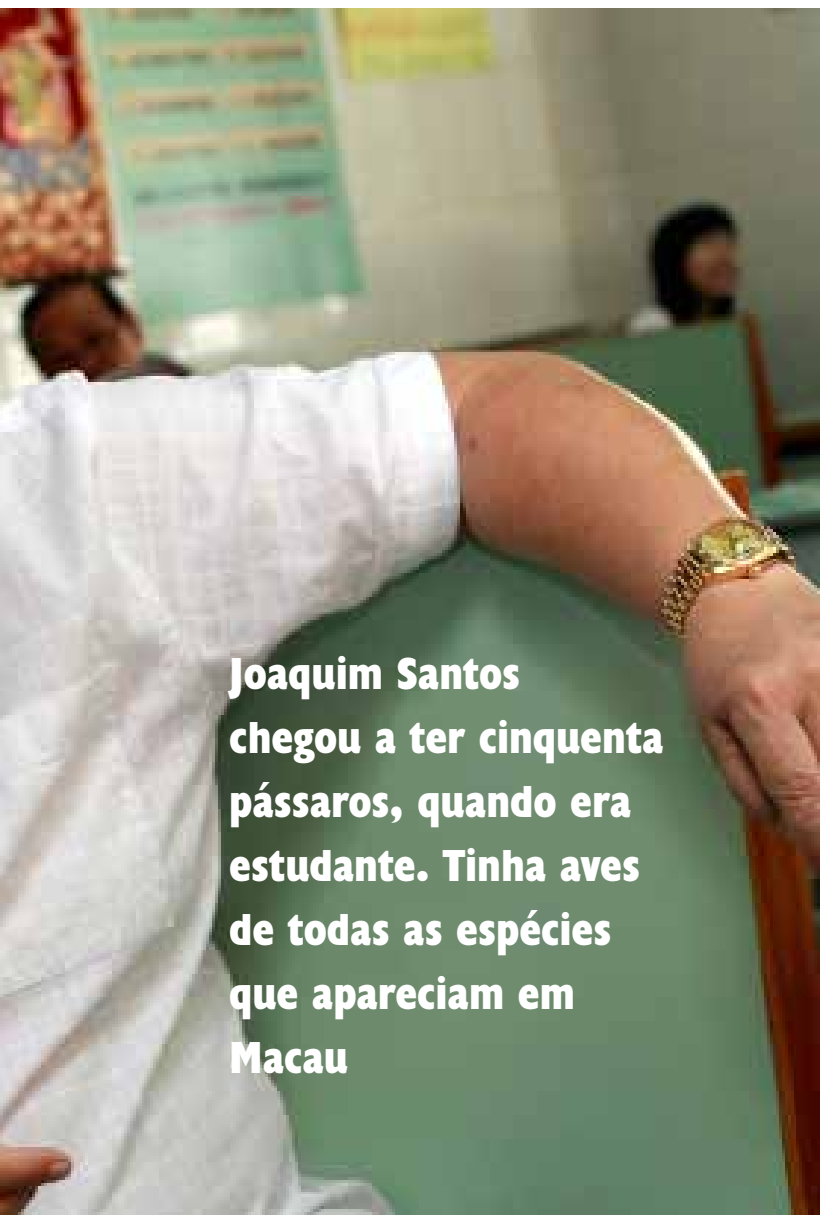
Quando perdem geralmente não voltam a ter coragem para enfrentar a luta. Aí os donos costumam soltá-los. É um gesto de bondade, diz Hui, admitindo que já não tem pássaros de luta. Agora só os quer para cantar. Tem seis *silver circle*, pequenos pássaros verdes do tamanho de pardais, com um círculo mais claro à volta dos olhos, que traz da China, como todos fazem. Todos os pássaros daqueles homens foram apanhados em liberdade, a maioria na China. São postos à venda ainda borrachos, sem sequer terem tempo para conhe-



cer o céu.

O *silver circle* habitua-se rápido à mão humana, tal como o dominico. Mas o rouxinol chinês, ou Va Mei como também é conhecido, não se deixa ir tão facilmente. Há quem diga que o pássaro amarelo só acalma quando é pai. Até lá, é um selvagem.

E se um *silver circle* custa cerca de 100 patacas, um pássaro de luta pode chegar aos milhares. Mas as despesas não se ficam por aí. Os lutadores comem meio quilo de gafanhotos por mês. Tiramos as patas e as asas e damos-lhes vivos. Mesmo assim, ainda nos custa 500 patacas todos os meses, explica.



**Joaquim Santos
chegou a ter cinquenta
pássaros, quando era
estudante. Tinha aves
de todas as espécies
que apareciam em
Macau**

Quanto maiores os pássaros forem, melhores lutadores serão. Em teoria, já que o maior pássaro pode sempre sair o mais acanhado. E na hora da compra nunca se sabe, só se espera pelo melhor. É um tiro no escuro. Não, Hui já não anda nesses caminhos. Hoje, só quer os pequenitos que

lhe enchem a alma e não lhe tomam a carteira. O *silver circle* só come um gafanhoto por dia. Fica mais em conta.

Até que a vida nos separe

Antes este era um desporto baratíssimo. Mas hoje os apanhadores de

pássaros já só se dedicam aos pássaros de luta. Há alguns que são vendidos na Internet por 40 mil patacas. E na China até há aldeias que competem entre si, comenta, com pesar, Joaquim Santos, de 65 anos, igualmente sócio da associação. Cria pássaros desde os 15 e diz que, sem eles, já não sabe viver.

O dono do pássaro perdedor começa as despedidas, pegando na gaiola. Em casa, há de alimentar o animal com baratas do mato, a base do medicamento chinês para quedas e pancadas. Não lhe tocará nas feridas, só o tentará tornar mais forte, para que o sistema imunitário do bicho faça o resto. Nunca se deixa uma luta terminar em morte. Aparta-se sempre antes. Ninguém gosta de ver um animal morrer. Eles vivem mais de dez anos, são membros da família, explica Joaquim Santos, começando a contar como tudo começou.

O meu pai tinha um canário quando eu era pequenino. Aquele pássaro viveu mais de 20 anos e no fim, já ele estava muito velho, não conseguia comer o grão, então cozíamos um ovo e dávamos-lhe. Ainda durou alguns anos assim. Joaquim Santos já teve cinquenta pássaros, quando era estudante tinha aves de todas as espécies que apareciam em Macau.


Agora só tenho meia dúzia de *silver circle*. O pai preferiu os canários, ele é que começou a alargar horizontes. Joaquim tem dois filhos, nenhum deles tem aves. Mas o criador não tem pena, sabe que aquela paixão é sua, e assim vai manter-se até ao final da vida. Eu até comprei a casa

onde moro hoje porque achei que era boa para criar pássaros. Pensei em encher as varandas e os pátios com gaiolas, mas hoje já nem gaiolas bonitas há.

Nunca houve muitos mestres na arte de fazer gaiolas. Quatro, talvez cinco. Demoravam seis meses a completarem uma peça,

passavam semanas à procura do bambu mais antigo e resistente. As que ainda persistem chegam a valer 200 mil patacas. Em Macau existia um, era o mestre Tehe Seong, nasceu em Xangai, mas viveu cá muitos anos. Morreu no ano passado. As gaiolas de hoje são baratas. Feitas em série,





desmontáveis para facilitar o transporte. O bambu usado é novo, parte-se com facilidade.

Com a morte dos mestres, e o dinheiro a falar mais alto, a guerra das gaiolas já está perdida. Os pássaros ainda enfrentam perigos de saúde pública, restrições à sobrevivência. Ninguém os quer, com medo da morte. O presente trouxe a gripe das aves. O passado vem embrulhado em gaiolas seculares que homens, e só homens, não deixam morrer.

Às 13 horas, a sala alugada pela Associação Amantes dos Pássaros fecha as portas. Amanhã há mais. ■



Fading Hutongs, de Júlio de Matos

Fotografias, a preto e branco, que recuperam memórias dos típicos hutongs que outrora marcaram a imagem de Pequim. Os hutongs começaram a definir-se há cerca de 700 anos com os Yuan e, com esta designação de origem mongólica, tornou-se uma prática de vida em comunidade de base familiar e uma origem e lugar de pertença.

Centro Português de Fotografia, Porto, Portugal, até 29 Junho

Cerâmicas de Shiwan

As esculturas em cerâmica de Shiwan são representativas da arte decorativa de Lingnan, no sul da província de Guangdong, e cuja tradição remonta ao final da dinastia Qing (1636 – 1912).

Além da decoração exterior de telhados em Guangdong, Hong Kong e Macau, estas pequenas narrativas em cerâmica adornam muitos templos chineses em todo o sudeste asiático.

As estátuas em cerâmica que no início do século XX o advogado português Manuel da Silva Mendes (1876 – 1931) encomendou a Shiwan e que foram produzidas por mestres como Pan Yushu e Chen Weiyang estarão também patentes nesta exposição. A mostra inclui também trabalhos de escultores como Huang Bing, da dinastia Qing, e de Liu Chuan.

Museu de Arte de Macau, até 5 Agosto

Um Novo Mundo, Um Novo Império: A Corte Portuguesa no Brasil

Uma exposição organizada no âmbito dos 200 anos da chegada de D. João VI e da Corte portuguesa ao Brasil e que apresenta vários aspectos económicos, políticos e culturais da ida da família real portuguesa para o Rio de Janeiro.

Entre as obras patentes ao público o trono acústico criado na Inglaterra especialmente para o monarca, que apresentava deficiência auditiva, e uma pintura a óleo que reproduz a cena da chegada da frota real à baía da Guanabara, em 7 de Março de 1808.

A exposição encerra com imagens da independência do Brasil.

Museu Histórico Nacional, Brasil, até 8 Junho



EXP

Platão em terras de Confúcio

São 134 peças originais de arte grega antiga que o Museu do Louvre tem vindo a expor em várias partes do mundo. Louças em ouro, olaria e esculturas de mármore, como “Atleta discursando” ou “Athena Parhenos”, fazem parte de uma colecção que inclui peças, a maioria datada dos séculos IV e V a.C., que nunca puderam ser apreciadas fora de território francês nas últimas décadas.

A mostra divide-se em quatro secções relacionadas com a civilização grega: a cidade e a organização política, o papel da mulher e do homem, o desporto, teatro e religião.

Destaque ainda para as três estátuas de Afrodite, a deusa do amor, uma delas descoberta em 1651 no teatro romano de Arles, em França.

Museu de Arte de Macau, até 13 de Julho

A Convergência da Fragrância do Chá e a Beleza das Palavras

Com o objectivo de promover a cultura do chá e a criação literária, a Casa Cultural de Chá de Macau organizou no ano passado, em conjunto com outras instituições o Concurso de Poemas e Dísticos. Agora estão expostas as obras premiadas e seleccionadas no concurso. O tema abrangeu um largo espectro de assuntos desde o desenvolvimento da cultura do chá em Macau à exploração da cultura do chá e aos hábitos de beber.

*Casa Cultural de Chá de Macau,
no Jardim Lou Lim Ieoc, até Agosto*



OSIÇÕES



o mês das artes

Maio é já sinónimo de artes em Macau, altura em que a música, dança e o teatro invadem as ruas. É o Festival de Artes de Macau, que, na edição deste ano, a décima nona apresentou mais de 30 espectáculos, com artistas da China, de Macau e de sete outros países, entre os quais Israel, Índia e Espanha

The *Aluminum Show* foi o espectáculo que abriu o festival. Uma actuação israelita que combinou a música, a dança e o teatro. Através do uso de efeitos especiais, de mecânica criativa e dança acrobática, objectos inanimados ganham vida, à medida que materiais industriais de cor prateada criam um mundo luminoso e reflexivo.

A Orquestra de Macau, partilhou com o violinista Pinchas Zukerman as notas de Bach e Beethoven no Centro Cultural, repetindo a experiência da parceria num concerto de câmara no Teatro D. Pedro V.

A Orquestra Chinesa de Macau associou-se, sob a direcção do maestro Pang Ka Pang, ao jovem violinista Li Chuan Yun para o concerto “Butterfly lovers”, e ao pianista Yin Chengzong para interpretar o concerto para piano “Rio Amarelo”

O grupo Dóci Papiáçam di Macau é já uma referência neste Festival. “Sórti Dóci” foi a peça apresentada, cuja história se centra num casino da cidade.

Portugal esteve representado pelos Uxu Kalhus, grupo que tem na acordeonista Celina Piedade a principal dinamizadora e que combina a “acústica e a potência eléctrica” numa música com influências africanas, do jazz e do rock.

Do México veio o grupo Sensorama que apresentou o espectáculo “Os Quatro Elementos - Cantos Nativos”. Ainda nos ritmos latinos, de Espanha chegou o Nuevo Ballet Español que combina a dança contemporânea com as tradições do flamenco, explorando um novo estilo de dança.

Com espectáculos de rua, workshops e conferências ao longo do mês, o Festival de Artes de Macau terminou a 30 de Maio com o *Nuevo Ballet Español* que misturou as coreografias contemporâneas e as tradições da dança flamenga no Centro Cultural de Macau em dois espectáculos.

Orquestra Sinfónica Escocesa BBC com a violinista Nicola Benedetti

A música clássica está de volta ao Centro Cultural de Macau com uma estreia. A Orquestra Sinfónica Escocesa BBC sobe ao palco do Grande Auditório com o maestro Christoph Konig e a violinista Nicola Benedetti, eleita pela BBC, em 2004, jovem instrumentista do ano.

O concerto arrancará com Froissart de Elgar, ao passo que o Concerto para Violino de Mendelssohn e a Sinfonia nº 7 de Beethoven vão rematar a noite.

Grande Auditório, Centro Cultural de Macau, 8 de Junho

古 貌 新 中

近代名家篆刻收藏展

03.5
24.8
2008

氹仔龍環葡館
住宅式博物館展覽館
Casas-Museu do Taipa, Casa de Exposições
The Taipa Houses Museum, Exhibition Gallery

展覽時間：2008年6月3日至12日
逢星期三休息，公眾假期照常開放。展期如有更改，請留意本館網頁。
Exhibition Dates: 3 June - 12 June 2008 (Wednesdays closed, public holidays open as normal). Please check our website for any changes.

查詢電話/Informações/Enquiries: 8888 4888

FORMAS ANTIGAS, IDEIAS CONTEMPORÂNEAS
- Coleção de Sinetes Entalhados de Artistas Chineses de Renome
ANCIENTS FORMS IN CONTEMPORARY SOULS
SEAL ENGRAVINGS COLLECTION OF THE PRESTIGE CHINESE ARTISTS

Confluência de Interesses: Macau nas relações Luso- Chinesas Contemporâneas (1945-2005)

Moisés Silva Fernandes



Uma obra que revela documentos históricos inéditos e analisa alguns episódios tensos nas relações entre Portugal e a China. Exemplo é a pressão que foi feita ao então Presidente

do Conselho de Ministros, António Salazar, para reconhecer a República Popular da China aquando da ascensão ao poder do Partido Comunista Chinês e que Salazar recusou por duas vezes. Em análise também a primeira vez que o Governo Chinês se pronunciou sobre Macau: em 1955, numa declaração oficial, a China afirmou que se tratava de “território chinês ocupado por Portugal”.

2008 Co-editado pelo Centro Cultural e Científico de Macau e Instituto Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Lisboa

A Mulher na China

Ana Cristina Alves



O livro ensaia uma síntese da tese de doutoramento em Filosofia na Universidade Clássica de Lisboa, defendida em 2005, e em que a autora analisa a situação da mulher

chinesa ao longo da história do país. São vários os princípios filosóficos que permitem compreender porque é que as mulheres foram tratadas de determinada maneira, e sofreram desigualdades, a todos os níveis. De Confúcio ao Taoísmo, olhando também

para o costume dos pés enfaixados e o sistema de concubinação e viajando até a China moderna esta é uma obra que pede a paridade do discurso e uma maior participação das mulheres na esfera política.

2007 Editorial Tágide, Lisboa

Padre Lancelote Rodrigues – Vida e Obra

Leonor Seabra

Nasceu em Malaca a 21 de Dezembro de 1923, mas aos 12 anos chegou a Macau para frequentar o Seminário de S. José, onde fez o curso secundário e depois os estudos de filosofia e de teologia, tendo sido ordenado sacerdote em 1949. Durante toda a sua vida, o padre Lancelote Rodrigues dedicou-se às mais variadas causas sociais e de amparo e auxílio a grupos de desfavorecidos, desprotegidos e sobretudo aos refugiados timorenses e vietnamitas.

2008 Instituto Internacional de Macau, Macau

Os retornados. Um amor nunca se esquece

Júlio Magalhães



“Outubro, 1975.

Quando o avião levantou voo deixando para trás a baía de Luanda, Carlos Jorge tentou a todo o custo controlar a emoção.

Em Angola deixava um pedaço de terra e de

vida. Acompanhado pela mulher e filhos, partia rumo ao desconhecido. A uma pátria que não era a sua”. Este é o mote para o primeiro romance do jornalista que recria o último voo entre Luanda e Lisboa por altura de descolonização e que levou para a metrópole milhares de portugueses.

2008 Esfera dos Livros, Lisboa

O quase fim do mundo

Pepetela



“Chamo-me Símba Ukolo, sou africano e sobrevivi ao fim do Mundo”. É assim que começa o novo romance do escritor angolano que, inspirado no atentado no metro de Tóquio, com gás

sarin, imagina uma região sujeita a uma hecatombe. “E se a vida animal de repente desaparecesse da Terra, excepto num pequeno recanto do mundo e em doses mínimas?” Uma questão basilar nesta obra em que o autor tenta retratar as reacções dos que sobrevivem, os seus desejos e frustrações, mas também pequenas e grandes vitórias.

Pepetela reconhece que este mundo não tem Angola como palco, mas já situou o trama na região dos Grandes Lagos.

2008 D. Quixote, Lisboa

A Sala Magenta

Mário de Carvalho



Uma obra que, nas palavras do autor, fala de gente “que se equivoca, que sofre, que se apaixona desvairadamente”. Gente que ainda para Mário de Carvalho é “forçada a reconhecer que não está acima das circunstâncias do seu tempo”.

Uma obra em que o autor faz uma reflexão melancólica sobre as dificuldades no relacionamento entre homens e mulheres. Gustavo é realizador de cinema, vítima de uma agressão que o mantém profissionalmente inactivo, dependente dos cuidados da irmã, Marta. Na vida do realizador várias mulheres e afectos rejeitados e entre essas Maria Alfreda, com presença dominante, é uma quase obsessão.

2008 Caminho, Lisboa

Crónicas do Sul

Luís Sepúlveda



Breves textos, escritos entre a Primavera de 2005 e Dezembro de 2006, altura da morte de Pinochet. Sepúlveda debruça-se sobre a sombra do General e da sua família que paira sobre

o Chile e sobre as memórias de quem sentiu na pele a crueldade do regime e assiste à sua morte. Mas há sempre a esperança que de algo pode mudar e que surge encarnada pela mulher que preside aos destinos do Chile, Michelle Bachelet; pelos estudantes que lutam por um sistema de educação baseado na qualidade do ensino e também pelos chilenos que exerceram o seu direito de voto.

2008 Asa Editores, Lisboa

Terra de Lebab

Fernando Sales Lopes



Terra de Lebab, de Fernando Sales Lopes, apresenta-nos a singularidade multicultural de Macau, nascida da fusão de línguas,

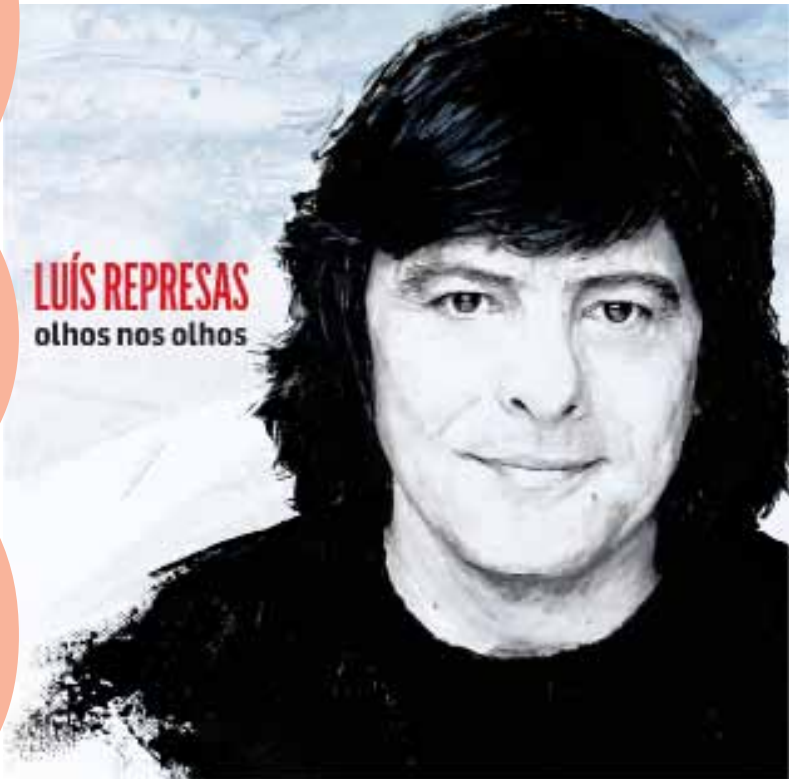
gastronomia, tradições e festejos. Neste passeio pela realidade local feita de tantos imaginários encontramos a influência dos diferentes traços étnicos na criação de uma identidade própria gerada na troca de saberes e modos de vida que em cada dia fazem desta terra uma metrópole singular.

2008. Instituto Português do Oriente e Instituto Politécnico de Macau. Macau

Olhos nos olhos,**Luís Represas**

“Um reencontro com as minhas almas gémeas, a maneira mais sincera de ser eu, a forma mais franca de me revelar”. É assim que Luís Represas descreve o novo trabalho, *Olhos nos Olhos*.

Sagres é o nome do primeiro *single*, o porto de partida de Represas para o Brasil e Cuba, países de cantores que acompanham o músico português nesta aventura. A brasileira Simone e os cubanos Pablo Milanés e Liuba Maria Hévia colaboraram neste álbum constituído por 12 temas, 11 deles originais e uma nova versão de “Colibri”.

Farol, 2008**Sempre de mim, Camané**

Um trabalho que inclui poemas de Fernando Pessoa e temas de Luís de Macedo e Jacinto Lucas Pires. Ainda entre as novidades o tema *Asas Fechadas* de Amália Rodrigues, e que foi composto por Alain Oulman exclusivamente para a fadista.

Sempre de Mim conta com produção de José Mário Branco e a colaboração dos músicos José Manuel Neto (guitarra portuguesa), Carlos Manuel Proença (viola) e Carlos Bica (contrabaixo).

Um disco, o quinto na carreira do fadista, que marca o fim de uma pausa de sete anos.

EMI Music Portugal, 2008**Sisal, Gil do Carmo**

Após uma pausa de nove anos, Gil do Carmo está de regresso com *Sisal*, um disco que conta com várias colaborações e que é para o músico uma homenagem ao fado.

Gil do Carmo convidou para participar neste álbum Bernardo Sasseti, Pedro Jóia, Sara Tavares, Rão Kyao, Viky e a Orquestra Sinfonieta de Lisboa.

O músico é o autor da maioria das letras dos 12 temas que constituem o álbum que, nas suas palavras, é “espontâneo e orgânico, vem da terra, um álbum português com maiúscula, da portugalidade, e logo reflecte os cruzamentos musicais que tivemos”.

Farol, 2008



Coimbra, Coimbra

Reviver a cidade dos estudantes, Coimbra, e as suas tradições musicais. É este o objectivo do trio Coimbra, um projecto com cerca de ano e meio. O álbum é constituído na sua maioria por originais, à excepção do instrumental “Dança” de Carlos Paredes e de “Porto Santo” (Mar Português) de Fernando Pessoa e Paredes, com arranjos de Pedro Lopes. Entre os poetas de renome agora cantados pelo trio constam ainda Antero de Quental, Mário Cesariny e Miguel Torga. Entre os objectivos do grupo está “trazer modernidade ao som coimbrão”.

HM, 2008

Ao Mestre com Carinho – Um Tributo a Tom Jobim, Vários/ Brasil

No mês em que a Bossa Nova comemora 50 anos, surge este álbum totalmente dedicado a Tom Jobim, nome que melhor representa a música brasileira na segunda metade do século XX e considerado um dos criadores do movimento da Bossa Nova. Esta compilação é um tributo ao compositor feito por grandes nomes da música brasileira que aqui interpretam temas exclusivamente da autoria de Tom Jobim. Sucessos como o caso de “Garota de Ipanema” com Toquinho, “Ela é carioca” com Marcos Valle, “Chega de saudade” com Joyce, são alguns exemplos das músicas deste álbum.

E.M.I., 2008

Navega, Mayra Andrade

É o primeiro álbum de Mayra Andrade e, embora já tenha dois anos, colocou recentemente a jovem entre os mais consagrados nomes da música pelos prémios conseguidos. O trabalho foi distinguido na edição deste ano dos *Prémios Cubadisco Internacionais*; antes foi galardoada com o *Prémio World Music Revelação da BBC Rádio 3*; e recebeu o Prémio das críticas de discos alemães, cujo júri é composto de 114 jornalistas especializados em música.

Mayra Andrade, filha de pais cabo-verdianos, nasceu em Cuba há 23 anos, mas repartiu a sua infância por quatro países: Cabo Verde, Senegal, Alemanha e Angola. Desde 2003 que vive em Paris.

Sony BMG Music Entertainment, LDA, 2006

Tam Iao San

**“Quero ser
treinador
profissional”**

Não nasceu em Macau, mas cedo vestiu a camisola da RAEM. Jornalista desportivo no Canal Chinês da TDM, Tao Iao San é também o nome de que se fala no futebol do território. Campeão com o Monte Carlo, o treinador-jornalista explica como equilibra as lides da bola, de um e do outro lado do ecrã

O que apareceu primeiro? A paixão pelo futebol ou a paixão pelo jornalismo?

Cheguei a Macau com a minha família quando tinha sete anos e tive a sorte de me estrear pela selecção escolar, num Interport com Hong Kong, aos doze. Fui dos poucos da minha geração a vestir a camisola de Macau nas escolas, nos juniores e nos seniores. Antes de equacionar uma carreira no jornalismo, eu era já um futebolista. Na universidade estudei Inglês e Comunicação e fiz um mestrado em Jornalismo. Entrei na TDM em Setembro de 1999 para um estágio e Tam Kai Ho, director do Departamento de Informação do Canal Chinês, reparou na ligação que tinha ao desporto e colocou-me na secção desportiva. Esse foi o primeiro passo. Integrei a TDM de forma efectiva pouco depois, já lá vão oito anos.

Como é que o jornalista Tam Iao San se refere a Tam Iao San, treinador de futebol?

Nunca menciono o meu nome nas notícias e nas reportagens que faço para a televisão. Mesmo quando jogava e marcava um golo, não dizia "O golo foi marcado por Tam Iao San". Arranjava sempre uma forma de contornar a questão, dizia qualquer coisa como "a equipa A inaugurou o marcador numa belíssima combinação ofensiva". Tenho a perfeita noção de que tenho a obrigação de ser objectivo no trabalho que faço.

É fácil aliar as duas coisas? O futebol e a televisão?

Em termos de tempo e de dedicação, tenho conseguido lidar bastante bem com ambos os projectos. Em termos de valores, já não é assim tão fácil. Sou jornalista e nalguns casos vejo-me forçado a reportar notícias que dizem respeito ao Monte Carlo. Por vezes ouço críticas de pessoas que estão comigo no futebol e pondero muito sobre a forma como faço o meu trabalho. Não sou imune a um conflito interior, mas procuro sempre transmitir factos e nunca emoções.

É casado e tem uma filha... Entre o futebol e a TV, é possível ainda arranjar tempo para a família?

Nem sempre, devo dizer. Tenho a sorte de ter uma família que me compreende. Antes de ter casado comigo, a minha mulher já me conhecia há muito tempo e sabia que o futebol para mim é um vício. Ela apoia-me e eu sinto que ela sente orgulho em mim, seja no estádio, seja na TDM.

Monte Carlo campeão, primeiro título como treinador. O ponto mais alto da carreira?

Um dos pontos altos. Enquanto jogador venci quatro títulos com o Lam Pak e com o Pau Peng (FC Artilheiros) e fui chamado à selecção durante mais de seis anos com alguma regularidade. Um dos momentos que recordo com maior enlevo foi o jogo no Iraque a contar para a fase de qualificação para o Campeonato do Mundo. Foi o único jogo que disputei com o estádio completamente cheio. Estavam 50 mil pessoas nas bancadas. Perdemos por 8-0, mas nunca mais vou esquecer a atmosfera daquele estádio em Bagdad.

Quanto vale um título em Macau?

Vale o que vale, num local onde o futebol é amador. O futebol em Macau tem ainda um longo caminho pela frente, mas se atentarmos às coisas por esse prisma também eu tenho muito por onde evoluir. Participei em mais de uma dezena de acções de formação um pouco por toda a Ásia e tenciono continuar a aprender. O objectivo? Treinar a nível profissional ... Um dia

- **MANTENHA SE LIGADO À REALIDADE DE MACAU, ATRAVÉS DO CIBERESPAÇO**

- ONDE QUER QUE ESTEJA!

- **BASTA UM CLIQUE NO SEU RATO, PARA TER ACESSO AOS CANAIS PORTUGUESES DA TDM**



**COM A TDM,
MACAU ESTÁ MAIS PRÓXIMO DE SI**



ACRESCENTE O NOSSO ENDEREÇO À SUA LISTA DE PREFERÊNCIAS!

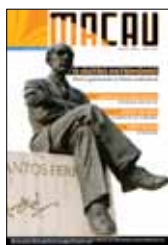


<http://www.tdm.com.mo/pt>



TDM

AGRADECEMOS A SUA PREFERÊNCIA



Revista **MACAU**

Locais de Venda

ANGOLA

Lello, SARL

Lg. David Cervant

Luanda

Tel: +(244) 2 333 144

BRASIL

São Paulo

Casa de Macau de São Paulo

Rua Mário Martins de Almeida, 234

04772-150 - SP

Tel: +(55 11) 56685888

Rede Siciliano

Banca Cidade Jardim

Pr. Deputado Dário de Barros, no 15

05670-090 - SP

Tel: +(55 11) 3812-7299

Barão

Rua Barão de Itapetininga, 227

01042-001 - SP

Tel.: +(55 11) 3255-6641

Shopping D

Av. Cruzeiro do Sul, 1100

- Canindé - 2o Piso

03033-020 - SP

Tel: +(55 11) 3313-1944

Shopping Ibirapuera

Av. Ibirapuera, 3103

Indianópolis - Piso Jurupis

04029-903 - SP

Tel: +(55 11) 5543-0071

Shopping Iguatemi

Av. Brigadeiro Faria Lima, 2232

Jd. América - Piso Térreo

01451-000 - SP

Tel: +(55 11) 3031-9434

Shopping Jardim Sul

Av. Giovanni Gronchi, 5819

Piso 1 - Morumbi

05724-003 - SP

Tel: +(55 11) 3744-1901

Shopping Metrô Santa Cruz

Rua Domingos de Moraes, 2564 -

Loja L1/2

04035-100 - SP

Tel: +(55 11) 5083-4616

Shopping Metrô Tatuapé

Rua Domingos Agostim, 91

Segundo Piso

03314-030 - SP

Tel: +(55 11) 6192-9562

Shopping Paulista

Rua 13 de Maio, 1947 -

Piso Maestro Cardim - Bela Vista

01327-020 - SP

Tel: +(55 11) 3289-3507

Shopping Pátio Higienópolis

Av. Higienópolis, 618

Piso Higienópolis

01238-000 - SP

Tel: +(55 11) 3823-2669

Shopping Plaza Sul

Praça Leonor Kaupa, 100

Piso Térreo - Jardim da Saúde

04151-100 - SP

Tel: +(55 11) 5073-8040

Shopping Sp Market

Av. das Nações Unidas, 22540 -

Jurubatuba

04795-100 - SP

Tel: +(55 11) 5685-3552

Shopping West Plaza

Av. Antártica, 380 - Bloco A

Segundo Andar - Água Branca

05003-020 - SP

Tel: +(55 11) 3872-7195

Espaço Siciliano - Vila Olímpia

Rua Cardoso de Melo, 630

04548-003 - SP

Tel: +(55 11) 3842-9811

Rio de Janeiro

Casa de Macau do RJ

R. Gonzaga Bastos, 325, Vila Isabel

CEP 20541-000 - RJ

Tel: +(55 21) 22887225

Rede Siciliano

Leblon

Ataufo de Paiva, 1063 A - Leblon

22450-010 - RJ

Tel: +(55 21) 2540-8725

Botafogo Praia Shopping

Praia de Botafogo, 400

Loja 408/409 - Botafogo

22250-040 - RJ

Tel: +(55 21) 2237-9100

Copacabana

Av. N. S. de Copacabana, 766

22050-000 - RJ

Tel: +(55 21) 2548-2683

Rio Branco

Av. Rio Branco, 156 - Centro

20040-006 - RJ

Tel.: +(55 21) 2544-432

Barra Shopping

Av. das Américas, 4666

Primeiro Piso - Barra da Tijuca

22631-004 - RJ

Tel: +(55 21) 2431-9507

São Conrado Fashion Mall

Estrada da Gávea, 899

Segundo Piso - São Conrado

22610-000 - RJ
Tel: +(55 21) 3322-0637

Norte Shopping

Av. Dom Helder Camara, 5474
Piso S - Del Castilho
20774-004 - RJ
Tel: +(55 21) 2595-7504

Brasília

Rede Siciliano

Brasília Shopping and Towers
Setor Coml. Norte B, QD 05 Lote A
70710-500 - DF
Tel: +(55 61) 3326-6946

Conjunto Nacional

SDN/CNB - Lojas 2083/2087
70077-900 - DF
Tel: +(55 61) 3328-5813

Shopping Liberty Mall

SC/Norte, Quadra CN 02
70710-900 - DF
Tel: +(55 61) 3328-0694

Pátio Brasil Shopping

SCS/B - Lote A, Nível I
70307-902 - DF
Tel: +(55 61) 3323-6789

Park Shopping

SAI/SO Área, 6580 - Primeiro Piso
71211-970 - DF
Tel: +(55 61) (61) 3362-0918

MOÇAMBIQUE

Livraria Minerva

Rua Consiglieri Pedroso, 66/84
Maputo
Tel: +(258) 21 322 092

Mabuko

Av. Julius Nyerere, 820
Maputo
Tel: +(258) 21 415 865

Europa - América (MOC), Lda.

Av. 24 Julho, 377
Maputo
Tel: +(258) 21 491157

PORTUGAL

Lisboa

Casa de Macau em Portugal

Av. Gago Coutinho, 142,
1700-033, Lisboa
Tel: +(351) 21 849 5342

**Centro de Promoção
e Informação Turística
de Macau em Portugal
Direcção dos Serviços de
Turismo da RAEM**

Av. 5 de Outubro, n.o 115, r/c
1069-204 Lisboa
Tel: +(351) 217 936 542

Porto

Livraria Latina

Rua de Santa Catarina, 2
4000-441 - Porto
Tel: +(351) 22 200 12 94

Aveiro

Livraria Nobel Académica
Rua Eça de Queirós 62
3810-109 Aveiro
Tel: +(351) 234421494

TIMOR-LESTE

Hotel Timor

Rua Mártires da Pátria
Dili
Tel: +(670) 723-2007

MACAU

Livraria Portuguesa

Rua São Domingos, 18-22
Tel: +(853) 2856 6442

Livraria S. Paulo

Travessa do Bispo - 11 R/C "C"
Tel: +(853) 2832 3957

Livraria Bloom

Largo do Pagode do Bazar
Rua de Guimarães, 206
Tel: +(853) 2892 0121

Plaza Cultural Macau

Av. do Conselheiro Ferreira de
Almeida, 32
Tel: +(853) 2833 8561

Se deseja ser assinante da Revista Macau (assinatura anual) fotocopie, preencha o cupão e envie-o por correio, fax ou e-mail.

Av. Dr. Rodrigo Rodrigues 600E,
Edf. Centro Comercial First International, 14º andar, Sala 1404 - Macau
email: assinaturas@revistamacau.com Tel: + 853 2832 3660 Fax: + 853 2832 3601

Nome:

Morada:

Telefone: Fax:

E-mail:

Angola: 1,150.00 AON

Brasil: R\$ 29.00

Cabo Verde: 1,200.00 CVE

Guiné Bissau: 7,000.00 XOF

Macau: 100.00 MOP

Mundo: US \$13.00

Moçambique: 350,000.00 MZM

Portugal: € 10.00

S. Tomé: 94,000.00 STD

Timor: US \$13.00



deltaedições